

The left side of the image shows a book cover with a dense, repeating pattern of small, stylized flowers or leaves in white and light green on a red background. The right side is a plain, light-colored paper cover.

Parnaso de Além Túmulo

Parnaso de Além Túmulo

POESIAS MEDIONICAS PSICOGRAFADAS

POR

Francisco Cândido Xavier

(PEDRO LEOPOLDO, Minas)

PREFACIADO POR

M. QUINTÃO

4.ª EDIÇÃO



1944

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Avenida Passos, 30

Rio de Janeiro

Desta edição, em formato especial, foram tirados alguns exemplares em papel acetinado de primeira, com capa em tricromia, e caprichosamente encadernados.

Índice

	<i>Págs.</i>
A guisa de prefácio	13
Palavras minhas	21
Pró-forma (para a 2. ^a edição)	27
De pé, os mortos	31
Em 3. ^a edição	33
Em 4. ^a edição	36
<i>Abel Gomes</i>	
Temos Jesus	39
<i>Albérico Lobo</i>	
Do meu pôrto	41
<i>Alberto de Oliveira</i>	
Jesus	43
Ajuda e passa	44
Do último dia	45
<i>Alphonsus de Guimarães</i>	
Aos crentes	46
Redivivo	47
Sinos	48
Santa Virgo Virginum	49
<i>Alma Eros</i>	
O cálice	50
O irmão	51
<i>Amaral Ornellas</i>	
Ave Maria	53
<i>Antero do Quental</i>	
Ciência ínfima	55
Rainha do céu	56
A Morte	57

Confeccionado nas oficinas
da **FEDERAÇÃO**

	<i>Págs.</i>
Depois da Morte	58
Soneto	60
O remorso	61
Soneto	62
Deus	63
Consolai	64
Creança	65
Não choreis	66
Mão divina	67
Almas sofredoras	68
Supremo engano	69
Incognoscível	70
Fatalidade	71
<i>A. G.</i>	
Morte	72
<i>Amadeu (?)</i>	
O mistério da morte	73
<i>Antonio Nobre</i>	
Quadras de um poeta morto	74
Do Além	78
Soneto	79
Ao mundo	80
A mocidade	81
<i>Antonio Tôrres</i>	
Esquife do sonho	82
Nada... ..	83
<i>Artur Azevedo</i>	
Miniaturas da sociedade elegante	84
<i>Augusto de Lima</i>	
O doce missionário	87
O santo de Assis	91
<i>Augusto dos Anjos</i>	
Voz do Infinito	93
A dor	97
Vozes de uma sombra	98
Voz humana	102
Alma	103

	<i>Págs.</i>
Análise	104
Evolução	105
Homo	107
Incógnita	109
Número infinito	110
Ego sum	111
Dentro da noite	112
Homem-célula	114
Na imensidade	115
Alter ego	117
Aos fracos da vontade	118
Ao homem	120
Matéria cósmica	121
Raça adâmica	122
A subconsciência	123
Espirito	124
Vida e morte	125
Nos véus da carne	126
Homem da Terra	127
Guerra	128
Nas sombras	129
Confissão	130
Homem-verme	131
Gratidão à Leopoldina	132
Civilização em ruínas	133
A Lei	134
No crepúsculo da civilização	135
A um observador materialista	136
Ante o Calvário	137
<i>Auta de Souza</i>	
Almas dilaceradas	138
Contrastes	139
Mágoa	140
Hora extrema	141
Em paz	142
Em êxtase	143
Mãe	144
Prece	145
Adeus	145
Almas	146
Almas de virgens	147
Carta íntima	148
Maria	149

	<i>Págs.</i>
Mensagem fraterna	149
Vinde!	150
O Senhor vem... ..	151
<i>B. Lopes</i>	
Miragens celestes	152
Cromos	154
<i>Batista Cepelos</i>	
Sonetos I, II, III	156 e 157
<i>Belmiro Braga</i>	
Rimas de outro mundo	159 a 162
Bilhetes	162
Quadras	164
<i>Bittencourt Sampaio</i>	
A Virgem	165
A Maria	168
As filhas da Terra	169
A Virgem	170
<i>Carmen Cinira</i>	
Minha luz	171
Aos Espíritos consoladores	173
Cigarra morta	175
Era uma vez... ..	176
A juventude	178
O viajor e a Fé	178
O sinal	179
<i>Casimiro Cunha</i>	
Na eterna luz	180
Anjinhos	184
Ascensão	186
Quadras	188
Supremacia da Caridade	189
Versos	191
Símbolo	192
Pensamentos espiritas	193
Sombra e luz	194
O beijo da morta	195
O engano	196
Flores silvestres	197

	<i>Págs.</i>
Ao meu caro Quintão	199
Espiritismo	201
Aos companheiros da Doutrina	202
<i>Casimiro de Abreu</i>	
A minha terra	204
A Terra	207
Lembranças	209
Recordando	212
<i>Castro Alves</i>	
Marchemos!	215
A morte	219
<i>Cornélio Bastos</i>	
Não temas	223
<i>Cruz e Souza</i>	
Ansiedade	225
Heróis	226
Aos torturados	227
A sepultura	228
Anjos da paz	229
Alma livre	230
Glória victis	231
Nossa mensagem	232
Oração aos libertos	233
Céu	234
Aos tristes	235
Beleza da morte	236
Mensageiro	237
Se queres	238
A dor	239
Noutras eras	240
Sofre	241
Exaltação	242
Vozes	243
Soneto	244
Glória da dor	245
Quanta vez	246
Ide e pregai	247
Caridade	248
Renúncia	249
Tudo vaidade	250

	Págs.
Ouvi-me	251
Felizes os que têm Deus	252
Glória aos humildes	253
Aos trabalhadores do Evangelho	254
<i>Emílio de Menezes</i>	255
Eu mesmo	256
Aos meus amigos da Terra	
<i>Fagundes Varela</i>	257
Imortalidade	
<i>Guerra Junqueiro</i>	261
O padre João	265
Caridade	273
Romaria	276
Eterna vítima	278
A um padre	281
"Um quadro da Quaresma"	285
Contra a Bêsta Apocalítica	
<i>Gustavo Teixeira</i>	286
A São Pedro de Piracicaba	
<i>Hermes Fontes</i>	287
Soneto	288
Minha vida	289
Poema da amargura e da esperança	
<i>Jodo de Deus</i>	291
As lágrimas	296
O céu	297
Morrer	298
O mau discípulo	307
Na estrada de Damasco	315
Parnaso de Além Túmulo	316
Angústia materna	319
Lamentos do órfão	322
O leproso	323
Bondade	324
Oração	326
A fortuna	327
Oração	329
Além	330
Soneto	331
A Prece	332
Fraternidade	

	Págs.
Lembraí a chama	332
Eterna mensagem	334
No Templo da Educação	335
Na noite de Natal	336
<i>José Duro</i>	
Aos homens	337
Soneto	338
<i>José Silvério Horta</i>	
Oração	339
<i>Júlio Diniz</i>	
O espôso da pobreza	341
Poesia	344
Aves e anjos	346
<i>Juvenal Galeno</i>	
Pobres	347
Sextilhas	351
De cá	354
<i>Lucindo Filho</i>	
Sem sombras	356
<i>Luiz Guimarães Júnior</i>	
Soneto	357
Voltando	358
<i>Luiz Murat</i>	
Além ainda... ..	359
<i>Marta (?)</i>	
Nunca te isoles	361
Unidade	363
No Templo da Morte	365
Jesus	367
Lembra-te do Céu	368
Ao pé do altar	370
Mãe das mães	372
<i>Olavo Bilac</i>	
Jesus ou Barrabás	374
Soneto	375
No Hórto	376

	<i>Págs.</i>
O beijo de Judas	377
A crucificação	378
Aos descrentes	379
Ideal	380
Ressurreição	381
<i>Pedro de Alcântara</i>	
Meu Brasil	382
No exílio	383
Rogativa	384
Soneto	385
Página de gratidão	386
Oração ao Cruzeiro	387
Bandeira do Brasil	388
Brasil do Bem	389
Brasil	390
<i>Raimundo Corrêa</i>	
Sonetos	391 e 392
<i>Raul de Leoni</i>	
Luta	393
Na Terra	394
Soneto	395
Nós... ..	396
Post mortem	397
Soneto	398
<i>Rodrigues de Abreu</i>	
Vi-te, Senhor!	399
No Castelo encantado	401
<i>Souza Caldas</i>	
Atos de contrição	404
Versão do Salmo 12	407
Versão do Salmo 18	408
<i>Um desconhecido</i>	
Meditando	411
O nobre castelão	413
Nesga do céu	417
<i>Valado Rosas</i>	
Aos meus irmãos	421
Na paz do Além	423

A GUIA DE PREFÁCIO

A teoria, tanto quanto a prática espírita, apresenta aos leigos e inscientes, aspetos e modismos inéditos, imprevistos, bizarros, surpreendentes.

Nos domínios da mediunidade, então, o reservatório de surpresas parece inesgotável e desconcerta, e surpreende até os observadores mais argutos e avisados.

Se fôssemos minudenciar, escarificar o assunto até às mais profundas raízes, poderíamos concluir que o comércio de encarnados e desencarnados, velho quanto o mundo, se indicia mais ou menos latente ou ostensivo, em todos os atos e feitos da humanidade.

Inspirações, idéias súbitas ou pervicazes, sonhos, premonições e atos havidos por espontâneos e propriamente naturais, radicam, muito e mais na influenciação dos Espíritos que nos cercam — por força e derivativo da mesma lei de afinidade incoercível no plano físico, quanto no psíquico — do que a muitos poderia parecer.

É assim como se não desloca nem se precipita, isoladamente, um átomo no concôrto sideral dos mundos infinitos, assim também, não há pensamento, idéia, sentimento, isolados no concôrto consciencial dos seres inteligentes, que atualizam e vivificam o pensamento divino, em ascese indefinida — *semper ascendens*...

É' o que fazia dizer a Luis Michel: "um ser que morre, uma fôlha que cai, um mundo que desaparece, não são, nas harmonias eternas, mais que um silêncio necessário a um ritmo que não conhecemos ainda".

Mas, não há daí concluir que a criatura humana se reduza à condição de autômato, sem vontade e sem arbítrio, porque, nada à revelia da Lei se verifica; e no

jogo dessa atuação constante, o ascendente dos desencarnados não vai além das lindes assinadas pela Providência; não ultrapassa, jamais, a capacidade receptiva do percipiente, seja para o bem, seja para o mal.

*
* *

Não é, contudo, dêsse mediunismo sutil, intrínseco, consubstancial à natureza humana, que importa tratar aqui.

Nem remontariamos aos filões da História para considerar-lhe a identidade nos templos da Índia, do Egito, da Grécia, das Gálias e de Roma, em trânsito para a Idade-média, na qual os médiuns eram inolados ao mais estúpido dos fanatismos — o religioso. Hoje, fogueira e potro foram substituídos pela difamação, pelo ridículo alvar, pago em boa espécie monetária, ou ainda pelo cerco caviloso e interditório de quaisquer vantagens sociais.

A luta tornou-se incruenta, mas, nem por isso, menos áspera e porfiosa.

Assoalha-se que a medunidade é fonte de mercantilismo: entretanto, nenhum grande médium, que o saibamos, chegou a acumular fortuna e rendimentos.

Muitos, ao invés, quais Home, Slade, Eusápia e d'Esperance, morreram paupérrimos e, o que mais é, tendo a panejar-lhes a memória o labéu de charlatães.

Mas, houvesse de fato êsse mercantilismo e nunca se justificaria, senão por abusivo e espúrio, de vez que a doutrina o não autoriza, sequer por hipótese.

Porque, na verdade, assim se escreve a História o maior dos médiuns, o Médium de Deus, só escapou ao estigma da posteridade pela porta escusa do concílio de Nicéia, numa divinização acomodaticia e rendosa ao formigamento parasitário e onívoro dos Constantinos, que, ainda hoje, lhe exploram os feitos e o nome augusto, com bulas políticas de vulpina retórica, factícios pruridos de grosseira mistificação, em bonzolatrias de cimento-armado.

Entretanto, como a confirmar a tradição — “os Santos Apóstolos foram, em sua maioria, humildes pescadores” — e não só a tradição, como a sentença de que os últimos seriam os primeiros, — não vêm hoje os vexilários da Verdade trazê-la aos magnatas da terra, aos príncipes dos sacerdotes, escribas e fariseus hodiernos, disputantes à compita da magnífica carapuça a eles talhada e ajustada, de vinte séculos, no Capítulo XXIII de Mateus.

Ao contrário, êsses esculcas do Além parece preferirem os operários modestos, modestos e rústicos, rústicos e bons, como tão sutilmente os define o Eça em magistral mensagem:

“Tipos originais, mãos calosas que se entregam aos rudes trabalhos braçais, a fazerem a literatura do além-túmulo; homens que Tartufo chama bruxos e Esculápio qualifica de basbaques, mistificadores, ou simples casos patológicos a estudar”...

E' verdade tudo isso; mas, convenhamos: também • é para maior glória de Deus.

Não ignoramos que homens de alta cultura e renome científico têm versado o assunto, investigado, perquirido e proclamado a verdade, acima e além das conveniências e preconceitos políticos, científicos, religiosos. Nomeá-los aqui, seria fastidioso quanto inútil.

O vulgo que não lê, ou que lê pela cartilha do Sr. vigário nos conselhos privados da família beata, não deitaria os seráficos olhares a estas páginas e seguiria, elamoroso ou contente, de qualquer forma inconsciente, — *infinitus stultorum numerus* — a derrota do seu calvário, no melhor dos mundos, à Pangloss.

O outro, o vulgo que lê e compreende, mas para o qual o *magister dixit* é a melhor fórmula de concessão e acomodação consigo mesmo, estômago e vísceras em função, sofra quem sofrer, dêa a quem doer — êsse, basofianando ciência em gestos largos de animalidade superior, se estas linhas chegasse a ler, haveria de esboçar aquêle sorriso fino e bom que Bonnemère não sabia definir se seria de Voltaire, ou do mais refinado dos idiotas...

*
* * *

Adiante, pois, na tarefa nada espartana de apresentar esta prova opima das esmoladas de luz que nos chegam em revoada de graças, a encher-nos o coração de alvigeiras esperanças.

Quem quiser certezas maiores, explanações técnicas e eruditas do fenômeno em aprêço, que as procure no livro *Do País da Luz*, obra similar, editada há uma vintena de anos, psicografada pelo médium português Fernando de Lacerda, e que fez, nas rodas profanas de Lisboa, o mais ruidoso sucesso.

Nessa obra, o ilustre Dr. Souza Couto, em magistral prefácio esgotou o assunto ao encará-lo sob todos os prismas de uma severa crítica, para concluir pela transcendência do fenômeno, rebelde a todos os métodos de classificação científica e, sem embargo, realíssimo em sua especificidade.

Pois, a nosso ver, maior é o mérito, por mais opulenta a polpa mediúnica, desta obra.

E' que lá, em *Do País da Luz*, avulta a prosa, com raras exceções; ao passo que aqui desborda o verso, mais original, mais difícil, mais precioso como índice de autenticidade autoral.

Lá, as mensagens características são exclusivas de escritores lusos, únicas que podem, a rigor, identificar pelo estilo, os seus autores.

As de Napoleão I, Tereza de Jesus, etc., são incontestavelmente belas no fundo e na forma, mas não características de tais entidades.

Aqui, pelo contrário, não só concorrem poetas brasileiros e portugueses, como retinam cristalinas e contrastantes as mais variadas formas literárias, como a facilitarem de conjunto a identificação de cada um.

Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Simbolismo, aí se ostentam em louçanias de sons e de cores, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente, a sobrevivência dos seus intérpretes.

E' ler Casimiro e reviver *Primaveras*; é recitar Castro Alves e sentir *Espumas flutuantes*; é declamar Jun-

queiro e lembrar a *Morte de D. João*; é frasear Augusto dos Anjos e evocar *Eu*.

Senão, vejamos:

Oh! que clarão dentro dalma
Constantemente cismando,
O pensamento sonhando
E o coração a cantar,
Na delicada harmonia
Que nascia da beleza,
Do verde da Natureza,
Do verde do lindo mar.

E' Casimiro...

Há mistérios peregrinos
No mistério dos destinos
Que nos manda renascer;
Da luz do Criador nascemos.
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver.

E' Castro Alves...

Pairava na amplidão estranho resplendor.
A Natureza inteira em lúcida poesia,
Repousava feliz nas preces da harmonia!...
Era o festim do amor
No firmamento em luz,
A grandeza de uma alma que voltava
Ao redil de Jesus.

E' Junqueiro...

Descansa, agora, vibrão das ruínas,
Esquece o verme, as carnes, os estrumes,
Retempera-te em meio dos perfumes,
Cantando a luz das amplidões divinas.

E' Augusto dos Anjos.

E todos, todos os mais, aí estão vivos, ardentes, inconfundíveis na modulação de suas líras encantadas e decantadas.

E na prosa — exceto a de Fernando de Lacerda, cujo estilo não temos elementos para identificar — o mesmo traço de originalidade personalíssima se impõe.

Duvidamos que o mais solerte plúmifixo, o mais intelectual dos nossos literatos consiga imitar, sequer, ainda que premeditadamente, esta produção.

E isto o dizemos porque o médium Xavier, um quase adolescente, sem lastro, portanto, de grande cultura e treino poético, recebe-a de jacto e mais — quando de alguns autores não conhece uma estrofe.

E' extraordinário, será maravilhoso, mas é a verdade nua e crúa; verdade que, qual a Luz, não pode ficar debaixo do alqueire.

Foi por assim pensarmos que conseguimos vencer a relutância do médium em sua natural modéstia para lançar ao público, em geral, e aos confrades, em particular, esta obra mediúnica, que, certo estamos, ficará como balisa fulgurante, na história a tracejar do Espiritismo em nossa pátria.

*
* * *

Mas, perguntarão: — quem é Francisco Cândido Xavier? Será um rapaz culto, um bacharel formado, um acadêmico, um rotulado d'esses que por aí vão felicitando a Família, a Pátria e a Humanidade?

Nada disso.

O médium polígrafo Xavier é um rapaz de 21 anos, um quase adolescente, nascido ali assim em Pedro Leopoldo, pequenino rincão do Estado de Minas. Filho de pais pobres, não pôde ir além do curso primário dessa pedagogia incipiente e rotineira, que faz do mestre-escola, em tésse, um galopim eleitoral e não vai, também em tésse, muito além das quatro operações e da leitura corrida, com borrifos de catecismo católico, de contrapêso.

Órfão de mãe aos 5 anos, o pai infenso e literatice e ao demais, premido pelo ganha-pão, é bem de ver-se

que não teve, que não podia ter o estímulo ambiente, nem uma problemática hereditariedade, nem um, nem dez cirineus que o conduzissem por tortuosos e torturantes labirintos de acesso aos altanados paços do Olimpo para o idílico convívio de Calíopes e Polímias.

Tudo isso é o próprio médium quem no-lo diz, em linguagem eloqüente, porque simples como a própria alma cedo esfolha de sonhos e ilusões, para não pretender colimar renomes literários.

Ao lhe formularmos um questionário que nos habilitasse a pôr de plano êstes detalhes essenciais — de vez que, em obra dêste quilate o que se impõe não é a apresentação dos operários, mas da ferramenta por êles utilizada, tanto quanto do seu manuseio; e não querendo, por outro lado, endossar um fenômeno cuja ascendência sobejamente conhecemos para não recusar, mas, cujo flagrante não presenciámos — êle, o médium, veio "candidamente" ao nosso encontro com *Palavras minhas*, nas quais estereotipa a sua figura moral, tanto quanto retrata as impressões psico-físicas que lhe causa o fenômeno.

Nós mesmo vimos, certa vez, em S. Paulo, o médium Mirabelli cobrir dezoito laudas de papel almaço no exíguo tempo de 13 minutos marcados à relógio, enquanto conosco disqueteava em idioma diverso da mensagem escrita.

E' um fato. Do seu mecanismo intrínseco e extrínseco, porém, nada nos disse o médium.

Agora, diz-nos êste que também as produções são recebidas de jacto.

Não há ideação prévia, não há encadeamento de raciocínios, fixação de imagens.

E' tudo inesperado, explosivo, torrencial!

Do que escreve e sabe que está escrevendo, também sabe que não pensou e não seria capaz de escrever.

Há vocábulos de étimo que desconhece; há fatos e recursos de hermenêutica, figuras de retórica, que ignora; teorias científicas, doutrinas, concepções filosóficas das quais nunca ouviu falar, de autores também ignorados e jamais lidos!

Como explicar, como definir e transfixar a captação, a realização essencial do fenômeno?

Só o médium poderia fazê-lo, e isso é o que faz a seguir, de maneira impressionante, e de modo a satisfazer aos familiares da doutrina.

Aos outros, aos cépticos, fica-lhes a liberdade de conjecturar, para melhor explicar, sem contudo negar, porque o fato aí está na plenitude de sua realidade, e um fato, por mais insólito que seja, vale sempre por mil e uma teorias, que nada explicam, antes complicam...

*
*
*

Como nota final aos Árgus da crítica, Catões e Zóilos de compasso e metro, faisqueiros de nugas e nicas, na volúpia de escandir *quand même*, diremos que, encarregado de apresentar esta obra, não nos dispusemos a escoimá-la de possíveis defeitos de técnica, não só por nos faltar autoridade e competência, como por julgar que tal oúso seria uma profanação.

Trata-se, precipuamente, de um trabalho de identificação autoral, e de entidades hoje mais lúcidas e respeitáveis do que porventura o foram aqui na terra.

Tal como nô-lo deram, êsse trabalho melhor corresponde à sua finalidade altíssima, e o que a legítima ética doutrinária aponta é que quaisquer lacunas, ou taliscas, devem ser atribuídas ou irrogadas ao possivelmente precário aparelhamento de transmissão, ou a fatores outros, em suma, que mal podemos imaginar e que, no entanto, racional e logicamente, devem existir, mais sutis e delicados do que êsses que, a miúdo, ocorrem na telepatia, na radiofonia, em tudo, enfim, que participa do meio físico contingente.

Que os arautos da Bôa-Nova aqui escalonados, por vindos de tão alto, nos perdoem a vacuidade e a insulência destas linhas, e que os leitores de bôa vontade as desprezem como inúteis, para só apreçarem a obra que ora lhes apresentamos, na pauta evangélica que diz: — *A árvore se conhece pelo fruto.*

M. QUINTÃO.

PALAVRAS MINHAS

Nasci em Pedro Leopoldo, Minas, em 1910. E até aqui, julgo que os meus atos perante a sociedade da minha terra são expressões do pensamento de uma alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade; e creio mesmo que todos os que me conhecem podem dar testemunho da minha vida repleta de árduas dificuldades, e mesmo de sofrimentos.



Filho de um lar muito pobre, órfão de mãe aos cinco anos, tenho experimentado toda a classe de aborrecimentos na vida e não venho ao campo da publicidade para fazer um nome, porque a dor há

muito que já me convenceu da inutilidade das bagatelas que são ainda tão estimadas neste mundo.

E, se decidi escrever estas modestas palavras no limiar dêste livro, é apenas com o intuito de elucidar o leitor, quanto à sua formação.

Começarei por dizer-lhe que sempre tive o mais pronunciado pendor para a literatura; constantemente, a melhor boa vontade animou-me para o estudo. Mas, estudar como? Matriculando-me, quando contava oito anos, num grupo escolar, pude chegar até ao fim do curso primário, estudando apenas uma pequena parte do dia e trabalhando numa fábrica de tecidos, das quinze horas às duas da manhã; cheguei quase a adoecer com um regime tão rigoroso; porém, essa situação modificou-se

em 1923, quando então consegui um emprego no comércio, com um salário diminuto, onde o serviço dura das sete às vinte horas, mas onde o trabalho é menos rudo, prolongando-se esta minha situação até os dias da atualidade.

Nunca pude aprender senão alguns rudimentos de aritmética, história e vernáculo, como o são as lições das escolas primárias. É verdade que em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pai era completamente avesso à minha vocação para as letras, e muitas vezes tive o desprazer de ver os meus livros e revistas queimados.

Jamais tive autores prediletos; aprazem-me tôdas as leituras e mesmo nunca pude estudar estilos dos outros, por diferenciar muito pouco essas questões. Também o meio em que tenho vivido foi sempre árido, para mim, neste ponto. Os meus familiares não estimulavam, como verdadeiramente não podem, os meus desejos de estudar, sempre a braços, como eu, com uma vida de múltiplos trabalhos e obrigações e nunca se me ofereceu ocasião de conviver com os intelectuais da minha terra.

O meu ambiente, pois, foi sempre alheio à literatura; ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde se não pode pensar em letras.

Assim têm-se passado os dias sem que eu tenha podido, até hoje, realizar as minhas esperanças.

Prosseguindo nas minhas explicações, devo esclarecer que minha família era católica e eu não podia escapar aos sentimentos dos meus. Fui pois criado com as teorias da igreja, frequentando-a mesmo com amor, desde os tempos de criança, quando ia às aulas de catecismo era para mim um prazer.

Até 1927, todos nós não admitíamos outras verdades além das proclamadas pelo catolicismo; mas, eis que uma das minhas irmãs, em maio do ano referido, foi acometida de terrível obsessão; a medicina foi impotente para conceder-lhe uma pequenina melhora, sequer. Vários dias consecutivos fôram para nossa casa, horas de amargos padecimentos morais. Foi quando decidimos solicitar o auxílio de um distinto amigo, espírita convicto, o Sr José

Herminio Peracio, que caridosamente prontificou-se a ajudar-nos com a sua boa vontade e o seu esforço. Verdadeiro discípulo do Evangelho, ofereceu-nos até a sua residência, bem distante da nossa, junto à sua família, onde então, num ambiente totalmente modificado, poderia ela estudar as bases da doutrina espírita, orientando-se quanto aos seus deveres, desenvolvendo, simultaneamente, as suas faculdades mediúnicas. Ai, sob os seus caridosos cuidados e da sua exma. espôsa D. Carmen Pena Peracio, médium dotada de raras faculdades, minha irmã hauria, para nosso benefício os ensinamentos sublimes da formosa doutrina dos mensageiros divinos; foi nesse ambiente onde imperavam os sentimentos cristãos de dois corações profundamente generosos, como o são os daqueles confrades a que me referi, que a minha mãe, que regressara ao Além em 1915, deixando-nos mergulhados em imorredoura saudade, começou a ditar-nos os seus conselhos salutares, por intermédio da espôsa do nosso amigo, entrando em pormenores da nossa vida íntima, que essa senhora desconhecia. Até a grafia era absolutamente igual à que a nossa progenitora usava, quando na Terra.

Sobre esses fatos e essas provas irrefutáveis solidificamos a nossa fé, que se tornou inabalável. Em breve minha irmã regressava ao nosso lar cheia de saúde e feliz, integrada no conhecimento da luz que deveria daí por diante nortear os nossos passos na vida.

Resolvemos, então, com ingentes sacrifícios, reunir um núcleo de crentes para estudo e difusão da doutrina, e foi nessas reuniões que me desenvolvi como médium escrevente, semi-mecânico, sentindo-me muito feliz por se me apresentar essa oportunidade de progredir, datando daí o ingresso do meu humilde nome nos jornais espíritas, para onde comecei a escrever sob a inspiração dos bondosos mentores espirituais que nos assistiam. (1)

(1) Só nos últimos dias de 1931, com a graça de Deus, desenvolveram-se em mim, de maneira clara e mais intensamente, a vidência, a audição e outras faculdades mediúnicas. — (Nota do médium para esta edição).

Dai a pouco, a nossa alegria aumentava, pois o nosso confrade José Herminio Peracio, em companhia de sua esposa, deliberou ficar residência junto a nós, e as nossas reuniões tiveram resultados melhores, controladas pela sua esclarecida orientação doutrinária, auxiliado pela sua senhora, alma nobilíssima, ornada das mais superiores qualidades morais e que, entre as suas mediunidades conta com mais desenvolvimento e clariaudiência. Nossas reuniões contavam, assim, grande número de assistentes, porém, a moral profunda que era ensinada, baseada nas páginas esplendorosas do Evangelho de Jesus, parece que pesava muito, como acontece na opinião de grande maioria de almas da nossa época, quase sempre inclinadas para as futilidades mundanas, e decorridos dois anos, os assistentes de nossas sessões de estudos ecassearam, chegando ao número de quatro ou cinco pessoas, o que perdura até hoje.

Não desanimamos, contudo, prosseguindo em nossas reuniões, constituindo para nós, uma fonte de consolações, isolarmo-nos das coisas terrenas em nosso recanto de prece, para a comunhão com os nossos desvelados amigos do Além. Continuei recebendo as idéias dos mesmos amigos de sempre, nas reuniões, psicografando-as, e que eram continuamente fragmentos de prosa sobre os Evangelhos. Sómente duas vezes recebi comunicações em versos, simples.

Em agosto, porém, do corrente ano, apesar de muito a contragosto de minha parte, porque jamais nutri a pretensão de entrar em contacto com essas entidades elevadas, por conhecer as minhas imperfeições, comecei a receber a série de poesias que aqui vão publicadas, assinadas por nomes respeitáveis.

Serão das personalidades que as assinam? — é o que não posso afirmar. O que posso afirmar, categoricamente, é que, em consciência, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intelectual ao grafá-las no papel. A sensação que sempre senti ao escrevê-las, era a de que uma vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; e doutras,

que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no brago, ao psicografá-las, a sensação de flúidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis. Certas vezes, esse estado atingia o auge e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas. É o que experimento, fisicamente, quanto ao fenômeno que se produz frequentemente comigo.

Julgo do meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fôsse; essas produções chegaram-me sempre espontaneamente, sem que eu ou meus companheiros de trabalho as provocássemos e jamais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos comunicantes, em nossas preces. Passaram-se às vezes mais de dez dias, sem que se produzisse escrito algum, e dia houve que se receberam mais de três produções literárias de uma só vez. Grande parte delas foram escritas fora das reuniões e tenho tido ocasião de observar que, quanto menor o número de assistentes, melhor o resultado obtido.

Muitas vezes, ao recebermos uma destas páginas, era necessário recorreremos a dicionários, para sabermos os respectivos sinônimos das palavras nela empregadas, porque tanto eu como os meus companheiros as desconhecíamos em nossa ignorância, julgando minha obrigação, frisar aqui também, que apesar de todo o meu bom desejo, jamais obtive outra coisa na fenomenologia espirita, a não ser êsses escritos.

Devo salientar o precioso concurso da bondosa médium Sra. Carmen P. Peracio, que através da sua maravilhosa clariaudiência, auxiliou-me muitíssimo, transmitindo-me as advertências e opiniões dos nossos caros mentores espirituais, e ainda o carinhoso interesse do distinto confrade Sr. M. Quintão, que tem sido de uma boa vontade admirável para comigo, não poupando esforços para que êste desprezioso volume viesse à luz da publicidade.

E aqui termino.

Terei feito compreender a quem me lê, a verdade

como ela é? Creio que não. Em alguns despertarei sentimentos de piedade e noutros risinhos ridicularizadores. Há de haver, porém, alguém que encontre consolação nestas páginas humildes. Um desses que haja, entre mil dos primeiros, e dou-me por compensado do meu trabalho.

A todos êles, todavia, os meus saudaes, com os meus agradecimentos intraduzíveis aos bonissimos mentores do Além, que inspiraram esta obra, que generosamente dignaram-se não reparar as minhas incontáveis imperfeições, transmitindo, por intermédio de um instrumento tão mesquinho, os seus salutaes ensinamentos.

Pedro Leopoldo, Dezembro de 1931.

FRANCISCO XAVIER.

PRÓ-FORMA

(PARA A 2.^a EDIÇÃO)

Quando, há três anos, tracejamos a apresentação d'êste livro original e único, até agora, nos anais da bibliografia espirita, não tínhamos a menor dúvida sobre o seu valor intrínseco e, portanto, sobre o seu êxito.

Êxito doutrinário, principalmente, mas literário também.

E a prova de que nos não iludiamos, aqui a temos exuberante, magnífica, nesta reedição quase triplicada, não apenas no texto, como na expressão quantitativa e qualitativa dos seus autores.

Os poetas do Além parece que se não abespinharam, nem muito nem nada, com as críticas que lhes fizeram os pontífices das igrejinhas cá de baixo, e logo emprazaram colégas outros a que viessem reforçar a magna tarefa.

E êles, os novos recrutas do Parnaso aí estão vivos, solertes, perfilados na clâmide irisada de suas musas, na polifonia sutil dos mesmos alaúdes que na terra timbraram.

Esta circunstância, por si só, bastaria para dispeñar aqui a insulsicia dos nossos conceitos, se alguns epinódios e conceitos outros, supervenientes no transcurso de três anos, não desafiassem comentários e raciocínios

tendentes, não a invalidar — o que de resto fôra impossível — mas a infirmar uns tantos ímpetos negativistas e sistemáticos, em tôrno do problema da sobrevivência da alma e da possibilidade de sua comunicação com os homens, que esta obra representa.

Assim, temos nós que, de quantos com autoridade analisaram êste livro, dois pelo menos já se encontram no outro plano, e destes dois, um veio espontânea, gaillarda e nobremente penitenciar-se, por justificar o que encrêvera no "Diário Carioca", em 10 de Julho de 1932:

"O Parnaso de Além Túmulo merece como se vê, a atenção dos estudiosos, que poderão dizer o que há nêle de sobrenatural ou de mistificação."

Pois agora, é o próprio Humberto que nos diz — nem sobrenatural, nem mistificação.

A mistificação estaria, ou estará, nos que nada sabendo, em sentido absoluto, de coisa alguma, têmam era sapor que tudo sabem.

A êses, melhor lhes fôra confessar com Chateaubriand:

"Tout l'univers est un secret!"

ou, ainda com Voltaire:

"Mais... tout est miracle!"

Sim! A natureza tomada em sentido causal, específico, essencial, ou formal, é sempre um mistério... Mas, é também um fato.

Negar que existimos é afirmar a existência.

E se existimos um minuto, por que não existir uma eternidade?

Que será tempo, espaço, matéria, vida em suma?

Lendo-se agora êste depoimento póstumo de Humberto de Campos, que intencionalmente solicitamos, affia-

de enriquecer a obra em seu duplo aspecto, literário e filosófico, aí se nos depara esta preciosa advertência:

"De certo, os que receberem novamente "O Parnaso de Além Túmulo", dirão mais ou menos o que eu disse."

Indubitavelmente. Por nosso mal, que é benefício a longo prazo, os homens, continuamos a coaxar nesta rechiã paludosa, por fazer da existência inelutável um problema fisiológico, a lembrar o tábido faquir ensimesmado na contemplação do seu umbigo.

Deus, porém, tem poder para fazer das pedras filhos de Abraão, e por isso, os Humbertos de ontem vão ouvindo os Togos de tôdas as Tsu-shimas, que clamam: — de pé, os mortos!

E os mortos vivem, e as pedras falam — "glória in excelsis Deo!"

João Ribeiro, mestre que tal se fez, indeno de rabularias acadêmicas, ao referir-se a êste livro, disse que médium não atraçoara nem um dos poetas.

Ora, esta concisa sentença de João Ribeiro, vale por todos os estutilóquios e paparrotadas quejandas, que a crítica de papo-amarelo sói improvisar a propósito de quanto se afaste do seu clássico palmo de nariz.

Não era, repetimos, de nossa intenção regressar a estas páginas, tantas e tão retumbantes têm sido as provas de capacidade técnica, e moral, do médium Xavier.

O carrilhão estafado da inópia, quando não da protervia humana, demoveu-nos, porém, do propósito, senão para exaltar valores que de si mesmos aqui se impõem, ao menos para dizer alto e bom som que nenhum dos argumentos opostos à legitimidade original desta obra correspondeu à nossa expectativa, para atingi-la em sua estrutura essencial.

Porque, de fato, quanto se há dito, não passa de hipóteses abstrusas, vêzes pueris, a desfazerem-se quais flócos de bruma flexados de sol, ante os imperativos da lógica, da razão e do bom-senso.

Que isto de consciências subjacentes, porões psíqu-

cos, recalcamientos da libido, pastichos e loquelas que tais, não passa de afirmações gratuitas e só possivelmente científicas no sentido em que Izoulet conceituava a ciência, ou seja — a classificação das nossas ignorâncias...

Contudo, quem sabe — dos criticos que agora nos esperam de aljava à ilhargá e arco em punho, quantos Humbertos de Campos poderão surgir amanhã?

Deus, só Deus o sabe...

E nós, com franqueza, desejamos que assim seja, para conclamar com o mago cronista das *Memórias* — Glória in excelsis...

12 de Junho de 1935.

M. QUINTÃO.

DE PE', OS MORTOS!

Pede-me você uma palavra para o intróito do "Parnaso de Além-Túmulo", que aparecerá brevemente em nova edição.

A tarefa é difícil. Nas minhas atuais condições de vida, tenho de destoar da opinião que já expendi nas contingências da carne.

Os vivos do Além e os vivos da Terra, não podem enxergar as coisas através de prismas idênticos. Imagine-se o aparelho visual do homem fôsse acomodado, segundo a potencialidade dos raios X: as cidades estariam povoadas de esqueletos, os campos se apresentariam como desertos, o mundo constituiria um conjunto de aspectos os mais inverossímeis e inesperados.

Cada esfera da vida está subordinada a um certo determinismo, no domínio do conhecimento e da sensação.

De certo, os que receberem novamente o "Parnaso de Além-Túmulo" dirão mais ou menos o que eu disse. Não de estranhar que os mortos prossigam com as mesmas tendências, tangendo os mesmos assuntos que aí constituíam a série de suas preocupações. Existem até os que reclamam contra a nossa liberdade. Desejariam que estivéssemos algemados nos tormentos do inferno, em recompensa dos nossos desequilíbrios no mundo, como se os nossos amargores daí, não bastassem para nos inclinar à verdade compassiva.

Individualmente, é indubitável que possuímos no Além o reflexo das nossas virtudes ou das nossas misérias.

Mas é razoável que apareçamos no mundo, grãnde como alucinados? Os habitantes dos reinos da Morte ainda apreciam o decôro e a decência, e o nosso presente

é sempre a experiência do passado e a esperança no futuro.

“Parnaso de Além Túmulo” sairá de novo, como a mensagem harmoniosa dos poetas que amaram e sofreram. Carmen Cinira aí está com os seus sonhos desfeitos, de mulher e de menina; Casemiro com a sua sensibilidade infantil, Junqueiro com a sua ironia, Antero com a sua rima austera e dolorosa.

Todos aí estão, dentro das suas características.

Os mortos falam e a humanidade está ansiosa, aguardando a sua palavra.

Conta-se que na guerra russo-japonesa, terminada a batalha de Tsushima, o grande Togo reuniu os seus soldados no cemitério de Oogama, e na tristeza majestosa do ambiente, em nome da nacionalidade, dirigiu-se aos mortos em termos comovedores; concitou-os a auxiliar as manobras militares, a visitar os cruzadores de guerra, levantando o ânimo dos companheiros que haviam ficado nas pelepas. Uma claridade nova cantou as energias espirituais do valente adversário da pátria de Stoessel e os filhos de Yoritomo venceram.

Na actualidade, afigura-se-nos que os brados de todos os sofreadores e infelizes da Terra se concentram numa súplica grandiosa que invade as vastidões como o grito do valoroso almirante.

— De pé, os mortos!... — exclama-se — porque os vivos da Terra se perdem nos abismos tenebrosos.

Os institutos da civilização têm sido impotentes para resolver o problema do nosso ser e dos nossos destinos.

As filosofias e as religiões estenderam sobre nós o manto carinhoso das suas concepções, mas êsses mantos estão rotos!... Temos frio, temos fome, temos sede!

E os considerados mortos falam ao mundo na sua linguagem de estranha purificação. A ciência, zelosa de suas conquistas, ainda não ouviu a sua vibração misteriosa, mas os filhos do infortúnio sentem-se envolvidos na onda divina de um novo “Gloria in excelsis”, e a humanidade sofredora sente-se no caminho consolador da sublime esperança.

HUMBERTO DE CAMPOS.

EM 3.ª EDIÇÃO

Há 6 anos que lançamos êste livro, como fruto da mediunidade invulgar de um rapaz pobre e desconhecido, até então, mesmo nos círculos espiritistas.

Não o fizemos desaperecebidos de confiança na legitimidade do seu triunfo, embora não nos iludíssimos quanto a atoarda que êle haveria de levantar, na primeira hora e a qualquer tempo, em nosso meio.

A crítica misonista e acerba foi-lhe, porém, benéfica. Os mesmos correligionários que de princípio lhe concederam reticencioso acolhimento, houveram de render-se à evidência, porque a verdade é que, de então para cá, o médium não tem cessado de confirmar os seus dotes extraordinários, em trabalhos dêste e doutros quilates.

Homens cépticos, homens de ciência, o têm procurado e experimentado *in loco*, pessoalmente, *de visu*, para certificarem-se, qual o fizemos, de que se não trata de uma cerebração extraordinária e aparelhada de valores culturais, passíveis de tamanho engenho.

Basta citarmos, de feição literária, *Crônicas de Além Túmulo*, de Humberto de Campos; sob aspecto filosófico, *Emmanuel*, (Guia Espiritual do médium) e no gênero pedagógico e histórico-erudito, *Pátria do Evangelho*, do mesmo Humberto, já identificado por sua própria mãe, a veneranda D. Anica Veras, que, sabemo-lo, o lera com lágrimas, para poder proclamar a sobrevivência do filho, na desolação da sua saudade e da sua velhice.

Não caberia, pois, fazer aqui a defesa e apologia

desta obra em marcha constante e progressiva, e que, afinal, tem conquistado tantas consciências, ou sejam quantas as forradas de preconceitos sistemáticos, aliás respeitáveis sómente quando larvados de boa-fé, ou de uma natural ignorância.

De preâmbulo, nesta 3.^a edição, queremos apenas assinalar que ela se opulenta com a colaboração de seis novas individualidades, que são: Antonio Torres, Augusto de Lima, Alphonsus Guimarães, Belmiro Braga, José Silvério Horta (Monsenhor Horta) e Rodrigues de Abreu.

Dêste último, escritor paulista, podemos assegurar que o médium não lhe conhecia, sequer, o nome. De Antonio Torres, jamais lera um verso e dos outros, se é que os lera, nunca entreteve com êles familiaridade íntima e suficiente para lhes assimilar o estilo e os pendores, tal como aí se definem.

De três outros poetas já revelados nas edições precedentes e aqui figurando com trabalhos novos, importa nomeá-los por circunstâncias dignas de ponderação, e no intuito de confirmar a probidade moral e mental do médium.

Assim, por exemplo, os sonetos *A Maria*, de Bittencourt Sampaio, *Oração ao Cruzeiro*, de Pedro de Alcântara e *Homem da Terra*, de Augusto dos Anjos, foram escritos de jacto e de improviso, em menos de 5 minutos, sob nossas vistas, e, o que mais é, após uma longuíssima mensagem de Pedro Richard, repleta de episódios particulares, muito íntimos e absolutamente desconhecidos do médium, quanto de nós esquecidos, por assaz remotos.

Dêste mesmo teôr é a poesia com dedicatória nominal de Casemiro Cunha, e que, só por isso, incluímos nesta galeria. Aí, verificamos a evocação de fatos mínimos, diluídos na poeira de 40 anos.

Impossível, então, a exdrúxula hipótese do *pasticho*, só concebível mediante cabedal intelectual incomum, memória fenomenal e tempo de estudo para assimilar. Ainda assim, não haveria como deixar de proclamar um assombro de fenômeno, inexplicável à revelia das teorias espíritas, de vez que os fatos se apresentam inelutáveis.

Outra circunstância curiosa a assinalar, é a de aqui figurarem dois escritores de escol, que, ainda neste plano, trataram displicentemente desta obra, se é que, em consciência, não a ironizaram.

Referimo-nos a Humberto de Campos, por nós chamado ao Parlatório e comparecido, e confessado, no prefácio da 2.^a edição; e Augusto de Lima, a quem êle, Humberto, se refere em uma "Crônica de Além Túmulo", (1) a insinuar no médium um outro Barão de Munhausen das suas terras mineiras, para vir agora falar-nos, com *O doce missionário*, que a sua lira não emudeceu na morte...

Porque a morte não existe, mesmo, e outros e outros muitos autores que ainda aqui na Terra se perfilam com e sem vistosos fardões, hão de vir a seu tempo demonstrar que a "imortalidade" não é a que êles presumem e estimam *sous la coupole du Petit Trianon*.

Mas até lá...

M. QUINTÃO.

(1) *Crônicas de Além Túmulo*, pág. 9.

EM 4.^a EDIÇÃO

“Parnaso de Além-Túmulo” viceja
 Para o mundo da Treva e da Agonia,
 E cresce e avulta, e sobrepaira e adeja,
 Em volutas de Paz e de Harmonia.

Muita alma em lê-lo, na cegueira esteja,
 Sente fugir-lhe a Dúvida sombria,
 E vai buscar na consciência a igreja
 Que de Pedro na Fé, Jesus construía.

“Parnaso de Além-Túmulo” canora!
 Tuba de vozes poéticas afinadas
 Em prelúdios de auroras de outro mundo;

Eu te saúdo mais fremente, agora,
 Que me surges mais rico em clarinadas,
 E mais almo, e mais belo, e mais fecundo.

Com êste mofino soneto saudamos, há cinco anos,
 a terceira edição dêste livro, ímpar até agora, que nos
 conste, nos fastos da literatura mediúnica.

Auspiciando-lhe, de comêço, assinalado triunfo, em
 contradita a muita gente recalitrante e tímida, ou sim-
 plesmente receosa da crítica leiga, temos hoje a satisfa-
 ção de registrar, neste rápido escorço, o comprovadô êxito
 do nosso vaticínio.

Êxito crescente, ininterrupto, a esmar-se pelo cômpu-
 to de três edições esgotadas.

Em conta levando o gênero literário, pouco aces-
 sível à generalidade dos leitores, em paralelo com a limi-

tação contingente à esfera propriamente doutrinária, que
 lhe condiz, não há como lhe recusar o cunho de verda-
 deira consagração, atestante, ao demais, da legitimidade
 de suas fontes.

E a crítica minaz não veio. Crítica autorizada, consi-
 cenciosa, escoimada de prejuízos e paixões sectaristas,
 bem entendido; porque doutra não colhe aqui falar.

Em compensação, Agripino Grieco que é, sem favor,
 o mais ático e arguto dos nossos críticos literários, ates-
 tou de público, que:

*“o médium escrevia com vertiginosa celeridade, dei-
 xando correr o lápis com agilidade que não teria o
 mais desenvolto raziista de cartório...”*

E prossegue:

*“Primeiro, um soneto atribuído a Augusto dos An-
 jos. A seguir, percebi que estavam em jôgo, bem
 patentes, a linguagem e o meneio de idéias peculia-
 res a Humberto de Campos.”*

Para concluir:

*“não podendo aceitar sem maior exame a certeza de
 um pasticho, de uma paródia tive, como crítico lite-
 rário que há trinta anos estuda a mecânica dos es-
 títlos, a sensação instantânea de percorrer um ma-
 nuscripto inédito, retirado do espólio do memorialista
 glorioso. (1)*

Mas Agripino foi ao encontro do médium, procurou
 sondar-lhe a capacidade intelectual, a cultura literária,
 seus antecedentes morais, método de vida, etc.

Êle viu e soube o que muita gente ignora, ou finge
 ignorar, isto é: que a captação da maior parte dessas
 poesias se verifica de improviso e até em circunstâncias
 inesperadas, as mais fortuitas.

(1) *Diário Mercantil*, de Belo Horizonte, 5 de agosto
 de 1939.

Ilustrando o assêrto, aqui temos o caso de três novos figurantes, conôscos ocorrido e que merece contado:

Amaral Ornelas surge-nos com *Ave-Maria!* quando intimamente estranhávamos sua ausência nesta "Galeria", ao passo que Albérico Lobo, com *Do meu porto?* — muito longe estava da nossa mente; e Lucindo Filho, desencarnado há 48 anos, completamente ignorado do médium, desassômbra-se com *Sem sombras*, no ambiente de uma reunião heterogênea, e no tumulto de conversações puramente recreativas.

Também o belo soneto *Ajuda e passa*, de Alberto de Oliveira, aflorou em nosso ambiente doméstico, quando o médium ofegante mal pousava a sua mala, após trinta e duas horas de exaustiva viagem.

Et sic per omnia...

*
* * *

Portanto, para bem julgar êste livro, não bastam os valores do senso crítico comum, ainda os mais projectos.

Não basta entender de Poética, ter intuição de Estesia, conhecer os segredos da Arte com todos os seus requisitos e filigranas.

O que mais importa é conhecer o médium, sua capacidade intrínseca e a maneira por que se processa a sua obra de absoluta probidade intelectual e moral.

Crente, humilde, simples de coração, êle nos demonstra, como paradigma de Verdade e Sabedoria Divina, que é possível, nestes preditos tempos de restauração evangélica, exceler e exceder a própria sentença que diz ser pelo fruto que se conhece a árvore.

Porque aqui, evidentemente, o fruto supera a árvore, a menos que lhe não busquemos raízes muito fora e muito além das geiras terrenas.

Assim o possam entender e prezar, quantos tenham olhos de ver e ouvidos de ouvir.

M. QUINTÃO.

PARNASO DE ALÉM TÚMULO

TEMOS JESUS



ABEL GOMES.

Escritor, Poeta e Professor, nascido em Minas Gerais a 30 de dezembro de 1877 e falecido a 16 de agosto de 1934. Espírito dinâmico, pôsto que fisicamente inválido, deixou alguns livros inéditos, dos quais dois já editados pela Federação, além de copiosa obra esparsa.

Desaba o velho mundo em treva densa
E a guerra, como lôbo carniceiro,
Ameaça a verdade e humilha a crença
Nas torturas de um novo cativoiro.

Mas vós, no turbilhão da sombra imensa,
Tendes convosco o Excelso Companheiro,
Que ama o trabalho e esquece a recompensa,
No serviço do bem ao mundo inteiro.

Eis que a Terra tem crimes e tiranos,
 Ambições, desvarios, desenganos,
 Asperezas dos homens da caverna;

Mas vós tendes Jesus em cada dia.
 Trabalhem na dor ou na alegria,
 Na conquista de luz da Vida Eterna.

DO MEU PÔRTO



ALBÉRICO LOBO.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1865 e desencarnado em fevereiro de 1942. Funcionário público, colaborou ativamente na imprensa e deixou opulenta obra esparsa, em prosa e em verso.

Ao caro amigo M. Quintão

Viajor vacilante e extenuado,
 Depois de atravessar a sombra imensa,
 Encontrei o país abençoado
 Onde vive a celeste recompensa.

Adeus mágoas da noite estranha e densa,
 Das angústias e sonhos do passado,
 Não conservo senão o Amor e a Crença,
 Ante o novo caminho ilimitado.

E' doce descansar após a lida,
 Banhar o coração na luz da vida,
 Rememorando as dores que passaram...

E dos quadros risonhos do meu pôrto,
 Rogo a Jesus conceda reconfôrto
 Aos corações amados que ficaram!

JESUS



ALBERTO DE OLIVEIRA.

Fluminense, natural de Saquarema, nascido em 1859. Farmacêutico, dedicou-se principalmente ao Magistério. Membro da Academia de Letras, parnasiano de escol, foi tido a seu tempo como Príncipe dos Poetas de sua geração.

Quanta vez, neste mundo, em rumo escuro e incerto,
 O homem vive a tatear na treva em que se cria!
 Em tórno, tudo é vão, sôbre a estrada sombria,
 No pavor de esperar a angústia que vem perto!...

Entre as vascas da morte, o peito exangue e aberto,
 Desgraçado viajor rebelado ao seu guia,
 Desespera, soluça, anseia e balbucia
 A suprema oração da dor do seu deserto.

Nessa grande amargura, a alma pobre entre escombros,
 Sente o mestre do amor que lhe mostra nos ombros
 A grandeza da cruz que ilumina e socorre;

Do mundo é a escuridão, que sepulta a quimera...
 E no escuro bulcão só Jesus persevera,
 Como a luz imortal do amor que nunca morre.

AJUDA E PASSA...

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Estende a mão fraterna ao que ri e ao que chora:
O palácio e a choupana, o ninho e a sepultura,
Tudo o que vibra espera a luz que resplendorá,
Na eterna lei de amor que consagra a criatura.

Planta a bênção da paz, como raios de aurora
Nas trevas do ladrão, na dor da alma perjura,
Irradia o perdão e atende, mundo afora,
Onde clame a revolta e onde exista a amargura.

Agora, hoje e amanhã, compreende, ajuda e passa;
Esclarece a alegria e consola a desgraça,
Guarda o anseio do bem que é lume peregrino...

Não troques mal por mal, fuge à sombra e à vingança,
Não te aflija a miséria, arrima-te à esperança,
Seja a bênção de amor a luz do teu destino.

DO ÚLTIMO DIA

ALBERTO DE OLIVEIRA.

O homem, no último dia, abatido em seu horto,
Sente o extremo pavor que a morte lhe revela;
Seu coração é um mar que se apruma e encapela,
No pungente estertor do peito quase morto.

Tudo o que era vaidade, agora é desconforto.
Tôda a nau da ilusão se destroça e esfacela
Sob as ondas fatais da indômita procela,
Do pobre coração, que é naufrago sem pôrto.

Sómente o que venceu nesse mundo mesquinho,
Conservando Jesus por verdade e caminho,
Rompe a treva do abismo enganoso e perverso!

Onde vais, homem vão? Cala em ti todo alarde.
Foge dessa tormenta antes que seja tarde.
Só Jesus tem nas mãos o farol do universo.

AOS CRENTES



ALPHONSUS DE GUIMARÃES.

Afonso Costa Guimarães, poeta mineiro, natural de Ouro Preto. Nasceu aos 24 de julho de 1872 e desencarnou em 15 de julho de 1921. Magistrado, jornalista e poeta, notabilizou-se principalmente

pela tonalidade mística do seu estro, qual se afirma em suas obras: *Dona Mística*, *Septenário das dores*, *Kiviale*, *Escada de Jacó*, etc.

Oh! crentes de uma outra vida,
Que andais no mundo exilados,
Nos caminhos enevoados,
Lendo o missal da amargura!

Esperai a sepultura,
Oh! crentes de uma outra vida!...
Tangei harpas de esperança,
Nas lutas de vossa esfera,
Porque a Morte é a primavera
Luminosa, eterna e imensa...

Filhos da paz e da crença
Tangei harpas de esperança!...

REDIVIVO

ALPHONSUS DE GUIMARÃES.

Sou o cantor das místicas baladas
Que, em volutas de flores e de incenso,
Achou, no Espaço luminoso e imenso,
O perfume das hóstias consagradas.

Almas que andais gemendo nas estradas
Da amargura e da dor, eu vos pertenco,
Atravessai o nevoeiro denso
Em que viveis no mundo, amortalhadas.

Almas tristes de freiras e sorôres,
Sôbre quem a saudade despetala
Os seus lírios de pálidos fulgores;

Eu ressurjo nos místicos prazeres,
De vos cantar, na sombra onde se exala
Um perfume de altar e misereres...

SINOS

ALPHONSUS DE GUIMARÃES.

Escuto ainda a voz dos campanários
 Entre aromas de rosas e açucenas,
 Vozes de sinos pelos santuários,
 Enchendo as grandes vastidões serenas...

E vou com outros sêres solitários,
 Reviver velhos quadros, velhas cenas,
 Rezando as orações dos Septenários,
 Dos Ofícios, dos Terços, das Novenas...

A morte que nos salva não nos priva
 De ir ao pé de um sacrário abandonado,
 Chorar, como inda faz a alma cativa!

Oh! sinos dolorosos e plangentes,
 Cantai, como cantáveis no passado,
 Dizendo a mesma Fé que salva os crentes!...

SANTA VIRGO VIRGINUM

ALPHONSUS DE GUIMARÃES.

Sobe da Terra, em ondas luminosas,
 Um turbilhão de vozes e de lírios,
 Buscando-vos nas Luzes Harmoniosas,
 Oh! Virgem da Pureza e dos Martírios!

Imagens de turibulos e rosas
 Aromatizam todos os empíreos...
 Há na Terra canções maravilhosas
 Entre as luzes e as lágrimas dos círios.

Senhora, o mundo inteiro vos festeja,
 Em magnificência ampla e radiosa,
 Nos altares simbólicos da Igreja!

Tudo deixais... Velando nos caminhos,
 Onde a vossa virtude carinhosa
 Consola e ampara os fracos pobrezinhos...

O CALICE

ALMA EROS.

A chuva benéfica e abundante cai dos céus
 Mitigando a sede da terra.
 Assim também, o Amado faz chover sobre os homens
 Os poderes e as bênçãos.
 No entanto, choras e desesperas...
 Por que não recolheste a tempo a tua parte?
 — Nada vi — responderás...
 E' porque teus olhos estavam nevoados na atmosfera
 [do sonho.

O Senhor passa todos os dias,
 Distribuindo os dons celestiais,
 Mas as ânforas do teu coração vivem transbordando de
 [substâncias estranhas.

Aqui, guardas o vinagre dos desenganos,
 Acolá, o envenenado licor dos caprichos.
 O Amado é incapaz de violentar a tua alma.
 Seu carinho aguarda a confiança espontânea,
 Seu coração freme de júbilo,
 Na expectativa de entregar-te os tesouros eternos...
 Mas, até agora,
 Persegues a fantasia e alimentas furiosamente a ilusão.
 Todavia, o Amado espera.
 E dia virá,
 Na estrada longa do destino,
 Em que estenderás ao seu amor infinito
 O cálice do coração lavado e vazio.

O IRMÃO

Por que ajuizas com ironia,
 Sobre as obscuridades do irmão que sobe dificilmente a
 [montanha?

Quando atravessava a floresta
 O pobrezinho julgou que o Amado lhe falava à mente
 [pela voz do trovão

E lhe erigiu altares
 Enfeitados de flechas.
 Depois,
 Quando penetrou noutros círculos,
 Acreditou que o Senhor pertencia sómente a seu grupo
 E que as outras comunidades humanas eram conde-
 [nadas...

Lutou, sofreu, feriu-se em dolorosas experiências.
 O Amado, porém, jamais o deserdou por isso.
 Deu-lhe novas forças,
 Concedeu-lhe oportunidades diferentes.
 Por vezes,
 Buscou-o no fundo dos abismos,
 Como pai carinhoso,
 Em busca da criança abandonada.
 De tempos a tempos,
 Fê-lo dormir no regaço,
 Ao influxo do bendito esquecimento,
 Para que o sol do trabalho lhe sorrisse outra vez.
 Não observas em seu caminho áspero a tua própria
 [história?
 Não atormentes com palavras amargas o irmão que se
 [eleva

Laboriosamente,
 Dando ao mundo o que possui de melhor.
 Ama-o, faze-lhe o bem que possas.
 Se já atingiste
 Algum tôpo de colina,
 Contempla as culminâncias que te aguardam
 Entre as nuvens,
 E estende as mãos fraternas
 Àquele que ainda não pode ver o que já vê.

AVE MARIA



AMARAL ORNELLAS.

Funcionário público. Nasceu no Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1885 e desencarnou a 5 de janeiro de 1923. Talento brilhante, deixou dois volumes de Poesia, consagrados pela crítica con-ceva, além de copiosa literatura teatral, e doutrinária.

Ave Maria! Senhora
 Do Amor que ampara e redime,
 Ai do mundo se não fôra
 A vossa missão sublime.

Cheia de graça e bondade,
 E' por vós que conhecemos
 A eterna revelação
 Da vida em seus dons supremos.

O Senhor sempre é convosco,
 Mensageira da ternura,
 Providência dos que choram
 Nas sombras da desventura.

Bendita sois vós, Rainha!
Estrêla da humanidade,
Rosa mística da fé,
Lírio puro da humildade!

Entre as mulheres sois vós
A Mãe das mães desvalidas,
Nossa porta de esperança,
E Anjo de nossas vidas!

Bendito o fruto imortal
Da vossa missão de luz,
Desde a paz da Manjedoura,
Às dores, além da Cruz.

Assim seja para sempre,
Oh! Divina Soberana,
Refúgio dos que padecem
Nas dores da luta humana.

Ave Maria, Senhora
Do Amor que ampara e redime,
Ai do mundo se não fôra
A vossa missão sublime!

CIÊNCIA INFIMA



ANTERO DO QUENTAL.

Nascido em S. Miguel dos Açores em 1842 e desencarnado por suicídio, em 1891. É vulto eminente e destacado nas letras portuguesas.

Onde o grande caminho soberano
Da Ciência que abriu a nova era,
Investigando a entranha da monera,
A desvendar-se no capricho insano?

Ciência que se elevou à estratosfera
E devassou os fundos do oceano,
Fomentando o princípio desumano
Da ambição onde a força prolifera...

Ciência de ostentação, arma de efeito,
Longe da Luz, da Paz e do Direito,
Num caminho infeliz, sombrio e inverso;

Sob o alarme guerreiro, formidando,
Eis que a Terra te acusa, soluçando,
Como a Grande Mendiga do universo!...

RAINHA DO CEU

ANTERO DO QUENTAL.

Excelsa e sereníssima Senhora,
 Que sois tôda Bondade e Complacência,
 Que espalhais os eflúvios da Clemência
 Em caminhos lírios feitos de aurora!...

Amparai a alma que anseia, luta e chora,
 No labirinto amargo da existência.
 Sêde a nossa divina providência
 E a nossa proteção de cada hora.

Oh! Anjo Tutelar da Humanidade,
 Que espargís alegria e claridade
 Sôbre o mundo de trevas e gemidos;

Vosso amor que enche os céus ilimitados,
 E' a luz dos tristes e dos desterrados,
 Esperança dos pobres desvalidos!...

A' MORTE

ANTERO DO QUENTAL.

Oh! Morte eu te adorei, como se fôras
 O Fim da sinuosa e negra estrada,
 Onde habitasse a eterna paz do Nada
 As agonias desconsoladoras.

Eras tu a visão idolatrada
 Que sorria na dor das minhas horas,
 Visão de tristes faces cismadoras,
 Nos crepes do Silêncio amortalhada.

Busquei-te, eu que trazia a alma já morta,
 Escorraçada no padecimento,
 Batendo alucinado à tua porta;

E escancaraste a porta escura e fria,
 Por onde penetrei no Sofrimento,
 Numa senda mais triste e mais sombria.

DEPOIS DA MORTE

ANTERO DO QUENTAL.

I

Apenas dor no mundo inteiro eu via,
E tanto a vi, amarga e inconsolável,
Que num véu de tristeza impenetrável
Multiplicava as dores que eu sofria.

Se vislumbrava o riso da alegria,
Fora dessa amargura inalterável,
Esse prazer só era decifrável
Sob a ilusão da eterna fantasia.

Ao meu olhar de triste e de descrente,
Olhar de pensador amargurado,
Só existia a dor, ela sómente.

O gôzo era a mentira dum momento,
Os prazeres, o engano imaginado
Para aumentar a mágoa e o sofrimento.

II

Misantropo da ciência enganadora,
Trazia em mim o anseio irresistível
De conhecer o Deus indefinível,
Que era na dor, visão consoladora.

Não O via e no entanto, em tôda a hora,
Nesse anelo cruciante e intraduzível,
Podia ver, sentindo o Incognoscível
E a sua onisciência criadora.

Mas os fátuos orgulhos e a descrença
Guiavam-me a existência desolada,
Recamada de dor profunda e intensa;

Pela voz da vaidade, então, eu cria
Achar na morte a escuridão do Nada,
Nas vastidões da terra úmida e fria.

III

Depois de extravagâncias de teoria,
No seio dessa ciência tão volúvel,
Sôbre o problema magno, insolúvel,
De ver o Deus de Amor, de quem descreia,

Morri, reconhecendo, todavia,
Que a morte era um enigma solúvel,
Ela era o laço eterno e indissolúvel,
Que liga o céu à terra tão sombria!

E por estas regiões onde eu julgava
Habitar a inconsciência e a mesma treva
Que tanta vez os olhos me cegava,

Vim gemendo, encontrar as luzes puras
Da verdade brilhante, que se eleva,
Iluminando tôdas as alturas.

SONETO

ANTERO DO QUENTAL.

Quisera crer, na Terra, que existisse
 Esta vida que agora estou vivendo,
 E nunca encontraria abismo horrendo, —
 De amargoso penar que se me abrisse.

Andei cego, porém, e sem que visse
 Meu próprio bem na dor que ia sofrendo; —
 Desvairado, ao sepulcro fui descendo, —
 Sem que a Paz almejada conseguisse.

Da morte a Paz busquei, como se fôra
 Apossar-me do eterno esquecimento,
 Ao viver da minha alma sofredora;

E em vez de imperturbáveis quietitudes,
 Encontrei os Remorsos e o Tormento,
 Recrudescendo as minhas dores rudes.

O REMOESO

ANTERO DO QUENTAL.

Quando fugi da dor, fugindo ao mundo,
 Divisei aos meus pés, de mim diante,
 A medonha figura de gigante
 Do Remorso, de olhar grave e profundo.

Era de ouvir-lhe o grito gemebundo,
 Sua voz cavernosa e soluçante!...
 Aproximei-me dêle, suplicante,
 Dizendo-lhe com acento moribundo: —

“Que fazes ao meu lado, corvo horrendo,
 Se enlouqueci no meu degrêdo estranho,
 Acordando-me em lágrimas, gemendo?”

Retrucando, em resposta dos meus ais:
 “Companheiro na dor eu te acompanho, —
 Nunca mais te abandono! Nunca mais!”

SONETO

ANTERO DO QUENTAL.

Mais se me afunda a chaga da amargura
 Quando reflexiono, quando penso
 No mar humano, encapelado e imenso,
 Onde se perde a luz em noite escura...

Nesse abismo de treva a alma mais pura,
 O espírito do amor ao mal infenso,
 Sente o assédio do mal. E' o contra-senso
 Da luz unida à alma que a tortura.

Mais se me aumenta a chaga dolorida,
 Escutando o soluço cavernoso
 Da pobre humanidade escravizada;

Sentindo o horror que inspira-me essa vida,
 Que se vive no abismo tenebroso,
 Cheio do pranto da alma encarcerada!

DEUS

ANTERO DO QUENTAL.

Quem, senão Deus, criou obra tamanha,
 O espaço e o tempo, as amplidões e as eras,
 Onde se agitam turbilhões de esferas,
 Que a luz, a excelsa luz, aquece e banha? —

Quem, senão E'LE fez a esfinge estranha —
 No segrêdo inviolável das moneras; —
 No coração dos homens e das feras,
 No coração do mar e da montanha?!

Deus!... sómente o Eterno, o Impenetrável,
 Poderia criar o imensurável
 E o Universo infinito criaria!...

Suprema paz, intérmina piedade,
 E que habita na eterna claridade
 Das torrentes da Luz e da Harmonia!!

CONSOLAI

ANTERO DO QUENTAL.

Se eu pudesse, diria eternamente
 Aos flagelados e desiludidos,
 Que sôbre a Terra os grandes bens perdidos
 São a posse da luz resplandecente.

A dor mais rude, a mágoa mais pungente,
 Os soluços, os prantos, os gemidos,
 Entrê as almas são louros repartidos
 Muito longe da Terra impenitente.

Oh! se eu pudesse, iria em altos brados
 Libertar corações escravizados
 Sob os guantes dos ódios mais profundos!

Mas, dizei-lhes, oh! vós que estais na Terra, —
 Que a luz espiritual da dor, encerra
 A ventura imortal dos outros mundos!

CRENÇA

ANTERO DO QUENTAL.

Minha vida de dor e de procela
 Que se extinguiu na tempestade imensa,
 Despedaçou-se à falta dessa crença,
 Que as grandes luzes místicas revela.

E estraçalhei-me como alguém que sela
 Com o supremo infortúnio a dor intensa,
 Desvairado de angústia e de descrença,
 Dentro da vida sem compreendê-la.

Ah! Crer! bem que na Terra não possuí,
 Quando entre conjeturas me perdi,
 De tão pequena dor fazendo alarde...

Crença! Luminosíssima riqueza
 Que enche a vida de paz e de beleza,
 Mas que chega no mundo muito tarde.

NÃO CHOREIS

ANTERO DO QUENTAL.

Não choreis os que vão em liberdade
 Buscar no espaço o luminoso leito
 Da paz, distante do caminho estreito
 Dêsse mundo de dor e de orfandade.

O pranto é a flor de aromas da saudade,
 Que perfuma e crucia o vosso peito,
 Mas, transformai-o em gozo alto e perfeito,
 Em santa e esperançosa claridade.

Chega um dia em que o espírito descansa
 Das aflições, angústias e cansaços, —
 Dos agulhões das dores absolutas:

Feliz de quem na Crença e na Esperança, —
 Procura a luz sublime dos espaços,
 Buscando a paz depois das grandes lutas.

MÃO DIVINA

ANTERO DO QUENTAL.

A luz da mão divina sempre desce
 Misericordiosa e compassiva,
 Sôbre as dores da pobre alma cativa,
 Que está nas sendas lúcidas da Prece.

Se a amargura das lágrimas se aviva,
 Se o tormento da vida recrudescer,
 Aguardai a abundância da outra messe
 De venturas, que é da alma rediviva.

Confiado, esperai a Providência
 Com os sentimentos puros, diamantinos,
 Lendo os artigos ríspidos da Lei!

Os filhos da Piedade e da Paciência,
 Encontrarão nos páramos divinos,
 A paz e as luzes que eu não alcancei.

ALMAS SOFREDORAS

ANTERO DO QUENTAL.

Passam na Terra como as ventanias,
 Ou como agigantadas nebulosas
 Provindas de cavernas misteriosas,
 Essas compactas legiões sombrias;

Multidões de almas escravas de agonias,
 Com que andei entre queixas dolorosas,
 Ao palmilhar estradas escabrosas,
 Entre as noites mais lúgubres e frias!

Oh! visões de martírios que apavoram,
 Miseráveis espíritos que choram,
 Sob os grilhões de rude sofrimento!

Orai por êles, bons trabalhadores
 Que estais colhendo sôbre a Terra as flores
 De um doce e temporário esquecimento.

SUPREMO ENGANO

ANTERO DO QUENTAL.

Vê-se da Terra o céu, em tôda a vida,
 Como um vergel azul de lírios brancos,
 Onde mora a ventura, e em cujos flancos
 Repousa a grande mágoa adormecida.

Céu! quanta vez minha alma entristecida
 Anteviu tua paz, sob os arrancos,
 Sob os golpes da dor, rijos e francos,
 Na escuridão espêssa e indefinida!

Não sonhei com teus deuses venturosos,
 Com teus grandes olimpos majestosos,
 Cheios de vida e de infinitos bens...

Antegozei, sómente, em minhas dores,
 A paz livre de treva e de esplendores,
 Do imperturbável nada que não tens!

INCOGNOSCIVEL

ANTERO DO QUENTAL.

Para o Infinito, Deus não representa
A personalidade humanizada,
Pelos seres terrenos inventada,
Cheia, às vezes, de cólera violenta.

Deus não castiga o ser e nem o isenta
Da dor, que trás a alma lacerada —
Nos pelourinhos negros de uma estrada
De provação, de angústia e de tormenta.

Tudo fala de Deus nesse destêrro —
Da Terra, orbe da lágrima e do êrro,
Que eu muito bem de perto conheci!

Mas quanto o homem fraco inda se engana,
Porque em sua triste condição humana,
Fez a essência de Deus igual a si!

FATALIDADE

ANTERO DO QUENTAL.

Crê-se na Morte o Nada, é todavia,
A Morte é a própria Vida ativa e intensa;
Fim de tôda a amargura da descrença,
Onde a grande certeza principia.

O meu êrro no mundo da Agonia,
Foi crer demais na angústia e na doença
Da alma que luta e sofre, chora e pensa,
Nos labirintos da filosofia...

E no meio de tôdas as canseiras —
Cheguei, enfim, às dores derradeiras
Que as tormentas de lágrimas desatam!...

Nunca, na Terra, a crença se realiza,
Porque em tudo no mundo o homem divisa,
A figura das dúvidas que matam.

MORTE

A. G.

Silenciosa madona da tristeza,
A morte abriu-me as catedrais radiosas,
Onde pairam as formas vaporosas
Do país ignorado da Beleza.

Num dilúvio de lírios e de rosas,
Filhos da luz de uma outra natureza,
Que entornavam no espaço a sutileza
Dos incensos das naves harmoniosas!

Monja de olhar piedoso, calmo e austero,
Que trás à Terra um ténue reverbero —
Da mansão das estrêlas erradias...

Irmã da paz e da serenidade,
Que abriu meus olhos na Imortalidade,
À esperança de todos os meus dias! —

O MISTÉRIO DA MORTE

AMADEU (?).

O mistério da morte é o mistério da vida,
Que abandona a matéria exânime e cansada;
Que trás a treva em si e abre a porta dourada
De um mundo que entre nós é a luz desconhecida.

Também tive a minh alma outrora perturbada,
De dúvida, incerteza e angústias consumida,
Mas a morte sanou-me a última ferida
Desfazendo as lições utópicas do Nada.

A morte apenas é o mirífico processo
Desassimilador das formas acessíveis
À luz do vosso olhar, empobrecido e incerto.

Venho testemunhar a luz de onde regresso,
Incitando vossa alma aos planos invisíveis, —
Onde vive e se expande o espírito liberto.

QUADRAS DE UM POETA MORTO



ANTONIO NOBRE.

Nasceu em Portugal e morreu na cidade do Porto aos 34 anos de idade. Distinguiu-se pela suavidade e melancolia do seu estro. Deixou um livro inconfundível e ainda hoje muito estimado — *Só* — e *Despedidas*, edição de 1902.

Coração não vos canseis
De bater... que importa lá?
Porque os amores fiéis
Nem a morte os vencerá.

Oh! figuras de velinhos
Que andais dormitando ao léu!
Como são belos os linhos
Que vos esperam no céu!

Dizem que os mortos não voltam...
Voltam sim. E por que não?
Os corpos daí nos soltam,
Como às aves o alçapão.

Nem gritos e nem cantigas
Entre vós que à noite andais;
As almas das raparigas
Inda sonham nos choupaís.

Nas grandes mansões da morte
Inda há romance e noivados,
Venturas da boa sorte,
Corações despedaçados.

Quem riu ontem, quem ri hoje,
Nem sempre poderá rir...
Um dia o riso lhe foge
Sem que o veja escapulir.

Riquezas, que valem elas
Se estão na sombra ou sem luz?
Tesouro são as estrêlas
Da bondade de Jesus.

Pode-se amar o veludo
De uns olhos e os brilhos seus,
Porém, acima de tudo
Devemos amar a Deus.

Vós que amais a luz da lua,
De vossa alma abrí as portas
Para os fantasmas da rua,
Que choram nas horas mortas.

Pensei que a morte era o fim
Das ânsias do coração;
Contudo, não é assim...
Nem pó e nem solidão.

As vêzes acham-se fojos
Onde há musica e festins,
E há muitos cardos e tojos
Entre as flores dos jardins.

Se eu pudesse, estenderia
Minhas capas de luar, —
Sôbre os filhos da agonia
Que andam no mundo a penar.

A morte só pode ser
A vida risonha e pura,
Para quem a padecer
Vive aí na sepultura.

Mal vais, se vais caminhando
Na ambição de ouro e glória;
Nesse mundo miserando
A ventura é ilusória.

Chorai! chorai órfãozinhos,
Vossas dores amargas:
Achareis noutros caminhos
As vossas mães extremosas.

Deixa cantar oh! menina,
Teu coração sonhador...
No sepulcro não termina
O novelário do amor.

Um anjo cheio de encanto,
Vive sempre com quem chora,
Guardando as gôtas de pranto
Numa urna côr da aurora.

O universo, — os céus profundos,
Cheios de vida e esplendor,
Um céu é um ninho de mundos,
Um mundo é um ninho de amor.

A caridade é a beleza
De um divino plenilúnio,
Luz que se estende à pobreza,
Na escuridão do infortúnio.

Aos mendigos desprezados
Não ridicularizeis,
São senhores despojados
Dos seus tesouros de reis.

Aqui, a alma inda espera
O alguém que na Terra amou —
O raio de primavera
Que aí jamais encontrou.

Há quem faça aí mil contas,
Que os interêsses resuma,
Mas morrem cabeças tontas,
Sem fazer conta nenhuma.

Tecei sonhos, fiandeiras,
Oh! almas enamoradas,
Vivei aí nas clareiras
Dê luzes alcandoradas.

Ah! que sinto aqui saudades
Das noites de S. João,
Sonho, estrêlas, claridades,
Cantigas do coração.

Na minha vida de agora
 Não canto as festas louças,
 Naquelas toadas de outrora
 Às moçoilas coimbrãs.

Acompanha-me a tristeza
 Das saudades, por meu mal;
 Minha terra portuguesa!...
 Meu querido Portugal!...

DO ALÉM

ANTONIO NOBRE.

Pudesse o nosso olhar vagueando os ermos,
 Ver através da própria soledade
 A expressão luminosa da Verdade,
 E da luz da Verdade não descrermos...

Preocupar-se aí, porém, quem há de
 Com o problema de sermos ou não sermos,
 Pois que o ardente desejo de o sabermos
 E' sempre o anelo falso da vaidade?

Peregrinos da dor, na dor andamos
 Sem que a nossa miséria se desfaça
 No escabroso caminho onde marchamos,

Seguindo a alma nos sonhos iludida,
 Até que a dor unindo-se à desgraça
 Descerre os véus que encobrem outra vida.

SONETO

ANTONIO NOBRE.

"Quando cobrir-se o chão de fôlhas mortas
 — Meu coração dizia em grave entono —
 Extinguindo-se a vida que comportas,
 Dormirás no meu seio o último sono..."

E murmurava a alma — "Findo o outono, —
 A primavera vem por outras portas;
 Não existe no túmulo o abandono,
 Ou a dor amarga e rude em que te cortas."

Escutava essas vozes comovido,
 Morto de angústia, morto de incerteza,
 Aguardando o sol-pôsto, entristecido;

E além da amarga vida de segundos,
 Ressurgi da tortura e da tristeza,
 Sob os ares sadios de outros mundos!

AO MUNDO

ANTONIO NOBRE.

A Terra é o vasto abismo onde a alma chora,
 O vale de amarguras do Salmista;
 Lodoso chavascal onde se avista
 A podridão dos vermes que apavora.

Mas, para os grandes bens, para que exista
 A perfeição da luz deslumbradora,
 Precisamos da carne que aprimora
 Com o camartelo mágico do artista.

Terra, tranqüilamente eu te abençoô...
 Porque da tua dor, alcei meu vôo
 Para a mansão das luzes opulentas;

Teu rigor nos redime e nos eleva;
 Mas és ainda o cárcere da treva,
 Triste mundo de chagas pustulentas!

A MOCIDADE

ANTONIO NOBRE.

Cantai! cantai oh! mocidade! Moira
 Encantada que ri nos prados verdes,
 Cantai o amor que é luz que se entesoira,
 Vibrai na luz da vida em que viverdes.

Glorificai, ditosa, o sol que doira
 O riso que espalhais sem compreenderdes, —
 Expandi-vos na primavera loira,
 Nos poemas de luar que conceberdes!

Ide cantando, mocidade ardente,
 Alvorada em abril, do sol nascente,
 Clareando o porvir almo e risonho;

Marchai sorrindo, fresca juventude,
 Na exaltação do amor e da saúde,
 Ébria de aroma e luz, ébria de sonho!...

ESQUIFE DO SONHO

ANTONIO TORRES.

Tive um Sonho de Amor e de Inocência,
Cheio de luz das coisas invulgares,
Do qual perdi a luminosa essência
Na cristalização dos meus pesares.

Tarde reconheci minha falência,
Terminados os múltiplos azares,
De minha quase inútil existência,
No silêncio das cinzas tumulares.

E da Morte no abismo indefinido, —
Tombei exausto, amargurado e cego,
— Abismo tenebroso que eu transponho.

Infeliz do meu ser irredimido,
Pois triste e atordoado inda carrego
O negro esquife do meu próprio sonho.

NADA . . .

ANTONIO TORRES.

Nada! . . . Filosofia rude e amara,
Na qual acreditei, com pena embora
De abandonar a Crença que esposara,
— A minha aspiração de cada hora.

Crença é o perfume dalma que se enflora
Com a luz divina, resplendente e rara
Da Fé, única Luz da única Aurora,
Que as trevas mais compactas aclara.

Revendo os dias tristes do Passado,
Vi que troquei a Fé pela Ironia,
Nos desvios e excessos da Razão;

Antes, porém, não fôsse tão ousado,
Pois nem sempre a Razão profunda e fria
Alivia ou consola o Coração.

MINIATURAS DA SOCIEDADE ELEGANTE



ARTUR AZEVEDO.

Natural do Maranhão. Nas-
cido a 7 de julho de 1855 e
falecido na cidade do Rio de
Janeiro a 22 de outubro de
1908. Diretor geral do Minis-
tério da Viação. Poeta, come-

diógrafo, jornalista e crítico. Membro da Academia Brasilei-
ra, onde ocupou a cadeira de Martins Pena.

I

Adriano Gonçalves de Macedo,
Homem de cabedais e alma sem siso,
Penetrou no seu quarto com um sorriso
Às dez horas da noite, muito a mêdo.

Uma carta de amante — era um segredo —
Ia abri-la, e assim era preciso,

Que a sua espôsa, dama de juízo,
Não na visse nem mesmo por brinquedo:

Dona Corália Augusta Colavida,
Estaria nessa hora recolhida?
Levantou uma cortina, devagar...

Mas, que tragédia após êsse perigo...
Viu que a espôsa beijava um seu amigo,
Sôbre o divã da sala de jantar.

II

No belo palacete do Furtado,
Palestrava a galante Mariquita
Com um pelintra afetado, assaz catita,
Bacharel delambido e enamorado.

De sôbre a grande cômoda bonita,
Toma o moço um livrinho encadernado,
Revirando-o nas mãos, interessado,
Mas a jovem retoma-o, muito aflita:

— “Êsse livro, Antonico, é meu breviário!”
Dí-lo a êle num riso de falsário,
Toma-o de novo às suas mãos trementes:

Abriu-o. Mais o olhava e mais se ria...
Era um compêndio de pornografia,
Recamado de quadros indecentes.

III

Dom Castilho, notável latinista,
Realizara alentada conferência,
Sôbre rígido assunto moralista,
Protegido dos membros da regência.

Foi um sucesso. E a espôsa Ana Fulgência,
Nêle via uma grande alma de artista,
Louvando-lhe a utilíssima existência
De homem probo e notável publicista.

Que primor de moral! e os companheiros
Escritores, poetas, conselheiros,
Foram levar-lhe um abraço camarada.

Numa corrida louca, êsses senhores
Foram achá-lo em seus trajes menores,
No apartamento escuro da criada...

O DOCE MISSIONARIO



AUGUSTO DE LIMA.

Poeta mineiro, nascido em Sabará, Minas, em 5 de abril de 1859 e desencarnado no Rio de Janeiro em 22 de abril de 1938. Magistrado íntegro, orador e publicista, militou na Política e foi membro de realce da Academia de Letras, onde ocupou a cadeira de França Junior.

Sertão hostil. Agreste serra.
Tendo por companhia
A cruz do Nazareno, humilde e solitário,
Alí vivia Anchieta, o doce missionário,
Carinhoso pastor, espelho de bondade,
Abençoando o bem, perdoando a maldade,
Servo amado de Deus, imitador de Assis,
Que na humildade achara a vida mais feliz.

Naquele dia,
Era intenso o calor.
Ninguém! Nem uma sombra se movia,
Tudo era languidez, desânimo e torpor.

Além se divisava a solidão da estrada,
Amarela de pó, tristonha e desolada.
Na clareira, onde o sol feria os vegetais,
Viam-se florescer bromélias e boninas,
E elevando-se aos céus, esguios espinhais —
Implorando piedade às amplidões divinas...

Eis que o irmão de Jesus, o humilde pegureiro
Avista um mensageiro.
Dirige-se-lhe à casa,
Pisando vagaroso o chão que o sol abrasa.

— “Meu protetor, — diz êle, o bom pagé, —
Convertido por vós à luz da vossa fé,
Que tem oferecido a Deus o seu amor,
Agoniza na taba, ao longe, em aflição.
Êle espera de vós a paz do coração
E implora lhe leveis a bênção do Senhor.”

— “Oh! doce filho meu, que vindes de passagem,
Que Jesus vos ampare, ao térmo da viagem...”

E isso dizendo, o pastor, prèstamente
Toma da humilde cruz do Mártir do Calvário,
Abandonando o ninho agreste e solitário,
Para arrancar à dor o pobre penitente.

Há solidão na estrada,
Ferem-lhe os pés as pontas dos espinhos.
Que penosa jornada,
Em tão rudes e aspérrimos caminhos!...

Pairam no ar excessos de calor,
Nem árvores umbrosas e nem fontes,
Sómente o sol ferino e destruidor,
Que calcina, inflamando os horizontes.

Eis que a sêde o devora;
Entretanto, o pastor não se deplora;
A terna e meiga effigie de Jesus
E' -lhe paz e alimento, amparo e luz.

Numa fêrvida prece,
Êle ainda agradece:
— “Sê bendito, Senhor, por tudo o que nos dás,
Seja alegria ou dor, tudo é ventura e paz.
Eu vejo-te no alvor das manhãs harmoniosas,
No azulíneo do céu, no cálice das rosas,
Na corola de luz de tôdas as florinhas,
No canto, todo amor, das meigas avezinhas,
Na estação outonal, na loura primavera,
No coração do bom, que te ama e te venera,
Na vibração dos sons, na irradiação da luz,
Na dor, no sofrimento, em nossa própria cruz...”

Tudo vive a mostrar tua pródiga bondade,
Eterno Pai de amor, de luz e caridade.

Abençoados são o inverno que trás frio
E os calores do sol nas estações do estio...

Terminando a sorrir a espontânea oração,
Inspirada em tão santa devoção,
Anchieta escuta em tórno os mais sutis rumores.

Eis que nos arredores,
Congregam-se apressadas
Tôdas as avezinhas,

E, asas aconchegadas,
 Juntinhas,
 Numa ideal combinação
 Formam um pálio protetor,
 Cobrindo o doce irmão
 Que ia ofertar amor,
 Luz e consolação,
 Em nome do Senhor.

Pelos caminhos,
 Foi-se aumentando
 O alado bando
 Dos bondosos e ternos passarinhos,
 Aureolando com amor o Discípulo Amado,
 Modesto, casto, humilde e isento de pecado,
 Que ia seguindo,
 Lábios sorrindo,
 Em meiga mansuetude.

O enviado do bem e da virtude
 Agradecia ao céu, o coração em luz,
 Evolando-se puro ao seio de Jesus.

Chegara ao seu destino. Ia caindo o dia...
 No póente de paz e de harmonia,
 Brilhava nova luz feita de crença e amor:
 Era a bênção dos céus, a bênção do Senhor...

O SANTO DE ASSIS

AUGUSTO DE LIMA.

No suave mistério dos espaços,
 Santa Maria dos Anjos inda existe,
 Com a mesma luz divina dos seus traços, —
 Glorificando as dores da alma triste,
 Repartindo a Virtude, a Graça e os Dons
 Que a palavra divina do Cordeiro
 Prometeu aos pacíficos e aos bons
 Do mundo inteiro...

Uma nova Porciúncula, dourada
 Pelos astros de mística alvorada,
 Aí se rejubila,
 Sob a paz de Jesus, terna e tranqüila,
 Derramando no Além ignorado
 Os sonhos de Virtude e Perfeição, —
 Daquela mesma Umbria do passado,
 Cheia de encantamento e de oração.

À luz dos sóis da etérea natureza,
 Numa doce e ideal Eucaristia,
 O Espôso da Pobreza
 No seu manto de amor e de alegria
 Inda abre os braços para os pecadores...

“Irmão Sol, irmãos Anjos, Irmãs Flores,
 Não nos cansemos de glorificar
 A caridade imensa do Senhor,
 Sua sabedoria e seu amor,
 Procurando salvar
 Os nossos irmãos Homens mergulhados
 Entre as noites sombrias dos Pecados!...”

E à voz suave e dúlcida do Santo, —
 A Terra escura e triste se povôa
 De anjos de amor, que enxugam todo o pranto
 E que levam consigo
 Todo o consôlo amigo
 Da Esperança no céu, singela e boa...”

Das paragens etéreas
 Da sua ideal igreja,
 São Francisco de Assis abraça e beija
 O homem que sofre tôdas as misérias,
 Amparando-lhe a alma combalida
 Nos desertos de lágrimas da Vida,
 E o conduz
 Ao regaço divino de Jesus!...

Santo de Assis, divino “poverello”,
 Nas amarguras do meu pesadelo
 De vaidade do mundo, que devasta
 Todo o bem, vi tua luz singela e casta
 Beijando as minhas lepras asquerosas...
 Uma chuva de lírios e de rosas
 Lavou-me o coração de pecador
 E guardei para sempre o teu amor.

Santo de Assis, irmão da Caridade,
 Que me curaste as lepras e a cegueira,
 Depois da morte, à luz da imensidade,
 Quero ainda abençoar-te a vida inteira...

VOZ DO INFINITO



AUGUSTO DOS ANJOS.

Paraibano. Nasceu em 1884 e desencarnou em 1914, como professor no Colégio Pedro II. Inconfundível pela bizarria da técnica, bem como dos assuntos de sua predileção, deixou um só livro — *Eu* — que foi, aliás, suficiente para lhe dar personalidade original.

1

No excêntrico labor das minhas normas
 Na Terra, muita vez, me consumia
 Perquirindo nas leis da biologia
 As expressões orgânicas das formas.

O fenômeno apenas, porque o fundo
Do nômene às eviternas rutilâncias, —
Eram partes do Todo nas Substâncias
Desde o estado prodrômico do mundo.

E com o espírito absconso em paroxismos,
No ígneo incêndio de batalha acesa,
Via Deus adstrito à natureza,
Deus era a lei de eternos transformismos.

Concepção panteística, englobando
As substâncias tôdas na Unidade,
Perpetuando-se em continuidade,
A essência onicriadora reformando.

O corpo desde o embrião inicial, —
Era um mero atavismo revivendo;
A alma era a molécula, sofrendo,
Afastada do Todo Universal;

Dominava-me todo o mêdo horrível,
Do meu viver, que eu via transtornado:
Eu era um átomo individualizado
Em cerebralidade putrescível.

À luz dessa dourada ignorância,
E com certezas lógicas, numéricas,
Notava as pestilências cadavéricas
Iguais à carne angélica da infância;

A sutilez do arminho que se veste,
A coroa aromática das flores,
Irmanadas aos pútridos fedores
De emanações pestíferas da peste!

Extravagância e excesso jamais visto,
De idéia que esteriliza e desensina,
Loucura que igualava Messalina
À pureza lirial da Mãe de Cristo.

Assim vivi na presunção que via, —
Dos ácumos da ciência e do saber
Os princípios genéricos do ser,
No pantanal da lama que eu vivia.

Vi, porém, a matéria apodrecer,
E na individualidade indivisível
Ouvi a voz esplêndida e terrível
Da luz, na luz etérica, a dizer: —

II

“Louco que emerges de apodrecimentos, —
Alma pobre, esquelético fantasma
Que gastaste a energia do teu plasma
Em combates estéreis, famulentos...”

Em teus dias inúteis, fôste apenas
Um corvo ou sanguessuga de defuntos,
Vendo sómente a cárie dos conjuntos,
Entre as sombras das lágrimas terrenas.

Vias os teus iguais, iguais aos odres
Onde se guarda o fragmento imundo,
De todo o estérco que apavora o mundo
E as ruins exalações dos corpos podres.

E tanto viste os corpos e as matérias
No esterquilínio generalizados,
E os instintos hidrófobos, danados,
Em meio de excrecências e misérias,

Que corrompeste a íntima saúde
Da tua alma cégada de amargores,
Que na Terra não viu os esplendores
E as luzes ignóvomas da virtude.

Olhos cegos às chamas da bondade
De Deus e à divinal misericórdia,
Que espalha o bem e as auras da concórdia
No coração de tôda a humanidade.

Descansa, agora, vibrião das ruínas,
Esquece o verme, as carnes, os estrumes,
Retempéra-te em meio dos perfumes
Cantando a luz das amplidões divinas.”

III

Calou-se a voz. E sufocando gritos,
Filhos do pranto que me espedaçava,
Reconheci que a vida continuava
Infinita, em eternos infinitos!

A DOR

AUGUSTO DOS ANJOS.

Donde vem essa fôrça absoluta,
Que é a dor insaciável que estraçalha —
Com a inflexibilidade da metralha, —
Que inutiliza os corpos para a luta;

Clava feroz, terrivelmente hirsuta,
Com antropofagismos de batalha,
Ferindo aritmética, sem falha,
E que incessantemente nos prescruta?

Não nasce de um desígnio divino,
Nem de fatalidades do destino —
Que destrói nossas células sensitivas;

Vem-nos dos próprios males que engendramos,
Em cujo ignoto báratro afundamos,
Através de existências sucessivas.

VOZES DE UMA SOMBRA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Donde venho? das eras remotíssimas,
 Das substâncias elementaríssimas,
 Emergindo das cósmicas matérias.
 Venho dos invisíveis protozoários,
 Da confusão dos seres embrionários,
 Das células minúsculas, das bactérias. —

Venho da fonte eterna das origens,
 No turbilhão de tôdas as vertigens
 Em transsubstanciações, fundas e enormes;
 Do silêncio da mónada invisível,
 De tétro e fundo abismo, negro e horrível,
 Vitalizando corpos multifformes.

Sei que evolvi e sei que sou oriundo —
 Do trabalho telúrico do mundo,
 Da Terra no vultoso e imenso abdômen;
 Sofri, desde as intensas torpitudes
 Das larvas microscópicas e rudes,
 À infinita desgraça de ser homem.

Na Terra, apenas fui terrível prêsa, —
 Na simbiose da dor e da tristeza, —
 Durante penosíssimos minutos;
 A dor, essa tirânica incendiária,
 Abatia-me a vida solitária
 Como se eu fôsse o bruto entre os mais brutos.

Depois, voltei dêsse laboratório,
 Onde me revolvi como infusório,
 Como animálculo inferior e obscuro,
 Té atingir a evolução dos seres
 Conscientes de todos os deveres,
 Descortinando as luzes do futuro.

E vejo os meus incógnitos problemas
 Iguais a horrendos e fatais dilemas,
 Enigmas insolúveis e profundos;
 Sombra egressa de lousa dura e fria,
 Grito ao mundo o meu grito que se alia
 A todos os anseios gemebundos: —

“Homem! por mais que gastes teus fosfatos
 Não saberás, analisando os fatos,
 Inda que desintegres energias,
 Porque existem o completo e o incompleto,
 Como é que em homem se transforma o feto
 Entre os duzentos e setenta dias.

A flor da laranjeira, a asa do inseto,
 Um estafermo e um Tales de Mileto,
 Como existiram, não perceberás; —
 E nem compreenderás como se opera
 A mutação do inverno em primavera,
 E a transsubstanciação da guerra em paz; —

Como vivem o novo e o obsoleto,
 O ângulo obtuso e o ângulo reto
 Dentro das linhas da geometria;
 O cérebro de Miguel Ângelo nas artes,
 E o espirito profundo de Descartes
 No eterno estudo da filosofia.

Porque existem as crianças e os macróbios
 Nas coletividades dos micróbios
 Que fazem a vida enférma e a vida sã;

Os antigos remédios alopatas
E as modernas dosagens homeopatas,
Produto da experiência de Haneman.

A psíquica-análise freudiana
Tentando aprofundar a alma humana
Com a mais requintadíssima vaidade,
E as teorias do espiritualismo
Enchendo os homens todos de otimismo,
Mostrando as luzes da imortalidade.

Como vive o canário junto ao corvo,
Um céu iluminado e um inferno torvo
Nos absconsos refolhos da consciência;
O laconismo e a prolixidade,
A atividade e a inatividade,
A noite da ignorância e o sol da ciência.

As epidermes e as aponevroses,
As grandes atonias e as nevroses,
As atrações e as grandes repulsões,
Que reunindo os átomos no solo
Tecem a evolução de pólo a pólo,
Em prodigiosas manifestações;

Como os degenerados blastodermas
Criam a descendência dos palermas
No lupanar das pobres meretrizes,
Junto dos palacetes higiênicos,
Onde entre gozos fúlgidos e edênicos
Cresce a alegre progênie dos felizes.

Os lombricoides mínimos, os vermes,
Em contraposição com os paquidermes,
Assombrosas antíteses no mundo;
E' o gigante e o germe originário,
São os milhares de óvulos de um ovário,
Onde há sómente um óvulo fecundo.

A alma pura de Cristo e a de Tibério,
Vaso de carne podre, o cemitério,
E o jardim rescendendo de perfumes;
O doloroso e tetro cataclismo
Da beleza louçã do organismo,
Repleto de dejetos e de estrumes.

As coisas substanciais e as coisas ôcas,
As idéias conexas e as loucas,
A teoria cristã e Augusto Comte;
E o desconhecido e o devassado,
E o que é limitado e o ilimitado
Na ótica ilusória do horizonte.

Os terrenos povoados e o deserto,
Aquilo que está longe e o que está perto;
O que é desmarcado e o que tem marca;
A funda simpatia e a antipatia,
As atrofia e a hipertrofia,
Como as tuberculosas e a anasarca.

Os fenômenos todos geológicos,
Psíquicos, científicos, sociológicos,
Que inspiram pavor e inspiram medo;
Homem! por mais que a idéia tua gastes,
Na solução de todos os contrastes,
Não saberás o cósmico segredo.

E apesar da teoria a mais abstrusa
Dessa ciência inicial, confusa,
Dos materialísticos ateus,
Caminharás lutando além da cova,
Para a Vida que eterna se renova,
Buscando as perfeições do Amor em Deus.

VOZ HUMANA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Uma voz. Duas vozes. Outras vozes.
 Milhões de vozes. Cosmopolitismos.
 Gritos de feras em paroxismos,
 Uivando subjugadas e ferozes.

E' a voz humana em intérrimas nevroses,
 Seja nas concepções dos ateismos,
 Ou mesmo vinculada a gnosticismos
 Nos singultos preagônicos, atrozes.

E' nessa eterna súplica angustiada,
 Que eu vejo a dor em gozos, insaciada,
 Nutrir-se de famélicos prazeres.

A dor, que gargalhando em nossas dores,
 E' a obreira que tece os esplendores
 Da evolução onimoda dos séres.

ALMA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Nos combates ciclópicos, titânicos,
 Que eu às vêzes na Terra empreendia,
 Nos domínios da psicologia,
 Buscava as almas, séres inorgânicos;

Nas lágrimas, nos risos e nos pânicos,
 Nos distúrbios sutis da hipocondria,
 Nas defectividades da estesia,
 Nos instintos soezes e tirânicos.

Sómente achava corpos na existência,—
 E o sangue em contínua efervescência
 Com impulsos terríficos e tredos.

Enceguecido e louco, então, que eu era,
 Que não via dos astros à monera,
 As luzes dalma em trágicos segredos.—

ANÁLISE

AUGUSTO DOS ANJOS.

Oh! que desdita estranha a de nascermos
 Nas sombras melancólicas dos ermos, —
 Nos recantos dos mundos inferiores, —
 Onde a luz é penumbra tênue e vaga,
 Que, sem vigor, fraquíssima, se apaga —
 Ao furacão indómito das dores.

Voracidade onde a alma se mergulha,
 Apoucado Narciso que se orgulha
 Na profundidade ignota dos abismos
 Da carne, que, estrambótica apodrece; —
 Que atrofiada, hipertrófica, parece
 Cataclismo dos grandes cataclismos.

Agrilhoarmo-nos ao fogo dos instintos,
 Serpentes entre escrófulas e helmintos, —
 Na hediondez dos mórbidos sensualismos,
 Tendo a alma, centelha, luz e chama,
 Amalgamada em pântanos de lama,
 Em sexualidades e histerismos.

Misturarmos clarões de sentimentos
 Entre visceras, nervos, tegumentos,
 Na agregação da carne e dos humores,
 Atrocidade das atrocidades;
 Enegrecermos luminosidades
 Na macabra esterqueira dos tumores.

E nisto achar fantásticos prazeres,
 Ilusão hiperbólica dos séres
 Bestializados, materializados;
 Espíritos em ânsias retroativas,
 No transcorrer das vidas sucessivas,
 Nas ferezas do instinto, atassalhados...

Mas a análise crua do que eu via,
 Hedionda lição de anatomia,
 E' mais que uma atrevida aberração:
 Que se quebre o escalpelo de meus versos: —
 Entreguemos a Deus seus universos, —
 Que elaboram a eterna evolução.

EVOLUÇÃO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Se devassássemos os labirintos
 Dos eternos princípios embrionários, —
 A cadeia de impulsos e de instintos,
 Rudimentos dos séres planetários;

Tudo o que a poeira cósmica elabora
Em sua atividade interminável,
O anseio da vida, a onda sonora
Que percorre o espaço imensurável;

Veríamos o evolver dos elementos, —
Das origens às súbitas ascêses,
Transformando-se em luz, em sentimentos, —
No assombroso prodígio das esteses;

No profundo silêncio dos inermes, —
Inferiores e rudimentares,
Nos rochedos, nas plantas e nos vermes,
A mesma luz dos corpos estelares!

E' que, dos invisíveis microcosmos,
Ao monólito enorme das idades,
Tudo é clarão da evolução dos cosmos,
Imensidade nas imensidades!

Nós já fomos os gérmes doutras eras, —
Enjaulados no cárcere das lutas;
Viemos do princípio das moneras, —
Buscando as perfeições absolutas.

HOMO

AUGUSTO DOS ANJOS.

I

Ao meu tétrico olhar abominável,
O homem era o fruto abstruso da ânsia,
Heterogeneidades da Substância,
Argamassando um Todo miserável.

Psique exótica, indeterminável —
Na mais remota epispase da infância,
Desde a mais abscondita reentrância
Da sua embriogenia detestável.

Do intravascular princípio informe,
Larva repugnante e vermiforme,
Nos íntimos recôncavos da placenta,

A quietação dos túmulos inermes,
Era um feixe de mónadas de vermes,
Dissolvidas na terra famulenta.

II

Após a introspecção do Além da Morte,
Vendo o húmus que as próprias vértebras come,
Devorar com atra e hórrida, árdega fome,
Minhas carnes em lúbrico transporte, —

Vi que o "ego" era o alento flâmeco e forte
Da luz mental que a morte não consome.
Não há luta mavórtica que o dome, —
Ou venenada lâmina que o corte.

Depois da estercorária microbiana,
De que a Terra obnoxia se engalana
Nos ergástulos do Infinitesimal,

Volve o espírito ao páramo celeste,
Onde a deífica essência se reveste
Da substância flúida, universal.

INCÓGNITA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Por que misterioso incompreensível,
Vomito ainda em náuseas para o mundo
Todo o fel, tôda a bilis do iracundo,
Se eu já não tenho a bilis putrescível?

Insondável arcano! por que inundo
Todo o meu ser exótico e ultra-sensível —
Na luz, e ainda idolatro o gôsto horrível —
De apostrofar o pobre corpo imundo?

Flúidos teledinâmicos me servem, —
Transmitindo as idéias que me fervem
No cérebro candente, igneo, em brasa...

De que concavidade do Universo
Vem-me o açoite flamívomo do verso,
Chama da mesma chama que me abrasa?

NÚMERO INFINITO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Sístoles e diástoles derradeiras
 No hirto peito, rígido e gelado;
 E eu via o Último Número extenuado,
 Estertorando sôbre as montureiras.

Interregno, escuridão, ânsia e inferneiras; —
 Depois o ar, o oxigênio eterizado,
 E depois do oxigênio o ilimitado,
 Resplendente clarão de horas primeiras.

Busquei a última visão das vistas fôscas,
 O Derradeiro Número entre as môscas,
 A camada telúrica adstrito;

E eu, vítima dútil da desgraça,
 Vi que cada minuto que se passa
 E' nova luz do Número Infinito.

EGO SUM

AUGUSTO DOS ANJOS.

Eu sou quem sou. Extremamente injusto,
 Seria então se não vos declarasse,
 Se vos mentisse, se mistificasse
 No anonimato, sendo eu o Augusto.

Sou eu que, com intelecto de arbusto,
 Jamais cri e por mais que o procurasse,
 Quer com Darwin, com Haeckel, com Laplace,
 Levantar-me do leito de Procusto.

Sou eu que a rota etérica transponho
 Com a rapidez fantástica do sonho,
 Inexprimível nas termologias,

O mesmo triste e estrábico produto,
 Átramente a gemer a mágoa e o luto,
 Nas mais contrárias idiosincrasias.

DENTRO DA NOITE

AUGUSTO DOS ANJOS.

Noite. A Terra volto. E lúcido entro
Em relação com o mundo onde concentro
Meu espírito na queixa atordoadora
Da prisioneira, da perpétua grade,
— A misérrima e pobre humanidade,
Aterradoramente sofredora!

Ausculdo a humana dor, que hórrida sinto,
Dalma quebrando o cárcere do instinto,
Buscando ávida a luz. Por mais que sonde,
Mais o enigma do mundo se lhe aviva,
Em diferenciação definitiva,
Mais a luz desejada se lhe esconde!

E' o quadro mesológico, tremendo,
De tudo o que ficou no abismo horrendo
Da tenebrosa noite dos gemidos;
São os uivos dos instintos jamais hartos,
As dores espasmódicas dos partos,
A desgraça dos úteros falidos.

E' a ânsia afrodisíaca das bôcas,
Que nas bestialidades se unem loucas
As bactérias mais vís, ambas trocando
As dolorosas mágoas dos enfermos,
Sentindo-se em seus leitos como em ermos,
Deplorando o destino miserando.

São os ais dos leprosos desprezados,
Tendo os seus organismos devastados
Pela insaciabilidade dos micróbios,
Vendo cair-lhes os membros carcomidos,
Verminados, cruéis, apodrecidos,
Plantando a dor no chão dos seus cenóbios...

E' o grito, o anseio, a lágrima do homem
Agrilhoado aos prantos que o consomem,
Prêso às dores que se lhe agrilhoaram;
E' a imprecação de todos os lamentos
Dentro do mundo de padecimentos,
Dos desejos que não se realizaram.

Pábulo sou dessa horrível agonia
E por milagres da hiperestesia
Experimento, além das catacumbas,
Essa angústia indomável, atrocíssima,
Junto da emanação requintadíssima
Do ácido sulfídrico das tumbas,

Trazendo dentro dalma envôltos na ânsia,
Asco e dó, piedade e repugnância
Pelo espírito e o corpo nauseabundo;
E com os meus pensamentos desconexos,
Vejo a guerra pestífera dos sexos,
Abominando as coisas dêste mundo.

Terra!... e vem-me fortes cheiros acres,
Como o cheiro do sangue dos massacres,
Fétido, coagulado, decomposto,
Escorrendo num campo de batalhas
Onde as almas se vestem de mortaldas,
Desde o sol-pôsto, ao próximo sol-pôsto.

Apavora-me o horror dessa miséria
 E fujo da imundície da matéria,
 Onde traguei meus grandes amargores;
 Fujo... E ainda transpondo o Azul sereno,
 Sinto em minha alma o tóxico, o veneno
 Do infortúnio dos seres sofredores.

HOMEM - CÉLULA

AUGUSTO DOS ANJOS.

O homem é a célula ainda escravizada
 Nos turbilhões das lutas cognitivas,
 Egressa do arsenal de forças vivas
 Que chamamos a estática do nada.

Sob transformações consecutivas,
 Vem dessa Origem indeterminada,
 Onde se oculta a luz indecifrada
 Dos princípios das luzes coletivas.

Vem através do Todo de elementos,
 Em sucessivos aperfeiçoamentos,
 Nas conquistas da Personalidade, ---

Até achar a Perfeição profunda
 E indivisível, pura, e se confunda, -- 2.
 No transcendentalismo da Unidade.

NA IMENSIDADE

AUGUSTO DOS ANJOS.

Alma humana, alma humana, tu que dormes
 Entre os grandes colossos desconformes
 Da carne, essa voraz liberticida,
 Dêsse teu escafandro de albuminas,
 Em tua mesquinhez não imaginas
 A intensidade esplêndida da vida!

Inda não vês e eu vejo panoramas
 De luz em gigantescos amalgamas
 De sóis, nas regiões imensuráveis,
 Auscultando os espaços mais profundos
 Na sinfonia harmônica dos mundos,
 Singrando a luz de céus incomparáveis.

Do teu laboratório de arterites,
 De gangliomas, úlceras, nevrites
 Ao lado de humaníssimas vaidades,
 Não podes perceber as ressonâncias,
 Quinta-essências de tôdas as substâncias --
 Na fluidez das electricidades.

Aqui não há vertigens de nevróticos,
 Nem bisonhos aspectos de cloróticos
 Nas estradas de eternos ótimismos!
 A vida é o espetáculo de grandezas,
 Submersão nas flúidicas belezas,
 Envergando os etéreos organismos.

Ante a minhalma fulgem ideogramas,
 Pensamentos radiosos como chammas,
 Combinações no Mundo das Imagens;
 São vibrações das almas evolvidas —
 E que, concretizadas e reunidas,
 Formam luminosíssimas paisagens...

Em pleno espaço — Imensidades de ânsias,
 Sem aritmologias das distâncias,
 Sem limites, sem número, sem fim!
 Deus e Pai ó Artista Inimitável,
 Deixai meu ser esdrúxulo, execrável,
 No prolongado e edênico festim!

ALTER EGO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Da morte estranha que devora as vidas,
 Eis-me longe dos rudes estertores,
 Sem guardar os micróbios homicidas
 De eternos atavismos destruidores.

Tenho outro ser talhado pelas dores
 De tôdas minhas células falidas,
 Que se putrefizeram consumidas
 Com os seus instintos atordoadores.

Não sou o homúnculo da hominal espécie,
 Da terrígena raça que padece
 Das mais pungentes heteromorfias.

Mas contérmino à carne, que me aterra,
 Envolve-me nos flúidos maus da Terra,
 E sou o espectro das anomalias.

AOS FRACOS DA VONTADE

AUGUSTO DOS ANJOS.

Homem, levanta o véu do teu futuro,
Troca o prazer sensualista e obscuro
Pelo conhecimento da Verdade.
Foge do escuro ergástulo do mundo
E abandona o Desejo moribundo
Pelo poder da tua divindade.

Teu corpo é todo um orbe grande e vasto:
Livra-o do mal onífero, nefasto,
Com a espada de tôdas as virtudes;
Que o sol da tua mente, eterno esplenda,
Dando a teu mundo a mágica oferenda
Da alegria em divinas plenitudes.

Deixa o conjunto de ancestralidades
Da carne — o eterno símbolo do Hades —
Onde o espírito clama, sofre e chora:
Deixa que as tuas glândulas do pranto
Te salvem no cadinho sacrossanto
Da lágrima pungente e redentora.

Mas, sobretudo, observa o pensamento,
Fonte da fôrça e altíssimo elemento,
Em que tôda molécula se cria:
Ele faz, na existência túmulo abjeto,
Ou um jardim luminoso e predileto,
De arcanjélicas flores de Harmonia.

Ouve-te sempre a ronda do mistério,
Mas faze de tua alma um grande império
De beleza, de paz e de saúde:
Que as tuas agregações moleculares
Vivam livres de todos os pesares,
Com os tónicos sagrados da Virtude.

Tua vontade esclarecida e forte
Triunfará das angústias e da morte —
Além dos planos tristes da matéria,
Mas a tua vontade enfraquecida
E' a meretriz nos báratros da vida,
Amarrada no catre da miséria!

AO HOMEM

AUGUSTO DOS ANJOS.

Tu não és fôrça nêurica sómente, —
 Movimentando células de argila;
 Lama de sangue e cal, que se aniquila
 Nos abismos do Nada eternamente;

E's mais, és muito mais, és a cintila
 Do Céu, a alma da luz resplandecente,
 Que um mistério implacável e inclemente
 Amortalhou na carne átra e intranqüila.

Apesar das verdades fisiológicas,
 Reflexas das ações psicológicas,
 Dessa tua pesserrima existência,

E's um ser imortal e responsável,
 Que tens a liberdade incontestável —
 E as lições da verdade na consciência.

MATÉRIA CÓSMICA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Glória à matéria cósmica, a energia
 Potencial que dá vida aos elementos,
 Base de portentosos movimentos
 Onde a Forma se acaba e principia.

Sistematização dos argumentos
 Que elucidam a Teleologia: —
 Dentro da fôrça cósmica se cria
 A fonte-mater dos conhecimentos.

Ela é o Od ignoto, o éter divino,
 Onde Deus grava a história do destino
 Dos seus feitos de Amor no Amor imersos.

Livro onde o Criador Inimitável
 Grava com o pensamento almo e insondável,
 Seus poemas de seres e universos.

RAÇA ADAMICA

AUGUSTO DOS ANJOS.

A civilização trás o gravame
 Da origem remotíssima dos Árias,
 Estirpe das escórias planetárias,
 Segregadas num mundo amargo e infame.

Árvore genealógica de párias,
 Faz-se mister que o cárcere a conclame,
 Para a reparação e para o exame
 Dos seus crimes nas quedas milenárias.

Foi essa raça podre de miséria
 Que fez nascer na carne deletéria
 A esperança nos céus esquecidos;

Removendo fantásticos tropeços,
 Fez da Terra o caminho dos progressos,
 Mas um mundo de deuses decaídos.

A SUBCONSCIÊNCIA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Há, sim, a inconsciência prodigiosa -- 2
 Que guarda infinitésimas ocorrências
 De tôdas as transcorridas existências
 Do espírito quando sofre, luta e goza.

Ela é a registradora misteriosa
 Do subjetivismo das essências,
 Consciência de tôdas as consciências,
 Fora de tôda a sensação nervosa.

Câmara da memória independente,
 Arquiva tudo rigorosamente
 Sem massas cerebrais organizadas,

Que o neurônio oblitera por momentos,
 Mas que é o conjunto dos conhecimentos
 Das nossas vidas estratificadas.

ESPIRITO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Busca a Ciência o Ser pelos ossuários,
 No órgão morto, impassível, atro e mudo;
 No labor anatômico, no estudo
 Do germe, em seus impulsos embrionários;

Mas, só encontra os vermes-funcionários —
 No seu trabalho infame, horrendo e rudo,
 De consumir as podridões de tudo,
 Nos seus medonhos ágapes mortuários.

No meio triste de cadaverinas
 Acha-se apenas ruína sôbre ruínas,
 Como o bolor e o môfo sob as heras;

A alma que é Vibração, Vida e Essência,
 Está nas luzes da sobrevivência,
 No transcendentalismo das esferas.

"VIDA E MORTE"

AUGUSTO DOS ANJOS.

A morte é como um fato resultante
 Das ações de um fenômeno vulgar,
 Desorganização molecular,
 Fim das forças do plasma agonizante.

Mas a vida a si mesma se garante
 Na sua eternidade singular,
 E em sua transcendência vai buscar
 A luz do espaço, fúlgida e distante!

Vida e Morte — fenômenos divinos,
 Na ascendência de todos os destinos,
 Do portentoso amor de Deus oriundos...

Vida e Morte — Presente eterno da Ânsia,
 Ou condição diversa da substância,
 Que manifesta o espírito nos mundos.

NOS VÉUS DA CARNE

AUGUSTO DOS ANJOS.

Na ilusão material da carne espúria,
Sob o acervo das células taradas,
Choram de dor as almas condenadas
Ao cárcere de lágrima e penúria.

Entre as sombras das míseras estradas,
Vê-se a guerra da inveja e da luxúria,
Esfacelando com medonha fúria
O coração das almas bem formadas.

E' nesse turbilhão de dor e de ânsia
Que o homem procura a eterna substância
Da verdade suprema, alta, imortal.

Deixando corpos pelos cemitérios,
A alma decifra o livro dos mistérios
De luz e amor da vida universal.

HOMEM DA TERRA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Na sombra abjeta e espessa das estradas,
Vive o homem da Terra adormecido,
No horrendo pesadelo de um vencido
Entre milhões de células taradas.

Prantos sinistros! Loucas gargalhadas,
Pavorosos esgares de gemido,
E lá vai o fantasma embrutecido
Pelas sombras de lôbregas jornadas.

Homem da Terra! trágico segrêdo
De Miséria, de Horror, de Ânasia e de Mêdo,
Feito à noite de enigma profundo!...

Anjo da Sombra, mísero e perverso,
Es o sentenciado do universo
Na grade organogênica do mundo.

GUERRA

AUGUSTO DOS ANJOS.

A torva geração do Ódio e da Guerra,
Embora a Paz suavíssima a conclame,
Faz dos homens do mundo amargo e infame,
Assanhados carnívoros da Terra.

E' a alma da besta que se desenterra
Dos milênios de treva e de gravame,
Sem um raio de Paz e Amor que a inflame
No cárcere de sombra em que se encerra.

Bêsta que pede em tom grave e profundo,
Carne para os prostíbulos do mundo,
Carne para os canhões da luta inglória;

E em vão reclama luz a Humanidade, —
Porque o monstro da infâmia e da impiedade, —
Grava com lôdo as páginas da História. —

NAS SOMBRAS

AUGUSTO DOS ANJOS.

Bombardeios. Canhões. Trevas. Muralhas.
E rasteja o dragão horrendo e informe,
Espalhando a miséria e o luto enorme
Em miserabilíssimas batalhas.

Visões Apocalípticas do mal,
Desenhadas por corvos vagabundos,
Gritam a dor de povos moribundos
Na sinistra hecatombe universal.

A civilização do desconforto,
De mentira e veneno cerebrais,
Vai carpindo nos tristes funerais
Do seu fausto de sombra, amargo e morto.

Quadros de sangue, lágrimas e horrores
Avassalam de dor o mundo inteiro,
E' o triunfo terrível do coveiro,
Ossuários tremendos sob as flores.

Enquanto a desventura chora inermes,
O homem filosófico ou sem nome,
Morre de frio e fel, de sede e fome,
Nas vitórias fantásticas do verme.

Ai de vós nos abismos da aflição,
Sem o raio de luz da crença amiga:
Desventurado aquêl que prossiga
Sem o Cristo de Amor no coração.

CONFISSÃO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Também eu, mísero espectro das dores
 No escafandro das células cativas,
 Não encontrei a luz das forças vivas,
 Apesar de ingentíssimos labores.

Bem distante das causas positivas,
 Na visão dos micróbios destruidores,
 Senti sómente angústias e estertores,
 No turbilhão das sombras negativas.

Foi preciso "morrer" no campo inglório,
 Para encontrar êsse laboratório
 Das grandezas dum novo transformismo!

A Ciência sincera é grande e augusta,
 Mas só a Fé, na estrada eterna e justa,
 Tem a chave do Céu, vencendo o abismo!...

HOMEM - VERME

AUGUSTO DOS ANJOS.

Desolação. Terror e morticínio.
 O homem sófrego e bruto, de ânsia em ânsia,
 Sofre agora a sinistra ressonância
 De sua inclinação para o extermínio.

E' o doloroso e trágico domínio
 Do "homo homini lupus" da ignorância,
 Exaltando a vaidade sem substância,
 Ídolo podre sôbre o esterquilínio.

Por tôda parte, escorre o sangue horrível,
 Ao crepitar de rúbidos incêndios,
 Sôbre a idéia cristã medrando em germe.

Em quase tudo, o pântano terrível,
 De lôdo e lama, em sombra e vilipêndios,
 Atestando as vitórias do homem-verme!

GRATIDÃO A LEOPOLDINA (1)

AUGUSTO DOS ANJOS.

Sem o vulcão de dor de hórridas lavas,
 Beija, Augusto, êste solo generoso,
 Que te guardou no seio carinhoso
 O escafandro das células escravas.

Aqui, buscaste o campo de repouso,
 Depois das vagas ríspidas e bravas
 No mundo áspero e vão, que detestavas,
 E onde sorveste o cálice amargoso.

Volta, Augusto, do pó que envolve as tumbas,
 Proclama a vida além das catacumbas,
 Nas maravilhas de seus resplendores.

Ajoelha-te e lembra o último abrigo,
 Esquece o travo do tormento antigo
 E oscula a destra de teus benfeitores.

(1) Poesia recebida em 18 de junho de 1940, em Leopoldina, onde foi sepultado o poeta.

CIVILIZAÇÃO EM RUINAS

AUGUSTO DOS ANJOS.

A civilização horrenda em ruínas,
 Deixa agora escapar o horrendo fruto
 De miséria e de dor, de pranto e luto,
 Feito de sãnie e de cadaverinas.

Em vão, sôbre o Calvário áspero e bruto,
 Sangrou Jesus em lágrimas divinas,
 Sob as ofensas torpes e tigrinas,
 A tentarem-lhe o espírito incorrupto.

Saturada de débito e gravame,
 A civilização amarga e infame,
 Suicida-se num báratro profundo...

Porque na luz dos círculos da Terra,
 Nos turbilhões fatídicos da guerra,
 Ainda é Caim que impera sôbre o mundo.

A LEI

AUGUSTO DOS ANJOS.

Em reflexões misérrimas, absorto,
Raciocinava: — “O último tormento
E’ regressar à carne e ao sofrimento
Sem o triste fenômeno do abôrto!...

Tôda a amargura dalma é o desconfôrto
De retornar ao corpo famulento,
E apagar tôda a luz do pensamento
Nas células de um mundo amargo e morto!...

Mas, uma voz da luz dos grandes mundos,
Em conceitos sublimes e profundos,
Respondeu-me em acentos colossais:

— “Verme que volves dos esterquilínios,
Cessa a miséria de teus raciocínios,
Não insultes as leis universais.”

NO CREPÚSCULO DA CIVILIZAÇÃO

AUGUSTO DOS ANJOS.

A civilização do ódio e da guerra,
Amortalhada em trevas e gravame,
Ressuscita o dragão horrendo e infame
Que multiplica as lágrimas da Terra!

Por mais se esforce a fé e se conclame
A humanidade às luzes que ela encerra,
Mais surge o homem terrestre que se aferra
Ao ódio, embora o Espírito reclame.

Sob as ciências tristes e bastardas,
Chora a viúvez ao côro das bombardas,
Trôa o canhão, de novo brande o açoite!

E o Mestre Amado, como Jeremias,
Chora sôbre o amargor dos vossos dias,
Antevendo o pavor da vossa noite.

A UM OBSERVADOR MATERIALISTA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Busca o talão dos velhos calendários.
Desde o instante infeliz de Adão e Eva,
Encontrarás teus gritos solitários,
Enfrentando o pavor da mesma treva.

Sempre a dúvida estranha que se ceva
De terríveis problemas multifários,
O mistério da célula primeva,
Os impulsos dos sonhos embrionários.

Pára, amigo... Não sigas na consulta:
O detalhe anatômico te insulta,
A molécula morta desafia.

Se não tens coração que aceite a crença,
Espera a mão da morte excelsa, e pensa,
Que a carne volve ao pó exangue e fria.

ANTE O CALVÁRIO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Da terra do Calvário ardente e adusta,
Entre prantos pungentes, o Cordeiro
Da Verdade e da Luz do mundo inteiro,
Vive o martírio de sua alma augusta.

Sôbre a cruz infamérrima se ajusta
A crueldade do espírito rasteiro
Do homem, que é sempre o tigre carniceiro,
Enquanto grita a turba ignara e injusta.

.....
Depois de vinte séculos ingratos,
Multiplicando Herodes e Pilatos,
Inda sentem-se as lágrimas divinas;

Pois, embora o Direito, o Livro e a Toga,
A humanidade infame inda se afoga
No sangue podre das carnificinas.

ALMAS DILACERADAS



AUTA DE SOUZA.

Poetisa norte-rio-grandense, prematuramente desencarnada em 1901, com 25 anos. Talento promissor, lira suavíssima, não lhe conhecemos *Horto*, editado em Paris, em 1910.

Sabemos, contudo, que foi um espírito sofredor, melancólico, de sensibilidade delicadíssima, qual se evidencia agora nestas produções.

Quando, em dores, na Terra inda vivia
Caminhando em aspérrimas estradas,
Via prêsas do pranto e da agonia,
Almas feridas e dilaceradas.

Escutava a miséria que gemia
Dentro da noite de ânsias torturadas,
Treva espessa da senda tão sombria
Das criaturas desesperançadas.

E eu que era irmã dos grandes sofredores,
Sofria crendo que tais amargores —
Encontrariam termos desejados.

E confiada na crença que tivera, —
Cheguei à luz da eterna primavera,
Onde há paz para os pobres desgraçados.

CONTRASTES

AUTA DE SOUZA.

Existe tanta dor desconhecida
Ferindo as almas pelo mundo em fora,
Tanto amargor de espírito que chora
Em cansaços nas lutas pela vida;

E há também os reflexos da aurora
De ventura, que torna a alma florida,
A alegria fulgente e estremeçada,
Aureolada de luz confortadora.

Há, porém, tanta dor em demasia,
Sobrepujando instantes de alegria,
Tal desalento e tantas desventuras,

Que aquêlê que envenena-se no gôzo,
Deve fugir das horas de repouso, —
Minorando as alheias amarguras.

MÁGOA

AUTA DE SOUZA.

Muitas vêzes sonhei na Terra ingrata
 O paraíso doce da ventura,
 Vendo sómente o espinho da amargura
 Que as nossas tristes lágrimas desata;

Sómente a dor intérmina que mata
 A alegria mais lúcida e mais pura,
 O veneno da acerba desventura
 Que fere em nós a aspiração mais grata.

Se apenas vi, porém, a mágoa intensa
 Que rouba a luz, o amor, a paz e a crença,
 E' que a dor da minha alma em tudo eu via.

E aumentava minha íntima tristeza
 Vendo em tudo, na própria natureza,
 A mesma dor que eu tanto padecia.

HORA EXTREMA

AUTA DE SOUZA.

Quando exalei meus últimos alentos
 Nesse mundo de mágoas e de dores,
 Senti meu ser fugindo aos amargores
 Dos meus dias tristonhos e nevoentos.

A tortura dos últimos momentos
 Era o fim dos meus sonhos promissores;
 Do meu viver sem luz, sem paz, sem flores,
 Que se extinguia em átros sofrimentos.

Senti, porém, minha alma sofredora
 Mergulhada nas brisas de uma aurora,
 Sem as sombras da dor e da agonia...

Então parti, serena e jubilosa,
 Em demanda da estrada esplendorosa
 Que nos conduz às plagas da harmonia!

EM PAZ

AUTA DE SOUZA.

Tanto roguei a paz consoladora,
Durante os meus amargos sofrimentos,
Elevando a Jesus meus pensamentos,
Que recebi a paz confortadora!...

Sentindo-me feliz, ditosa agora,
Nessas paragens de deslumbramentos, —
Onde terminam todos os tormentos
Que inundam de amargor a alma que chora.

Jesus! doce Jesus meigo e bondoso,
Quanto agradeço a paz que concedestes —
Ao meu viver tristonho e doloroso.

E dêsse lindo oásis encantado,
Canto de luz dos páramos celestes,
Bendigo o vosso amor ilimitado!

EM ÊXTASE

AUTA DE SOUZA.

Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,
Abrasada de amor eu viveria
Sorvendo a luz do cálix da harmonia, —
Em paz serena, eterna e derradeira!...

Por teu amor, Jesus, inda quisera
Volver ao pó da carne dos mortais,
Para cantar a terna primavera
Do teu amor nas lutas terrenais

Depois da treva espessa da amargura;
Para exaltar as luzes que me deste
Na cariciosa e doce paz celeste,
Meu tesouro de fúlgida ventura;

Para contar tua bondade imensa —
Aos meus irmãos, os homens pecadores
Mergulhados na noite da descrença,
Nos abismos dos males e das dores;

Para falar a tôdas as criaturas, —
Da tua alma esplendente de bondade,
Afastando as amargas desventuras
Do coração da pobre humanidade!

Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,
Abrasada de amor eu viveria,
Sorvendo a luz do cálix da harmonia,
Em paz serena, eterna e derradeira!...

MÃE

AUTA DE SOUZA.

Oh! minha santa mãe, era bem certo
 Que entre as preces maternas estendias
 As tuas mãos sôbre os meus tristes dias,
 Quando na Terra, que era o meu deserto.

Nos instantes de dor, bem que eu sentia
 As tuas asas de Anjo da Ternura,
 Pairando sôbre a minha desventura
 Feita de prantos e melancolia.

Flor ressequida eu era e tu o orvalho,
 Que me nutria, pobre e empalecida;
 Era a tua alma a luz da minha vida,
 Meu tesouro, meu dólcido agasalho!...

Ai de mim sem a tua alma bondosa,
 Que me dava a promessa da esperança,
 Raio de luz, de amor e de bonança,
 Na escuridão da vida dolorosa.

E que felicidade doce e pura,
 A que senti após a treva e a morte,
 Findo o terror da minha negra sorte,
 Quando vi teu sorriso de ventura!

Então, senti que as Mães são mensageiras
 De Maria, Mãe de anjos e de flores,
 E Mãe das nossas Mães cheias de amores,
 Nossas meigas e eternas companheiras!...

PRECE

AUTA DE SOUZA.

Estendei vossa mão bondosa e pura,
 Mãe querida dos fracos pecadores,
 Aos corações dos pobres sofredores
 Mergulhados nos prantos da amargura.

Derramai vossa luz, tôda esplendores
 Da imensidade, da radiosa altura,
 Da região ditosa da ventura
 Sôbre a sombra dos cárceres das dores!

Mãe! excelsa Mãe de anjos celestes,
 Mais amor, dêsse amor que já nos destes,
 Queremos nós em cada novo dia;

Vós que mudais em flores os espinhos,
 Transformai tôda a treva dos caminhos
 Em clarões refulgentes de alegria.

ADEUS...

AUTA DE SOUZA.

O sino plange em terna suavidade,
 No ambiente balsâmico da igreja;
 Entre as naves, no altar, em tudo adeja
 O perfume dos goivos da saudade.

Geme a viuvez, lamenta-se a orfandade;
E a alma que regressou do exílio beija
A luz que resplandece, que viceja,
Na catedral azul da imensidade.

“Adeus, Terra das minhas desventuras...
Adeus, amados meus...” — diz nas alturas
A alma liberta, o azul do céu singrando...

— Adeus... — choram as rosas desfolhadas,
— Adeus... — clamam as vozes desoladas
De quem ficou no exílio soluçando...

ALMAS

AUTA DE SOUZA.

Oh! solitário das estradas,
Desventurado pensador,
Há no caminho “almas penadas”
Que vão clamando desoladas
A dor e o pranto, o pranto e a dor!...

Vós, que o silêncio amais no mundo,
Em orações ao pé do altar,
Sob as arcadas silenciosas,
Almas feridas, desditosas,
Oram convosco a soluçar.

Ao descansardes meditando
À sombra de árvores em flor,
Sabei que às vezes sois seguidos
Pelas angústias dos gemidos,
De almas chagadas no amargor.

Clareie a luz do sol nascente,
Negreje a treva na amplidão,
Gemem na Terra muitos seres
Pelos amargos padeceres
Depois da morte, na aflição.

Dai-lhes dos vossos pensamentos
Consolação que adoce a dor,
Dai um conforto à desventura,
A prece cheia de ternura,
Algo de afeto, algo de amor!...

ALMAS DE VIRGENS

AUTA DE SOUZA.

Andam sombras errando abandonadas
Ao pé das lousas e das covas frias,
Almas de pobres freiras desamadas,
Perambulando pelas sacristias.

Almas das que não foram desposadas,
Como bandos de rôlas erradias,
Anjélicas visões de bem-amadas,
Mortas na aurora rútila dos dias...

Virgens mortas! Tristíssimas oblatas
De um sacrário de luz piedoso e santo,
Que sonhais entre os tálamos celestes,

Entoai nos céus as tristes serenatas
Com as vossas roxas túnicas de pranto,
Cantando à luz do amor que não tivestes!...

CARTA ÍNTIMA

AUTA DE SOUZA.

Escuta, meu irmão! Pelo caminho
Da miséria terrestre, há muitas dores;
Muito fel, muita sombra, muito espinho,
Entre falsos prazeres tentadores.

Há feridas que sangram... Há pavores,
De órfãos sem lar, sem pão e sem carinho:
Confortemos os pobres sofredores,
Não te guardes no espírito mesquinho!

Jesus há-de sorrir com o teu sorriso,
Quando faças no mundo o bem preciso,
Pelo que sofre em desesperação.

Todo o bem que plantares nessa vida,
Há-de esperar tua alma redimida
Nos caminhos de luz e redenção!

MARIA...

AUTA DE SOUZA.

Tôda a expressão de ternura
Do mundo de provação,
Nos céus ditosos procura
A sua excelsa afeição.

Consôlo das mães piedosas,
Cheias de mágoa e de pranto,
Sôbre quem atira as rosas
Do seu Amor sacrossanto.

Ninguém diz, ninguém traduz
Essa visão da Harmonia,
Visão de paz e de luz,
Paz dos céus! Ave-Maria!

MENSAGEM FRATERNA

AUTA DE SOUZA.

Meu irmão: Tuas preces mais singelas
São ouvidas no espaço ilimitado,
Mas sei que às vêzes choras, consternado,
Ao silêncio da fôrça que interpelas.

Volve ao teu templo interno abandonado,
— A mais alta de tôdas as capelas —
E as respostas mais lúcidas e belas
Hão de trazer-te alegre e deslumbrado.

Ouve o teu coração em cada prece.
Deus responde em ti mesmo e te esclarece
Com a força eterna da consolação;

Compreenderás a dor que te domina,
Como a linguagem pura e peregrina
Da voz de Deus, em luz de redenção.

VINDE!

AUTA DE SOUZA.

Todo anseio da crença acalma as dores,
Tôda prece é uma luz para quem chora,
A oração é o caminho côr de aurora
Para o sonho dos pobres pecadores!...

Oh! corações que a lágrima devora,
Vinde através dos rudes amargores,
Cantar na luz dos grandes esplendores,
Vossa iluminação de cada hora!...

Vinde recordar no espaço infindo,
Neste Lar de Jesus, ditoso e lindo,
As desventuras para bendizê-las...

Feliz o coração sereno e forte,
Que triunfa da lágrima e da morte,
Palpitando na esfera das estrêlas!...

O SENHOR VEM...

AUTA DE SOUZA.

E eis que Ele chega sempre de mansinho.
Haja sol, faça frio ou tempestade;
Veste o manto do amor e da verdade,
E percorre o silêncio do caminho.

Vem ao nosso amargoso torvelinho,
Trás às sombras da vida a claridade,
E os próprios sofrimentos da impiedade
São as bênçãos de luz do seu carinho.

Como o sol que dá vida sem alarde,
Vem o Senhor que nunca chega tarde,
E protege a miséria mais sombria.

Ele chega. E o amor se perpetua...
E' por isso que o homem continua
Ressurgindo da treva a cada dia.

MIRAGENS CELESTES



B. LOPES.

Natural do Estado do Rio de Janeiro. Nasceu a 18 de janeiro de 1859, na cidade de Rio Bonito. Funcionário Público aposentado.

I

Sublimes atmosferas,
Luminosas, rarefeitas,
Sem as medidas estreitas
Das horas que marcam eras.

E as almas puras, eleitas,
Quais flores das primaveras,
Buscando vão as esferas
Das alegrias perfeitas.

Vão tôdas, espaço em fora,
Como lírios côr da aurora,
Modelados pela dor.

E onde passam sorridentes
Abrem-se rosas virentes,
Rosas de paz e de amor.

II

Uma campina de flores
Em pleno espaço infinito,
Onde desperta um precito
De um pesadelo de dores.

Envergara o sambenito
Dos pedintes sofredores,
Vivera entre os amargores
De um sofrimento bendito.

E nessa etérea campina
Recebe a esmola divina,
Nesse batismo de luz;

Recebendo entre outros gozos,
Dos lábios de anjos formosos,
O ósculo de Jesus.

CROMOS

B. LOPES.

Na alcova desguarnecida,
Sôbre uma enxêrga, a doente
Soluça como quem sente
O fim nevoento da vida.

Beija-lhe a filha inocente,
Minúscula, embevecida,
Mirando-a enternecida,
Dizendo-lhe docemente: —

“Não chores mais mamãezinha:
Vou dar minha bonequinha
À santa lá do altar;

E com esta minha promessa,
Ela há de vir bem depressa
Para a senhora sarar.”

II

O mendigo desprezado
Olha as estrêlas e chora,
Pois sente que se enamora
Do firmamento estrelado.

Ao seu Jesus bem-amado,
Cheio de lágrimas, ora,
E pede, suplica, implora
Perdão para o seu pecado.

Vêm-se raios formosos,
Dimanando luminosos,
Do clarão da sua fé;

E lá dos céus abençoã
Sua alma singela e boa,
O Jesus que êle não vê.

SONETOS



BATISTA CEPELOS.

Poeta paulista, desencarnou no Rio de Janeiro, em 1915, atribuindo-se a suicídio o en-

contro do seu corpo entre pedras de uma rocha, na rua Pedro Americo. Esta versão parece confirmar-se agora nestes sonetos.

I

Eu fui pedir à Natureza, um dia,
Que me desse um consôlo a tantas dores;
Desalentado e triste, pressenti-a
Cansada e triste como os soffredores.

Encaminhei-me à porta da Agonia, —
Corroído por chagas interiores,
Buscando a morte que me aparecia
Como o têrmo anelado aos dissabores.

Desvendando êsse trágico segrêdo, —
Que a alma decifra, pávida de mêdo,
Com ansiedade e temores dos galês...

Mas ah! que atroz remorso me persegue!
Choro, soluço, clamo e êle me segue
Nesse abismo que se abre ante os meus pés.

II

Ninguém ouve na Terra êsse lamento
Da minha dor imensa, incompreendida,
Nas pavorosas trevas desta vida
Em que eu julgava achar o Esquecimento.

Tenebrosa, essa noite indefinida,
Cheia de tempestade e sofrimento,
No país do Favor e do Tormento
Onde chora a minha alma encêguecida.

Onde o não-ser, a paz calma e serena,
Que me traria o bálamo a esta pena
Interminável, rude, dolorosa?

Ninguém! Uma só voz não me responde!
Sinto sómente a treva que me esconde
Na vastidão da noite tormentosa...

III

Sirva-vos de escarmento a dor que trago
Na minha alma infeliz e soffredora,
Este padecimento com que pago
O desvio da estrada salvadora.

Aqui sómente ampara-me êsse vago
 Pressentimento de uma nova aurora,
 Quando terei os bens, o brando afago
 Da Luz, que está na dor depuradora.

Agora, sim! depois de tantos anos —
 De tormentos em meio aos desenganos,
 Espero o sol de novas alvoradas,

De existências de pranto e de miséria,
 Para beber no cálix da matéria
 As essências das dores renegadas!

RIMAS DE OUTRO MUNDO



BELMIRO BRAGA.

Nasceu a 7 de janeiro de 1870, em Juiz de Fora, Minas, e aí desencarnou recentemente. Iniciou-se na vida comercial e foi, depois, notário público.

Poeta, comediógrafo e jornalista nato. Popularizou-se, sobretudo, pela singeleza e espontaneidade da sua musa. Era membro de realce da Academia de Letras.

I

Ceguei feliz ao meu pôrto,
 Estou mais moço e mais forte,
 Encontrei paz e confôrto
 Na vida, depois da morte.
 Eis as rimas de outro norte,
 Que escreve o poeta morto.

II

Com a ignorância proterva,
Que a morte é o fim, o homem pensa,
Julgando no talo de erva
A paisagem linda e imensa.
Ah! feliz o que conserva
As luzes doces da crença.

III

Quanta gente corre, corre,
Ansiosa atrás do prazer,
Sonha e chora, luta e morre
Sem jamais o conhecer.
Não há ninguém que se forre
Sôbre a terra, ao padecer.

IV

Fecha a bolsa da ambição,
Não corras atrás da sorte,
Venera a mão que te exorte
Nos dias de provação.
Tem coragem, meu irmão,
Ninguém se acaba com a morte.

V

No mundo vale quem tem
Um cifrão de prata ou de ouro;
Mas, da morte ao sorvedouro
Jamais escapa ninguém!
No céu só vale o tesouro
Daquele que fez o bem.

VI

Que a tua alma em preces arda —
No fogo da devoção.
Deus é um Pai que nunca tarda
No caminho da aflicção.
Nas mágoas do mundo, guarda
A fé do teu coração.

VII

Entre a fé e o fanatismo, —
Muito espírito se engana:
A primeira ampara e irmana,
O segundo é o dogmatismo,
Goela aberta de um abismo
Na estrada da vida humana. —

VIII

A Terra, para quem sente,
Inda é torre de Babel, — 2
Onde a prática desmente
As ilusões do papel.
Muita boca sorridente,
Corações de lódo e fel.

IX

Suporta a dor que te cobre
Na estrada espinhosa e má,
Quem é rico, quem é nobre, —
A essa estrada voltará.
E' uma ventura ser pobre,
Com a bênção que Deus nos dá.

X

Na vida sempre supus,
Sem muita filosofia,
Que, em prol do reino da luz,
Basta na Terra sombria,
Que o homem siga a Jesus,
Que a mulher siga a Maria.

BILHETES

BELMIRO BRAGA.

Se tens o leve agasalho
Do santo calor da crença,
Exemplifica o trabalho
Sem cuidar da recompensa.

Não peças aprovação
Do mundo pobre e enganado,
Recorda que o mundo vão
E' um grande necessitado.

Vais procurar a ventura?
Toma cuidado: Os caminhos
São crivados de amargura,
Atapetados de espinhos.

Acalma-te na aflição,
Modera-te na alegria,
Não prendas o coração
Nos laços da fantasia.

No curso de aquisições,
Não vivas correndo a esmo;
Esquece as inquietações,
Toma posse de ti mesmo.

Recorda que a tua vida
E' sempre uma grande escola;
Muita frente enancecida
E' frente de criança.

Não perguntes ao passado
Pela sombra, pela dor,
O caminho é ilimitado,
Eterna a fonte do amor.

Olha o monte luminoso,
Que é símbolo sacrossanto!...
Quem desce é riso enganoso,
Quem sobe é suor e pranto.

Não te aflijas. A bonança
E' flor de sabedoria,
Não te esqueças que a esperança
E' a bênção de cada dia.

No impulso que te conduz,
Age sempre com bondade,
Todo esforço com Jesus
E' vida na eternidade.

QUADRAS

BELMIRO BRAGA.

Ai de quem busca o deserto
De torturas da descrença: —
Morrer é sentir de perto
A vida profunda e imensa.

Depois da miséria humana
Sôbre a terra transitória,
Lastimo quanto se engana
O ouro da falsa glória.

Dinheiro do mundo vão,
Mentiras da vaidade,
Não trazem ao coração
A luz da felicidade.

Bem pobre é a cabeça tonta
Dos perversos e usurários,
Que morrem fazendo conta
Nas cruzes de seus rosários.

E' ditosa no caminho
Alegre como ninguém,
A mão terna do carinho
Que vive espalhando o bem.

Angústias, derrotas, danos,
Tudo isso tenho visto.
Só não vejo desenganos
Na estrada de Jesus Cristo.

A VIRGEM



BITTENCOURT SAMPAIO.

Sergipano, nascido na cidade de Laranjeiras, desencarnou no Rio de Janeiro em 1895. Foi político ativo, deputado por sua província em duas legislaturas e Presidente do Espírito Santo. Diretor da Biblioteca Nacional e jornalista de mérito.

A fonte de onde respigamos estes dados, aponta *Poesias*, (1859) e *Flores Silvestres* (1860), mas omite a maior das suas obras, que é *A Divina Epopéia*, ou seja o Evangelho de João, em magníficos versos brancos, tais como estes. Mas... é que Bittencourt Sampaio foi, no último quartel da vida terrena, um dos mais brilhantes e destemerosos paladinos da Revelação Espirita. E, como tal, ainda hoje se manifesta, por dar-nos obras como *Jesus perante a Cristandade*, verdadeiro poema em prosa.

Vós sois no mundo a estrêla da esperança,
A salvação dos náufragos da vida;
A custódia das almas sofredoras,
Consolação e paz dos desterrados

Do venturoso aprisco das ovelhas
 De Jesus Cristo, o Filho muito amado!
 Fanal radioso aos pobres degredados,
 Anjo guiador dos homens desgarrados
 Do evangelho de luz do Filho vosso.
 Virgem formosa e pura da bondade,
 Providência dos fracos pecadores,
 Astro de amor na noite dos abismos. —
 Clarão que sôbre as trevas da cegueira
 Expulsa a escuridão das consciências!
 Virgem da piedade e da pureza,
 Estendei vossos braços tutelares
 A humanidade inteira, que padece,
 Espíritos na treva das angústias,
 No tenebroso bátrato das dores,
 Mergulhados nas tredas tempestades
 Do mal, que obscurece-lhes a vista;
 Cegos desventurados, caminhando
 Em busca de outras noites mais escuras.
 Legião de penitentes voluntários,
 Afastados do amor e da verdade,
 Fugitivos da luz que os esclarece!
 Anjo da caridade e da virtude,
 Estendei vossas asas luminosas
 Sôbre tanta miséria e tantos prantos.
 Dai fortaleza àqueles que fraquejam,
 Apiedai-vos dos frágeis caminhantes,
 Iluminai os cérebros descrentes,
 Fortalecei a fé dos vacilantes,
 Clareai as sendas obscurecidas
 Dos que se vão nos pântanos dos vícios!...
 Existem almas míseras que choram
 Amarradas ao potro das torturas,
 Os corações farpeados de amarguras...
 Enxugai-lhes as lágrimas penosas!
 Virgem imaculada de ternura,
 Abençoai os mansos e os humildes
 Que acima de ouropéis enganadores,
 Põem o amor de Jesus, eterno e puro!

Dulcificai as mágoas que laceram
 Pobres almas aflitas na voragem
 Das provações mais rudes e amargosas.
 Estendei, Virgem pura, o vosso manto
 Constelado de tôdas as virtudes,
 Sôbre a nudez de tantos sofrimentos
 Que espedaçam as almas exiladas
 No orbe da expiação que regenera...
 Ele será a luz resplandecente
 Sôbre a miséria dos padecimentos,
 Afastando amarguras, concedendo
 Claridades a estradas pedregosas...
 Confôrto às almas tristes dêste mundo,
 Pôrto de segurança aos viajantes,
 Clarão de sol nas trevas mais espessas,
 Farol brilhante iluminando os trilhos
 De todos os viajores que caminham
 Pela mão de Jesus, doce e bondosa;
 O pão miraculoso, repartido
 Entre os esfomeados e os sedentos
 De paz, que os acalente e os conforte!
 Virgem, Mãe de Jesus, anjo de amor,
 Vinde a nós que na luta fraquejamos,
 Ajudai-nos afim de que a vençamos...
 Vinde, piedosa Virgem de bondade,
 Cremos em vós, na vossa alma magnânima!
 Vinde!... dai-nos mais fôrça e mais coragem,
 Derramai sôbre nós o eflúvio santo
 Do vosso amor, que ampara e que redime...
 Vinde a nós! nossas almas vos esperam,
 Almas de filhos míseros que sofrem,
 Atendei nossas súplicas, Senhora,
 Providência da pobre humanidade!...

A MARIA

BITTENCOURT SAMPAIO.

Eis-nos, Senhora, a pobre caravana
Em fervorosas súplicas, reunida,
Implorando a piedade, a paz e a vida,
De vossa caridade soberana.

Fortalecei-nos a alma dolorida
Na redenção da iniquidade humana,
Com o bálsamo da crença que promana
Das luzes da bondade esclarecida.

Providência de todos os aflitos,
Ouví dos céus ditosos e infinitos,
Nossas sinceras preces ao Senhor...

Que a nossa caravana da Verdade
Colabore no Bem da humanidade,
Neste banquete místico do amor.

AS FILHAS DA TERRA

BITTENCOURT SAMPAIO.

Do Seu trono de luzes e de rosas,
A Rainha dos Anjos meiga e pura,
Estende os braços para a desventura,
Que campeia nas sendas espinhosas.

Ela conhece as lágrimas penosas
E recebe a oração da alma insegura,
Inundando de amor e de ternura
As feridas cruéis e dolorosas.

Filhas da Terra, mães, irmãs, espôsas,
No turbilhão dos homens e das cousas,
Imitai-A na dor do vosso trilho!...

Não conserveis do mundo o brilho e as palmas,
E encontrareis no íntimo das almas,
A alegria do reino de Seu Filho!

A VIRGEM

BITTENCOURT SAMPAIO.

Do teu trono de róseas alvoradas,
Estende, mãe bendita, as mãos radiosas
Sôbre a angústia das sendas escabrosas
Onde choram as mães atormentadas.

Mãe de tôdas as mães infortunadas,
Com tua alma de arminhos e de rosas,
Mitiga a dor das almas desditosas
Entre as sombras de míseras estradas.

Anjo consolador dos desterrados,
Conforta os corações encarcerados
Nas algemas do mundo amargo e aflito.

Ao teu olhar, as lágrimas da guerra
E os quadros de amargor que andam na Terra,
São caminhos de luz para o Infinito.

MINHA LUZ



CARMEN CINIRA.

Eu era, Dor, a alma rubra e inquieta,
A pomba predileta
Do prazer, da ilusão e da alegria...
Meu coração, alegre cotovia,
Saudava alvoroçado
O segrêdo da noite e a luz clara do dia,
Quando chegaste de mansinho,
Pisando sutilmente o meu caminho...

E eu te enxerguei, despreocupada,
Em meu engano, em minha fantasia:

Primeiramente,
 Fôste austera e inclemente,
 A um dos belos tesouros que eu possuía
 E mo roubaste para sempre...
 Em fúria iconoclasta,
 Como o simúm que arrasta
 As cidades repletas de tesouros
 Confundindo-as no pó,
 Fôste aos meus ídolos mais caros,
 Destruindo-os sem dó.

Proseguiste oh divina estatuária,
 Na tua obra silente e solitária,
 E quebraste
 Minhas cítaras de ouro,
 Meus mármores de Paros,
 Meus cofres de alabastros,
 Minhas bonecas de biscoí,
 Minhas estatuetas singulares...
 E humilhaste
 Meus sonhos de mulher e de menina,
 Que eu pusera nos astros
 Em meio às melodias estelares!

Mas desde que chegaste,
 Fôste a sombra divina
 Que acompanhou meus passos ao sepulcro...

Tudo sofri
 Oh Dor, por te querer,
 Porque depois que vieste
 Qual pássaro celeste
 Para abrir rosas de sangue no meu peito,
 Encheste a minha vida
 De um estupendo prazer, quase perfeito!

Aos poucos me ensinaste a abandonar
 Meus prazeres fictícios,
 Trocando-os pela luz dos sacrifícios!

Por tudo eu te bendigo oh Dor depuradora,
 Porque representaste em meu destino
 De alma sofredora,
 O fanal peregrino
 Que me guiou constantemente
 Através das estradas espinhosas
 Para as manhãs radiosas
 Da Luz Resplandecente...

Sê, pois, bendita oh Dor linda e gloriosa,
 Pois da volúpia dos teus braços,
 Vim pelas mãos da morte complacente
 Para a vida sublime dos espaços!...

AOS ESPÍRITOS CONSOLADORES

CARMEN CINTRA.

Donde éreis vós, oh formas imprecisas
 De arcanjos tutelares,
 Cujas vozes suaves como brisas
 Trouxeram-me nas dores,
 Do auge no meu sofrer, nos meus penares,
 A irradiação de um brando refrigério?!...

Frontes aureoladas de esplendores,
 Sêres cheios de amor e de mistério,
 Cujas mãos compassivas
 Ungiram meu coração resignado
 Com o bálsamo do olvido do passado,
 E com os místicos olores
 Das meigas sempre-vivas
 Da fé mais luminosa e mais ardente...

Seríeis o fantasma imaginário
 Da mórbida exaltação dalma do crente?
 Não, porque sois os cireneus piedosos
 Dos que vão em demanda do Calvário
 Da Redenção, nos sofrimentos rudes;
 Vindes das mais remotas altitudes
 De sublimados mundos luminosos!...

Sêres do Amor, jamais traduziria
 O cântico de luz
 Que trouxestes ao leito da agonia
 Que eu transpus
 Cheia de desenganos e gemidos!...
 Verto ainda os meus prantos comovidos
 Lembrando-me do vosso Stradivánius,
 Repetindo as cadências dos hinários
 Dos orbes da Ventura e da Harmonia —
 Onde habitais, glorificando o Amor
 Que dalma faz um ninho de alegria
 E um foco de esplendor!

Em que sol deslumbrante, em qual esfera,
 Viveis a vossa eterna primavera?
 Oh irmãos consoladores,
 Que vindes confortar os pecadores
 Penitentes da vida transitória,
 Dai-me um pouco de luz da vossa glória,
 Estendei-me uma única migalha
 Da vossa paz, que nutre e que agasalha
 Os corações iguais ao meu!...

Tenho sede do amor que enfeita o céu!
 Espíritos da luz radiosa e infinda,
 Quero ter dessa luz resplandecente,
 Todavia, imortal;
 Minhalma é fraca e pobre ainda;
 E quero embriagar-me inteiramente
 Com os vinhos da alegria celestial.

CIGARRA MORTA

CARMEN CINIRA.

Chamam-me agora aí
 Cigarra morta,
 E não podia haver melhor definição,
 Porque caí estonteada à porta
 Do castelo em ruínas,
 Do desencanto e da desilusão!...

Minhas futilidades pequeninas...
 Meus grandes desenganos...
 Eu mesma inda não sei
 Se é ventura morrer na flor dos anos...
 Sei apenas que choro
 O tempo que perdi,
 Cantando em demasia a carne inutilmente;
 E vivo aqui, sómente,
 De quanto idealizei
 De belo, de perfeito, grande e santo,
 Que inda hei de realizar
 Com a rima do meu verso e a gôta do meu pranto.

Dá-me força, Senhor,
 Para concretizar meu anseio de amor:
 Evita-me a saudade
 Da minha improdutiva mocidade!
 Eu não quero sentir, —
 Como cigarra que era,
 A falta das canículas doiradas
 Pela luz de ridente primavera.
 Já que tombei cansada de cantar,
 Calando amargamente,
 Perdôa, Deus de Amor, o meu pecado:
 Que eu olvide a cigarra do passado,
 Para ser uma abelha previdente.

ERA UMA VEZ...

CARMEN CINIRA.

Era uma vez Carmen Cinira,
Um coração
Cheio de sonho e flor, que, mal se abria
Nos jardins encantados da ilusão...
Estraçalhou-se para sempre
Na voragem
Das trevas, dos abrolhos!...

Era uma vez Carmen Cinira...
Uma suposta imagem
Da perene alegria,
Mas que trouxe em seus olhos,
Eternamente,
Essa amarga expressão de alma doente,
Cheia de pranto e de melancolia!...
Carmen Cinira! Carmen Cinira!
Que é da minha cigarra cantadeira?
Embalde te procuro.
Por que cantaste assim a vida inteira,
Cigarra distraída do futuro?

Perturbada,
Aturdida,
Busco a mim mesma aqui nestoutra vida...
Onde estou, onde estou?
Minha vida terrena se acabou
E sinto outra existência revelada!

Não sei porque me sinto amargurada...
Sinto que a luz me guia
Para a paz, para um mundo de alegria.
Mas oh imortalidade,
Se na Terra eu te via
Como a aurora divina da verdade,
Não julguei que inda a morte me abria
Êsse cenário deslumbrante
De outros sóis e de outros séres,
E vejo agora
Que não amei bastante,
E não cumpri à risca os meus deveres!

A fagulha de crença
Que eu possuía,
Devia transformar numa fornalha imensa
De fé consoladora,
E incendiar-me para ser luzeiro.

Mas, oh Senhor da paz confortadora,
Eu vi chegar o dia derradeiro
Em minha dor, na máscara de festa,
E a morte me apanhou
Como se apanha uma ave na floresta.
Experimento a grande liberdade!
Todavia, Senhor, ampara-me e protege
Minha triste humildade!

Eu te agradeço a paz que já me deste,
Mais eis que ainda te imploro comovida,
Porque me sinto em fraca segurança;
Deixa que eu guarde ainda nesta vida
Meu escrínio de estrêlas da Esperança..

A JUVENTUDE

CARMEN CINIRA.

Juventude linda e ardente,
 Mocidade querida que eu exorto,
 Meu coração de carne, esse está morto,
 Mas minha alma que é eterna está presente.
 Zelai pelo plantio, oh juventude, —
 Das flores perumadas da virtude,
 Pois após os trabalhos terminados
 Em nosso ermos e últimos caminhos,
 Ai! como nos ferem os espinhos
 Das belas rosas rubras dos pecados!

O VIAJOR E A FE'

CARMEN CINIRA.

— “Donde vens, viajor triste e cansado?”
 — “Venho da terra estéril da ilusão.”
 — “Que trazes?”
 — “A miséria do pecado,
 De alma ferida e morto o coração.
 Ah! quem me dera a bênção da esperança,
 Quem me dera consôlo à desventura!”

Mas a fé generosa, humilde e mansa,
 Deu-lhe o braço e falou-lhe com doçura:

— “Vem ao Mestre que ampara os pobrezinhos,
 Que esclarece e conforta os sofredores!...
 Pois com o mundo uma flor tem mil espinhos,
 Mas com Jesus um espinho tem mil flores!”

O SINAL

CARMEN CINIRA.

Quando chegamos do País do Gôzo,
 Nossa alma sem repouso
 Trás o sinal das trevas do pecado.

Nossa alegria é um riso envenenado.
 A palavra disfarsa o coração
 E a nossa dor é desesperação.

Tudo é sombra. A verdade não tem voz.
 Muita vez, tudo é queda dentro em nós.

Mas os que vêm do Mundo dos Deveres
 Guardam a luz de místicos prazeres.
 Não têm palmas da terra impenitente...
 Como tudo, porém, é diferente!...

Sua alegria é um fruto adocicado,
 Sua palavra é um livro iluminado,
 Sua dor alivia as outras dores.

Trazem o amor de todos os amores,
 Revelando na vida transitória
 O sinal do Calvário aberto em glória!

NA ETERNA LUZ



CASIMIRO CUNHA.

Poeta vassourense, nasceu aos 14 de abril de 1880 e desencarnou em 1914. Pobre, muito pobre e cego, ao demais espirita confesso, não teve maior projeção no cenáculo literário do seu

tempo, mau grado a suavidade da sua musa e inatos talentos literários. Há, na sua existência terrena, uma triste particularidade a assinalar, qual a de haver perdido uma vista aos 14 anos, por acidente, para de todo cegar da outra aos 16. Órfão de pai aos 7 anos, apenas frequentou escolas primárias. Era um espírito jovial e forte no infortúnio, que êle sabia aproveitar com enobrecimento da sua fé. Se tivesse tido maior cultura, atingiria as maiores culminâncias do firmamento literário.

Quando parti dêste mundo
Em busca da imensidade,
A alma ansiosa da Verdade,
Do azul imenso dos céus,

Fugi do pesar profundo,
Lamentando os sofrimentos,
As mágoas, os desalentos,
Confiado no amor de Deus.

Mal, porém, abrirei os olhos
Em meio de luzes puras,
Nas radiantes alturas,
Em célico resplendor,
Compreendi que os abrolhos
Que a Terra me oferecera,
Eram mesmo a primavera
Do meu sonho todo em flor.

Disseram-me então: — “Oh crente —
Que chegais a estas plagas,
Fugindo das grandes vagas
Do mar revólto das lutas,
Aportai serenamente
Nesta estância do Senhor,
Pois aqui existe o amor
Nestas almas impolutas!

Aqui existe a pureza,
A meiga flor da Bondade,
O aroma da Caridade
Perfumando os corações;
Não se conhece a torpeza,
Da lâmina — hipocrisia,
Que mata tôda a alegria,
Provocando maldições.

Aquêles que já sofreram
No dever nobilitante,
Cujo peito sempre amante —
Só conheceu dissabores,

Aquêles que conheceram
As feridas dolorosas,
Dessas mágoas escabrosas —
De um triste mundo de dores,

Encontram nestas moradas
Tão formosas, resplendentes,
Os clarões resplandecentes
De afetos imorredouros!
As almas imaculadas
Os cercam nas boas vindas,
Luminosas, sempre lindas,
Ofertando-lhes tesouros:

Os tesouros peregrinos,
Formados de amor e luz
Do Mestre Amado — Jesus,
Arauto do Onipotente,
Os reflexos divinos
Quais lírios iluminados,
Alvos, belos, deificados, —
Penetrarão sua mente.

Acorda, pois, oh vivente, —
Contempla-te nesta vida,
Que tua alma ensandecida —
Procure a luz que avigora.
O Senhor sempre clemente,
Concede-te neste instante
A bênção dulcificante —
Do seu amor — doce aurora.

Vai, sacode o pó da estrada
Que trilhaste na amargura,
Pois agora na ventura
Fruirás consolações;

Nesta esfera iluminada,
Que aportas neste momento,
Não verás o sofrimento
Retalhando os corações.

Só verás clarões de luz, —
A despontar nestas almas —
Tornadas em belas palmas
Das mansões do Criador!
Bendize, pois, a Jesus,
O Mestre da Caridade,
O Luzeiro da Bondade,
O grande mestre do Amor!

Então, eu vi que na Terra
Em meio da iniquidade,
Na tremenda tempestade
Das dores e expiações, —
A nossa alma que erra
Tão longe das grandes luzes,
Só aproveita das cruces
Das amargas provações.

Venturoso, abençoei
A dor que amaldiçoara,
Que renegar eu tentara
Como os míseros ateus,
E feliz então busquei
As bênçãos, flores brilhantes,
Alvoradas fulgurantes
Do amor imenso de Deus.

ANJINHOS

CASIMIRO CUNHA.

Oh mães que chorais na vida —
 Os vossos ternos anjinhos,
 Que, quais meigos passarinhos
 Cindiram o espaço azul
 Deixando-vos sem conforto,
 O peito dilacerado,
 O coração desolado,
 A alma tristonha e exúl,

Reconhecei que na Terra
 Só se conhecem as dores,
 Os prantos, os amargores,
 As frias noites sem luz;
 E os vossos filhinhos ternos,
 Quais centelhas luminosas,
 São as flores mais formosas
 Das moradas de Jesus.

Êles são bem mais felizes
 Nas radiantes alturas,
 De outras rútilas esferas,
 Em meio das luzes puras,

Pois que vivem imortais
 Nos espaços deslumbrantes,
 Quais reflexos brilhantes
 Das celinas primaveras.

Visitam os vossos lares
 Como gênios protetores,
 Ofertando-vos as flores
 Do seu afeto eternal;
 Osculam-vos ternamente, —
 Infiltrando-vos coragem,
 Ao transpordes a voragem
 Do abismo negro do mal;

Alegrai-vos, pois, ao verdes
 Quando partem sorridentes,
 Venturosos, inocentes,
 Como fúlgidos clarões;
 Êles farão despertar
 As alvoradas formosas,
 De luzes esplendorosas
 Dentro em vossos corações.

ASCENSÃO

CASIMIRO CUNHA.

Perguntai à flor virente,
As florinhas multicores,
Que com mágicos olores
Perfumam vosso ambiente. —

O que fazem cá no mundo,
Tão viçosas, perfumadas,
Pelas sendas desoladas
Dêste abismo tão profundo:

Como sorrisos dos céus,
Essas flores perfumosas
Responderiam formosas:
— “Nós marchamos para Deus!”

À ave que poetiza
Com seus cânticos maviosos
Vossos campos dadivosos
Em beleza que harmoniza,

Se perguntásseis também,
Ela vos retrucaria:
— “Caminhamos na alegria,
Para a Luz e para o Bem”.

Tudo pois, em ascensão
Marcha ao progresso incessante,
A alvorada rutilante
Da sublime perfeição.

Seguí pois, irmãos terrenos,
Nessas trilhas luminosas,
Caminhai sempre serenos,
Entre lírios, entre rosas;

Entre os lírios da Bondade,
Entre as rosas da Ternura,
Espargindo a caridade,
Consolando a desventura.

Só assim caminharemos
Nessa eterna evolução,
E no Bem conquistaremos
A suprema perfeição.

QUADRAS

CASIMIRO CUNHA.

Ser cego e nada ver
 Na triste noite escura,
 E ver depois a luz
 Da aurora da ventura;

Chorar na escuridão
 Em dores mergulhado,
 E após o sofrimento
 Ter gozo ilimitado;

Sorver dentro da treva
 O fel das amarguras,
 Depois, buscar o amor
 Nas lúcidas alturas;

E' possuir tesouros
 De paz, de vida e luz,
 No sacrossanto abrigo
 Do afeto de Jesus.

SUPREMACIA DA CARIDADE

CASIMIRO CUNHA.

A fé é a força potente
 Que desponta nalma crente —
 Elevando-a aos altos céus: —
 Ela é chama abrasadora,
 Reluzente, redentora,
 Que nos alça para Deus.

A esperança é flor virente,
 Alva estrêla, resplendente,
 Que ilumina os corações;
 Que conduz as criaturas
 Às almejadas venturas
 Entre célicos clarões.

A caridade é o amor,
 E' o sol que Nosso Senhor
 Fez raiar claro e fecundo;
 Alegando nesta vida
 A existência dolorida
 Dos que sofrem neste mundo!

A fé é um clarão divino,
 Refulgente, peregrino,
 Que irrompe trazendo a luz;
 A caridade é a expressão
 Da personificação,
 Do Mestre Amado — Jesus!

A esperança é qual lume,
 Ou capitoso perfume
 Que nos alenta na dor;
 A caridade é uma aurora
 Que resplende a tôda hora,
 Nada empana o seu fulgor.

Seja, pois, abençoada
 Essa fúlgida alvorada
 A raiar eternamente!
 Caridade salvadora,
 Pura bênção redentora
 Do Senhor Onipotente.

VERSOS

CASIMIRO CUNHA.

Vivi na mansão das sombras
 Desterrado,
 Na noite das trevas densas
 Sepultado.

Entrei no sepulcro escuro
 Nascendo;
 E dêle fugi feliz,
 Morrendo.

E' que a vida material
 E' a prisão
 Onde a alma é encarcerada
 Na aflição;

E a vida da alma é a nossa
 Liberdade;
 Onde as luzes recebemos
 Da Verdade.

SÍMBOLO

CASIMIRO CUNHA.

Sôbre a lama de um monturo
Um branco lírio sorria.
Alvo, belo, delicado,
Perfumando a luz do dia.

Vendo essa flor cariciosa
No pantanal sujo e imundo,
Via o símbolo do Bem
Entre os males dêste mundo.

Pois entre as trevas e as dores
Da vida de provações,
Pode existir a bondade
Irradiando clarões.

E o coração que cultiva
A caridade e o amor,
E' a flor cheia de aromas,
Cheia de viço e frescor.

Que mesmo dentro da treva
Do mundo ingrato, sem luz,
E' lírio resplandecente
Do puro amor de Jesus.

PENSAMENTOS ESPIRITAS

CASIMIRO CUNHA.

Dobram sinos a finados,
Com mágoa e desolação...
Porque não sabem que a morte
E' a nossa libertação.

Tôda a esperança da fé
Que vive com a caridade,
E' realizada no mundo
Da eterna felicidade.

A palavra que retens
E' tua serva querida,
Mas aquela que te foge
E' dona da tua vida.

Todo o suicida presume
Que a morte é o fim do amargor,
Sem saber que o desespêro
E' porta para outra dor.

Quem sofre resignado,
Após a morte, descansa;
Quem luta sem naufragar,
Verá decerto a bonança.

Quem tem a flor da humildade
 Medrando no coração,
 Tem o jardim das virtudes
 Da suprema perfeição.

Volve ao céu todo piedoso,
 Coração que andas ferido!...
 Deus cura tôdas as chagas
 Do mal que tens padecido.

SOMBRA E LUZ

CASIMIRO CUNHA.

Vem a noite, volta o dia, —
 Cresce o brôto, nasce a flor,
 Vai a dor, surge a alegria
 Dourando a manhã do Amor.

Assim, depois da amargura
 Que a vida terrena traz,
 A alma encontra na Altura
 A luz, a ventura e a paz.

O BEIJO DA MORTE

CASIMIRO CUNHA.

Para quem viveu na Terra
 Em meio dos sofredores
 E sómente frias dores
 No mundo ingrato colheu,
 O frio beijo da morte
 E' o beijo da liberdade,
 E' um raio de claridade
 Que vem da altura do céu.

A vida terrena é a noite
 Que precede as madrugadas
 Das regiões aureoladas
 De amor, de verdade e luz: ,
 Sem paradoxo, portanto,
 O gôzo é o próprio mártírio,
 Que se fez excelso lírio
 Na existência de Jesus.

A morte é a deusa celeste
 Da vida, da plenitude,
 Que a alegria da Virtude
 Faz, linda, desabrochar;
 Seu beijo é um raio de luz
 Do dilúculo das alturas,
 Que na noite de amarguras
 As almas vem despertar.

O ENGANO

CASIMIRO CUNHA.

As vezes diz a ciência
Que a crença é engano profundo,
Esperando uma outra vida
Noutros planos, noutra mundo...

E diz arrogante à Fé:
— “Estás louca! A morte apenas
E’ o sono eterno e tranqüillo
Depois das lutas terrenas.”

Ao que ela replica humilde:
— “Mais tarde, ciência amiga,
Serás o sócia da Fé,
Já não andarás sem eu; —

Se fôr sono, dormiremos,
Mas se não fôr, pois não é,
De quem será esse engano?
Será meu ou será teu?”

FLORES SILVESTRES

CASIMIRO CUNHA.

Já viste, filho, a floresta
Varrida pelas tormentas?
Partem-se tronços anosos,
Caem copas opulentas.

Mil árvores grandiosas
Esfacelam-se nos ares,
Tombam gigantes da selva
Venerandos, seculares.

Mas as florinhas silvestres
São apenas baloiçadas,
Continuando graciosas
A tapetar as estradas.

Zune o vento? geme a selva? —
Não sabe a pequena flor,
Que perfumando o caminho
Compõe um hino de amor.

Flores silvestres!... Imagem
Dos bons e dos pequeninos,
Que sôbre o mundo derramam
As graças dos dons divinos.

Na selva da vida humana
 Caem grandes, poderosos,
 Arcas repletas de ouro,
 Os corpos ébrios de gozos.

Mas, os humildes da Terra,
 Dentro da fé que os conduz,
 Não caem... São refletores
 Da bondade de Jesus.

Flores silvestres da vida,
 Não sabem se há tempestade
 De ambições e se há no mundo
 Leis de ódio e iniquidade.

Nos dias mais tormentosos,
 Sê, filho, como esta flor:
 Chore o homem, grite o mundo,
 Palmilha a estrada do amor.

AO MEU CARO QUINTÃO (*)

CASIMIRO CUNHA.

Quintão, eu sei da saudade
 Que te aperta o coração,
 Dos nossos dias passados
 Que tão distantes se vão.

Vassouras!... belas paisagens
 Cheias de vida e de côr,
 Um céu azul e estrelado
 Cobrindo uns ninhos de amor.

Árvores fartas e verdes
 Pela alfombra dos caminhos,
 A ermida branca e suave
 De ternos, doces carinhos.

O nosso amigo Moreira
 E a sua barbearia,
 Onde uma vez me encontraste
 Na minha noite sombria.

Detalhes cariciosos
 Da vida singela e calma,
 Vida de encantos divinos
 Que eu via com os olhos dalma.

(*) Ver nota 1 no final do volume.

Meus pobres versos — “Singelos”,
 “Aves implumes” da dor,
 Que traduziam no mundo
 O meu pungente amargor.

A minha pobre Carlota,
 A companheira querida,
 O raio de claridade
 Da noite da minha vida.

Os artigos do Bezerra
 De outros tempos, no “O País”,
 O mestre da Velha Guarda,
 Unida, forte e feliz.

A tua doce amizade
 A luz do Consolador,
 Teu coração generoso
 De amigo, irmão e mentor.

Ah! Quintão, hoje os meus olhos
 Embebedam-se de luz,
 Pelas estradas sublimes
 Da santa paz de Jesus!

Mas não sei onde a saudade
 E' mais forte nos seus véus,
 Se pelas sombras da Terra,
 Se pelas luzes dos Céus.

ESPIRITISMO

CASIMIRO CUNHA.

Espiritismo é uma luz
 Gloriosa, divina e forte,
 Que clareia tôda a vida
 E ilumina além da morte.

E' uma fonte generosa
 De compreensão compassiva,
 Derramando em tôda a parte
 O confôrto d'Água Viva.

E' o templo da caridade
 Em que a virtude oficia,
 E onde a bênção da bondade
 E' flor de eterna alegria.

E' árvore verde e farta
 Nos caminhos da esperança,
 Tôda aberta em flor e fruto
 De verdade e de bonança.

E' a claridade bendita
 Do bem que aniquila o mal,
 O chamamento sublime
 Da Vida Espiritual.

Se buscas o Espiritismo,
 Norteia-te em sua luz:
 Espiritismo é uma escola,
 E o Mestre Amado é Jesus.

AOS COMPANHEIROS DA DOUTRINA

CASIMIRO CUNHA.

Examinada de perto,
A luz da nossa doutrina
E' sempre a lição que ensina
A paz do caminho certo.

Necessário é discernir
A mistura, a ganga, o véu;
Muita vez a água do céu
Torna-se em lama, ao cair.

O mal vem de ouvidos moucos
Ou de olhos nevodados,
Há sempre muitos chamados;
Escolhidos? muito poucos.

Verdade é que o coração
Que abraça a nossa doutrina
Penetra numa oficina
De esforço, luta, e ação,

Já não deve andar a esmo
Nas estradas da ilusão,
Mas buscando a perfeição
Na perfeição de si mesmo.

Portanto, é nossa divisa
Oração e Vigilância,
No bem que é bem substância,
Da crença que realiza.

No Evangelho de Jesus,
Feliz quem pode guardar
A força de realizar
Os grandes feitos da Luz.

.....

Pois que em vosso coração
Vivais o labor profundo
Daquele que é a Luz do Mundo,
-- Eis meu desejo de irmão.

A MINHA TERRA



CASIMIRO DE ABREU.

Poeta fluminense, desencarnou aos 18 de outubro de 1850, com 23 anos de idade, na cidade de Friburgo. Figura literária das mais típicas do seu

tempo, o autor malgrado de *Primaveras* ainda aqui se afirma no seu profundo quão suave nativismo lírico.

Que terno sonho dourado
Das minhas horas fagueiras,
No recanto das palmeiras
Do meu querido Brasil!
A vida era um dia lindo
Num vergel cheio de flores,
Cheio de aroma e esplendores
Sob um céu primaveril.

A infância, um lago tranqüilo
Onde começa a existência,
Onde os cisnes da inocência
Bebem o nectar do amor.
A mocidade era um hino
De melodias suaves,
Formadas de trinos de aves
E de perfumes de flor.

O dia, manhã ridente,
Numa canção de alvorada;
A noite tôda estrelada
Após o doce arrebol;
E na paisagem querida,
Os ramos das laranjeiras
E das frondosas mangueiras
No meio do ouro do sol!

Oh! que clarão dentro dalma,
Constantemente cismando,
O pensamento sonhando
E o coração a cantar,
Na delicada harmonia
Que nascia da beleza,
Do verde da natureza,
Do verde do lindo mar!

Oh! que poema a existência
De infância e de mocidade,
De ternura e de saudade,
De tristeza e de prazer;
Igual a um canto sublime,
Como uma estrofe inspirada
Na noite e na madrugada,
Na tarde e no amanhecer.

De tudo me lembro e quanto!
 A transparência dos lagos,
 As caricias, os afagos
 E os beijos de minha mãe!
 Dos trinos dos pintassilgos,
 Da melodia das fontes,
 As nuvens nos horizontes,
 Perdidos no azul do Além,

Quando eu cruzava as campinas,
 Sem sombras de sofrimento,
 Descalço com o peito ao vento
 Num tempo doce e feliz!
 Os pessegueiros floridos,
 As frondes cheias de amora,
 O manto de luz da aurora
 Os pios das juritís!

Se a morte aniquila o corpo,
 Não aniquila a lembrança:
 Jamais se extingue a esperança,
 Nunca se extingue o sonhar!
 E à minha terra querida,
 Recortada de palmeiras,
 Espero em horas fagueiras
 Um dia poder voltar.

A TERRA

(Aos pessimistas).

CASIMIRO DE ABREU.

Se há noite escura na Terra,
 Onde rugem tempestades,
 Se há tristezas, se há saudades,
 Amargura e dissabor,
 Também há dias dourados —
 De sol e de melodias,
 Esperanças e alegrias,
 Canções de eterno fulgor!

A Terra é um mundo ditoso,
 Um paraíso de amores,
 Jardim de risos e flores —
 Rolando no céu azul.
 Um hino de força e vida
 Palpita em suas entranhas,
 Retumba pelas montanhas,
 Ecôa de norte a sul.

Os sonhos da mocidade,
 As galas da natureza,
 Livro de excelsa beleza
 Com páginas de resplendor, —
 Onde as histórias são cantos
 De gárrulos passarinhos,
 Onde as gravuras são ninhos
 Estampados no verdor;

Onde há reis que são poetas,
 E trovadores alados,
 Heróis ternos, namorados,
 Gargantas de ouro a cantar,
 Saudando a aurora que surge
 Como ninfa luminosa,
 A olhar-se tôda orgulhosa
 No grande espelho do mar!

Onde as princesas são flores,
 Que se beijam luzidias,
 Perfumando as pradarias
 Com seu hálito de amor;
 Desabrochando às centenas
 Na estrada que o homem passa,
 Oferecendo-lhe graça,
 Sorrindo cheias de olor.

O dia todo é alvorada
 De doces encantamentos;
 A noite, deslumbramentos
 Da lua em seus brancos véus!
 A tarde oscula as estrélas,
 Os astros o sol nascente,
 O sol o prado ridente,
 O prado perfuma os céus!...

Quem vive num éden dêsses,
 E' sempre risonho e forte,
 Jamais almeja que a morte
 Na vida o venha tragar;
 Sabe encontrar a ventura
 Nesse jardim de pujanças,
 E enche-se de esperanças
 Para sofrer e lutar.

Se há noite escura na Terra,
 Abarrotada de dores,
 De lágrimas e amargores,
 De triste e rude carpir,
 Também há dias dourados
 De juventude e esplendores,
 De aromas, risos e flores,
 De áureos sonhos no porvir!...

LEMBRANÇAS

CASIMIRO DE ABREU.

No sacrário das lembranças
 Revejo-te, trigueirinha,
 De negras e longas tranças,
 Moreninha.

Teus lindos pés descalçados,
 Pisando de manhãzinha
 A verde relva dos prados,
 Moreninha.

Os primorosos cabelos
 Enfeitados a tardinha,
 De miosótis singelos,
 Moreninha.

De olhar sedutor e insonte,
 Quando o teu passo ia e vinha
 Em busca da água da fonte,
 Moreninha.

Teu vulto de camponesa
Era o porte de rainha,
Rainha da natureza,
Moreninha.

Da tua voz na modinha
Inda oiço os sons primeiros,
Modulada nos terreiros,
Moreninha.

Lavando a roupa às braçadas,
Nos fios d'água fresquinha,
Sob as mangueiras copadas,
Moreninha.

Os teus risos adorados,
Desferidos à noitinha,
Nos bandos de namorados,
Moreninha.

A tua oração ditosa,
Nas missas da capelinha,
Tão faceira! tão formosa!
Moreninha.

A placidez do teu rosto
Com teus modos de avezinha,
Fitando a luz do sol-pôsto,
Moreninha.

O teu samburá de flores
Que levavas à igrejinha,
Enchendo a nave de odores,
Moreninha.

O vestidinho de chita
De rosas estampadinha,
Fazendo-te mais bonita,
Moreninha.

O nosso idílio encantado
Quando te achavas sózinha,
Sob o luar prateado,
Moreninha.

Que terna recordação
De minha alma se avizinha!
De saudade, de paixão,
Moreninha.

Ai! Ai! meu Deus, quem me dera
Rever-te, doce rainha,
Rainha da primavera,
Moreninha.

RECORDANDO

CASIMIRO DE ABREU.

Meu Deus, deixai que eu me esqueça
 Da minha vida de agora,
 Que apenas o meu passado
 Eu possa alegre rever;
 Deixai que me identifique
 Com os raios da luz de outrora,
 Daquela risonha aurora
 Do meu passado viver.

Que eu sinta de novo a vida
 Na infância linda e ditosa,
 Na alegria inalterável
 Do lugar onde nasci;
 Quero rever novamente
 A paisagem luminosa,
 Sentir a emoção grandiosa
 De tudo o que já senti!...

Ah! que eu possa hoje olvidar
 Imensidades, esferas,
 Concepções mais perfeitas
 No progresso que alcancei;

Que das ruínas, dos escombros,
 Minhalma retire as heras,
 E contemple as primaveras
 Da vida que já deixei.

Quero aspirar os perfumes
 Dos sendais cheios de flores,
 Na fresca sombra dos vales,
 Sob a luz do céu de anil!
 Rever o sítio encantado
 Da minha estância de amores,
 Meus sonhos encantadores,
 Minha terra, meu Brasil!

Escutar os sinos calmos
 Sob a alvura das capelas,
 Enchendo as longes devesas,
 De convites à oração;
 Sentar-me no prado agreste,
 Beijar as flores singelas,
 Mirar a luz das estrêlas,
 Ouvir a voz da amplidão! —

Correr sob o sol nascente
 Até que chegue o luar,
 Procurando os passarinhos
 E as borboletas tafúis;
 Que esperança, que ventura!
 Viver, sofrer, e amar —
 A campina, o sol, o mar,
 Campos verdes, céus azuis...

Ser homem e ser criança,
 Toucar-se a alma das galas
 Da poesia inexprimível,
 Da alvorada e do arrebol...

Oh! natureza da Terra,
 Que tesouros não exalas, —
 Na carícia dessas falas
 Do passarinho e do sol! —

Eu gozo de quando em quando,
 Revendo essa claridade —
 Da existência transcorrida
 Guardada no coração;
 E dos cimos desta vida
 Que é a Imortalidade,
 Verto prantos de saudade
 À luz da recordação.

MARCHEMOS



CASTRO ALVES.

Poeta baiano, desencarnou a 6 de julho de 1871 com 24 anos de idade. Mocidade radiosa, o autor consagrado de *Espumas Flutuantes*, exerceu nas rodas literárias do seu tempo a mais justa e calorosa das projeções. Nesta poesia sente-se o crepitar da lira que modulou — *O Livro e a América*.

Há mistérios peregrinos
 No mistério dos destinos —
 Que nos manda renascer:
 Da luz do Criador nascemos,
 Múltiplas vidas vivemos,
 Para à mesma luz volver.

Buscamos na humanidade
As verdades da Verdade,
Sedentos de paz e amor;
E em meio dos mortos-vivos,
Somos míseros cativos
Da iniquidade e da dor.

E' a luta eterna e bendita,
Em que o Espírito se agita —
Na trama da evolução;
Oficina onde a alma prêsa
Forja a luz, forja a grandeza
Da sublime perfeição.

E' a gôta d'água caindo
No arbusto que vai subindo —
Pleno de seiva e verdor;
O fragmento do estrume,
Que se transforma em perfume
Na corola de uma flor.

A flor que, terna, expirando,
Cai ao solo fecundando
O chão duro que produz,
Deixando o aroma leve
Na aragem que passa breve,
Nas madrugadas de luz.

Inda é a bigorna, o malho,
Pelos fainas do trabalho,
A enxada fazendo o pão;
O escôpro dos escultores
Transformando a pedra em flores,
Em Carraras de eleição.

E' a dor que através dos anos,
Dos algozes, dos tiranos,
Anjos puríssimos faz,
Transmutando os Neros rudes
Em arautos de virtudes,
Em mensageiros de paz.

Tudo evolui, tudo sonha
Na imortal ânsia risonha
De mais subir, mais galgar:
A vida é luz, esplendor; —
Deus sómente é o seu amor,
O Universo é o seu altar.

Na Terra, às vêzes se acendem
Radiosos faróis que esplendem
Dentro das trevas mortais;
Suas rútilas passagens
Deixam fulgores, imagens,
Em reflexos perenais.

E' o sofrimento do Cristo,
Portentoso, jamais visto,
No sacrificio da cruz,
Sintetizando a piedade,
E cujo amor à Verdade
Nenhuma pena traduz.

E' Sócrates e a cicuta,
E' César trazendo a luta,
Tirânico e lutador;
E' Celini com sua arte,
Ou a espada de Bonaparte,
O grande conquistador.

E' Anchieta dominando,
A ensinar catequisando
O selvagem infeliz;
E' a lição da humildade,
De extremosa caridade
Do pobrezinho de Assis.

Oh! bendito quem ensina,
Quem luta, quem ilumina,
Quem o bem e a luz semeia
Nas fainas do evoluir:
Terá a ventura que anseia
Nas sendas do progredir.

Uma excelsa voz ressoa,
No Universo inteiro ecoa:
"Para a frente caminhal!
"O amor é a luz que se alcança,
"Tende fé, tende esperança,
"Para o Infinito marchal!"

A MORTE

CASTRO ALVES.

No extremo polo da vida
Diz a Morte: — Humanidade,
Sou a espada da Verdade
E a Thémis do mundo sou;
Sou balança do destino,
O fiel desconhecido,
Lanço Cômodo no olvido
E aureólo a frente de Hugô!

O cronômetro dos séculos
Não me torna envelhecida;
Sou morte — origem da vida, —
Prêmio ou gládio vingador.
Sou anjo dos desgraçados
Que seguem na Terra errantes,
Desnorteados viajantes
Dos Niagaras da dor!

Também sou braço potente
Dos déspotas e opressores,
Que trazem os soffredores
No jugo da escravidão;
Aos bons, sou compensação,
Consôlo e alívio aos precitos,
E nos maus aumento os gritos
De dores e maldição.

Sepultura do presente,
Do porvir sou plenitude,
Da alegria sou saúde
E do remorso o amargor.
Sou águia libertadora
Que abre sôbre as descrenças,
O manto das trevas densas
E sôbre a crença o esplendor.

Desde as eras mais remotas
Coso láureas e mortalhas, —
E sôbre a dor das batalhas
Minha asa sempre pairou;
Meu verbo é a lei da Justiça,
Meu sonho é a evolução; —
Meu braço — a revolução,
Austerlitz e Waterlôo.

Homem, ouve-me; se às vêzes
Simbolizo a guilhotina,
Minha mão abre a cortina
Que torna em mistério a luz;
E por trabalhar com Deus,
Na absoluta equiidade,
Sou prisão ou liberdade,
Nova aurora ou nova cruz.

Se o cristal que imita o céu
Da consciência tranqüila
E' o luzeiro que cintila
Na noite do teu viver,
Oásis — dou-te o repouso,
Estrêla — estendo-te lume,
Flor — oferto-te perfume,
Luz da vida — dou-te o ser!

Mas, também se a tirania
Arvora-se em lei na Terra,
Eu mando a noite da guerra
Fazer o sol do porvir;
Arremesso a minha espada,
Ateio fogo aos canhões,
Faço cair as nações
Como fiz Roma cair.

Foi assim que fiz um dia,
Ao ver o trono imperfeito
Estrangulando o Direito;
Busquei Danton, Mirabeau...
E junto ao vulto de Thémis
Tomei o carro de Jove,
E fiz o Oitenta e Nove
Quando a França me ajudou.

Então, implacavelmente,
Fiz a Europa ensangüentada
Diante de tanto horror,
Ajoelhar-se humilhada.
Das cidades fiz ossuários,
Dos campos Saáras ardentes,
Trucidei réus inocentes,
Apaguei a luz do amor,

Até que um dia o Criador,
Sempre amoroso e clemente,
Que jamais teve presente —
Nem passado, nem porvir,
Bradou do cume dos céus
Num grito piedoso e forte: —
“Não prossigas! Basta, morte,
Agora é reconstruir.”

Portanto, homem, se tens
 Por bússola o Bem na vida,
 Olha o sol de frente erguida,
 Espera-me com fervor.
 Abrir-te-ei meu tesouros,
 Serei tua doce amante,
 Cujo seio palpitante
 Guardar-te-á — paz e amor.

Se às vêzes se te afigura
 Que sou a foice impiedosa,
 Horrenda, fria, orgulhosa,
 Que espedaça os teus heróis,
 Verás que sou a mão terna
 Que rasga abismos profundos,
 E mostra biliões de mundos,
 E mostra biliões de sóis.

Conduzo almas aos céus,
 À luz da realidade;
 Sou ave da Liberdade
 Que ao lôdo da escravidão
 Venho arrancar os espíritos,
 Elevando-os às alturas,
 Dou corpos às sepulturas,
 Dou almas para a amplidão!" —

A Morte é transformação,
 Tudo em seu seio revive:
 Sparta, Tébas, Ninive,
 Em queda descomunal,
 Revivem na velha Europa;
 E como faz às cidades,
 Remodela humanidades
 No progresso universal.

NÃO TEMAS



CORNÉLIO BASTOS.

Professor, poeta e jornalista.
 Nascido na capital de S. Paulo,
 a 26 de setembro de 1844 e de-
 sencarnado em Campos em 31 de janeiro de 1909. Foi gran-
 de abolicionista e espírita militante.

Sómente com Jesus a alma cansada
 Volve à praia do amor no mar da vida,
 O viajor errante encontra a estrada,
 Que o reconduz à terra estremeçada.

A esperança adiada e emurchecida,
 Reflorece ao clarão de outra alvorada;
 Todo o trabalho e dor da humana lida
 E' a luz da vitória desejada.

Sem Jesus, cresce a treva entre os escombros;
 Ama a cruz que te pesa sôbre os ombros,
 Vence o deserto áspero e inclemente.

A aflição inda é grande em cada dia?
 Não desprezes a Doce Companhia,
 Vai com Jesus! não temas! crê sómente!

ANSIEDADE



CRUZ E SOUZA.

Catarinense. Funcionário público, encarnou em 1862 e desprendeu-se em 1898. Poeta de emotividade delicada, soube, mercê de um simbolismo inconfundível, marcar a sua individualidade literária.

Todo êsse anseio que tortura o peito
 Estrangulando a voz exausta e rouca,
 Que em cada canto estruge e em cada bôca
 Faz o soluço do ideal desfeito;

Ansiedade fatal de que se touca
 A alma do homem mau e do perfeito,
 Sobre da Terra pelo espaço eleito,
 Numa imensa espiral, estranha e louca,

Formando a rêde eterna e incompreendida,
Das ilusões, dos risos, das quimeras,
Das dores e da lágrima incontida;

Essa ansiedade é a mão de Deus nas eras,
Sustentando o fulgor da luz da Vida
No turbilhão de tôdas as esferas!...

HERÓIS

CRUZ E SOUZA.

Èsses sêres que passam pelas dores
Nas geenas do pranto acorrentados,
Aluviões de peitos soffredores
No turbilhão dos grandes desgraçados;

Corações a sangrar, ermos de amores,
Revestidos de acúleos acerados,
Nutrindo a luz dos sonhos superiores,
Nos ideais maiores esfaimados;

Èsses pobres que o mundo considera
Os humanos farrapos dos vencidos,
Prisioneiros da angústia e da quimera,

São os heróis das lutas torturantes,
Que são, sendo na Terra os esquecidos,
Coroados nas Luzes Deslumbrantes!

AOS TORTURADOS

CRUZ E SOUZA.

Torturados da vida, um passo adiante,
Nos desertos dos áridos caminhos,
Abandonados, trêmulos, sózinhos,
Infelizes na dor a cada instante!

Sôbre a luz que vos guia, bruxoleante,
E além dos trilhos de ásperos espinhos
Fulgem no Além os deslumbrantes ninhos,
Mundos de amor no claro azul distante...

Chorai! que a imensidade inteira chora,
Sonhando a mesma luz e a mesma aurora
Que idealizais chorando nas algemas!

Vibrai no mesmo anseio em que palpita
A alma universal, sonhando aflita,
As perfeições eternas e supremas!

A SEPULTURA

CRUZ E SOUZA.

Como a orquídea branca quando nasce —
 Sôbre a lama ascorosa refulgindo,
 A brancura das pétalas abrindo
 Como se a neve alvíssima a orvalhasse;

Qual essa flor fragrante, como a face
 Dum querubim angélico sorrindo,
 Do monturo pestífero emergindo, —
 Luz que sôbre negrumes se avistasse; —

Assim também do túmulo asqueroso,
 Evola-se a essência luminosa
 Da alma que busca o céu maravilhoso:

E como o lôdo é o bérço vil de flores,
 A sepultura fria e tenebrosa —
 E' o bérço de almas — senda de esplendores.

ANJOS DA PAZ

CRUZ E SOUZA.

Oh! luminosas formas alvadias
 Que desceis dos espaços constelados —
 Para lenir a dor dos desgraçados
 Que sofrem nas terrenas gemonias!

Vindes de ignotas luzes erradias,
 De lindos firmamentos estrelados,
 Céus distantes que vemos, dominados
 De esperanças, anseios e alegrias:

Anjos da Paz, radiosas formas claras,
 Doces visões de etéricos carraras
 De que o espaço fúlgido se estrela!...

Clarificai as noites mais escuras
 Que pesam sôbre a terra de amarguras,
 Com a alvorada da Paz, ditosa e bela...

ALMA LIVRE (*)

CRUZ E SOUZA.

Um soluço divino de alegria
 Percorre a todo espírito liberto
 Das pesadas cadeias do deserto,
 Dêsse mundo de sombra e de agonia.

A alma livre contempla o novo dia,
 Longe das dores do passado incerto,
 Mergulhada no esplêndido concêrto
 De outros mundos, que a luz acaricia!

Alma liberta, redimida e pura,
 Vê a aurora depois da noite escura,
 Numa visão mirífica, superna...

Penetra o mundo da imortalidade,
 Entre canções de luz e liberdade,
 Forçando as portas da Beleza Eterna.

(*) Vide nota 2 no final do volume.

GLÓRIA VICTIS

CRUZ E SOUZA.

Glória a tôdas as almas obscuras
 Que caíram exânimes na estrada,
 Onde a pobre esperança abandonada
 Morre chorando sob as desventuras.

Glória à pobre criatura desprezada,
 Glória aos milhões de tôdas as criaturas,
 Sob a noite das grandes amarguras,
 Sem conhecer a luz de uma alvorada.

Glória Victis! Hosana aos desgraçados
 Que tombaram sem vida, aniquilados,
 Nos sofrimentos purificadores;

Que o céu é a pátria eterna dos vencidos,
 Onde aportam ditosos, redimidos,
 Como heróis dos deveres e das dores!

NOSSA MENSAGEM

CRUZ E SOUZA.

Essa mensagem de esperança e vida
 Que nós mandamos da imortalidade,
 E' a lição luminosa da verdade
 Que a humanidade espera comovida.

Guardai a voz da Terra Prometida,
 Nos exílios do pranto e da saudade;
 Conservai essa vaga claridade
 Da luz da eternidade indefinida.

Todo o nosso trabalho objetiva
 Dar-vos a fé, a crença persuasiva
 Nos caminhos da prova dolorosa.

Sabei vencer entre as vicissitudes,
 Como arautos de tôdas as virtudes,
 Sôbre as ressurreições da alma gloriosa.

ORAÇÃO AOS LIBERTOS

CRUZ E SOUZA.

Alma embriagada do imortal falerno,
 Segue cantando no horizonte claro,
 O teu destino esplendoroso e raro,
 Cheio das luzes do porvir eterno.

Mas não te esqueças dêsse mundo avaro,
 O escuro abismo, o tormentoso Averno,
 Sem as doces carícias do galerno
 Das esperanças sacrossanto amparo.

Volve os teus olhos ternos, compassivos,
 Para os pobres espiritos cativos
 Às grilhetas do corpo miserando!

Abre os sacrários da Felicidade,
 Mas lembra o orbe da sombra e da impiedade,
 Onde venceste a carne soluçando.

CÊU

CRUZ E SOUZA.

Há um céu para o espírito que luta
 No oceano dos prantos salvadores,
 Céu repleto de vida e de fulgores, —
 Que coroa de luz a alma impoluta.

A canção da vitória ali se escuta,
 Da alma livre das penas e das dores,
 Que faz da vida a rede de esplendores,
 Na paz quase integral e absoluta.

Considerai, oh! pobres caminheiros,
 Que na Terra viveis como estrangeiros, —
 De alma ofegante e coração aflito:

Considerai, fitando a imensa altura,
 Os deslumbrantes orbes da ventura
 Por entre os sóis suspensos no Infinito!

AOS TRISTES

CRUZ E SOUZA.

Alma triste e infeliz que se tortura
 No momento que punge e dilacera,
 Para quem nunca trouxe a Primavera —
 Dos seus pomos dourados de ventura;

Sou teu irmão e intrépido quisera
 Trazer-te a luz que esplende pela Altura,
 Afastando essa dor que te amargura
 Nas ansiedades de uma longa espera.

Mas há quem guarde as gôtas do teu pranto
 No tesouro sublime e sacrossanto
 Dos arcanos de luz da Divindade!

Há quem te faça ver as côres do íris
 Da esperança, até a hora de partires
 Nas asas brancas da Felicidade.

BELEZA DA MORTE

CRUZ E SOUZA.

Há no estertor da morte uma beleza
 Transcendente, ignota, luminosa,
 Beleza sossegada e silenciosa,
 Da luz branca da Paz, trêmula e acesa...

E' o augusto momento em que a alma prêsa
 As cadeias da carne tenebrosa,
 Abandona a prisão, dorida e ansiosa,
 Sentindo a vida de outra natureza.

Um mistério divino há nesse instante,
 No qual o corpo morre e a alma vibrante
 Foge da noite das melancolias!...

No silêncio de cada moribundo,
 Há a promessa de vida em outro mundo,
 Na mais sagrada das hierarquias.

MENSAGEIRO

CRUZ E SOUZA.

Abri minhalma para os sofredores
 Na vastidão serena dos Espaços,
 Eu que na Terra tive sempre os braços
 Presos à cruz tantálica das dores.

Epopéias de Sons e de Esplendores,
 E os prazeres mais pobres, mais escassos,
 E o mistério dos célicos abraços
 Dos perfumes, das Preces e das Côres;

Tudo isso não vejo e vejo apenas
 O turbilhão das lágrimas terrenas,
 — Taça imensa de gôtas amargas!

Da piedade e do amor eu trago o círio,
 Para afastar as trevas do martírio
 Do silêncio das noites tenebrosas.

SE QUERES...

CRUZ E SOUZA.

Se queres a ventura doce, etérea,
De outro mundo de luz, indefinido,
Serás na Terra o filho incompreendido
Do Tormento casado com a Miséria.

Viverás na mansão triste, funérea,
Do Soluço, do Pranto, do Gemido;
Dos prazeres mundanos esquecido,
Outro Jó pelas chagas da matéria.

Serás em tôda a Terra o feio abôrto
Das amarguras e do desconfôrto,
Encarcerado nas sinistras grades;

Mas um dia, abrirás as portas de ouro
E encontrarás o fúlgido tesouro,
De benditas e eternas claridades.

A DOR

CRUZ E SOUZA.

Dor, és tu que resgatas, que redimes
Os grandes réus, os míseros culpados,
Os calcetas dos erros, dos pecados,
Como eu, de um pretérito de crimes.

Sob os teus pulsos, fortes e sublimes,
Sofri na Terra junto aos condenados,
Sêres escarnecidos, torturados,
Entre as prisões da Lágrima que exprimes!

Da perfeição és o sagrado Verbo,
Oh! portadora do tormento acerbo,
Aferidora da Justiça Extrema...

Bendita a hora em que me pus à espera
De ser, em vez do réprobo que eu era,
O missionário dessa Dor suprema!

NOUTRAS ERAS

CRUZ E SOUZA.

Eu marchei pelas estradas flóreas
 Cheias de risos e de pedrarias;
 Onde tôdas as horas dos meus dias
 Eram hinos de esplêndidas vitórias.

Tive um passado fúlgido de Glórias,
 De maravilhas de ouro e de alegrias,
 Sem reparar, porém, noutras sombrias
 Sendas tristes, das dores meritórias.

E abusei dos deveres soberanos
 Para cair nos torvos desenganos
 De um destino cruel, fatal e avaro;

Para encontrar-me a sós no mesmo horto
 Que deixara, sem luz e sem conforto,
 Sentindo as dores dêsse desamparo.

SOFRE...

CRUZ E SOUZA.

Tôda a dor que na vida padeceres,
 Todo o fel que tragues, todo o pranto,
 Ser-te-ão como trevas, e entretanto,
 Serás pobre de luz se não sofreres.

E' que, dos sofrimentos nasce o canto
 De alegria dos mundos e dos séres,
 Pois que a dor é a saúde dos prazeres,
 O hino da luz, misterioso e santo.

Doma o teu coração e no silêncio
 Foge à revolta, humilha-o, dobra-o, —
 Chorando a mesma dor que o mundo chora;

Abre a tua consciência para as luzes
 E no mundo que o mal encheu de cruces,
 Do Bem encontrarás a eterna aurora.

EXALTAÇÃO

CRUZ E SOUZA.

Harmonias do Som, vibraí nos ares,
 Nos horizontes, nas atmosferas;
 Exaltai minhas dores de outras eras,
 Meus passados, recônditos pesares.

Desdobrai-vos luzeiros estelares,
 Sôbre o aroma das novas primaveras;
 Cantem no mundo tôdas as quimeras,
 Aves e flores, amplidões e mares!

Vibraí comigo, multidões de sêres,
 Na concretização dêsses prazeres
 Do meu sonho de luzes e universos...

Exaltai-vos na vida de minhalma,
 E na grandeza infinda que se espalma
 Sôbre a glória sublime dos meus versos!

VOZES

CRUZ E SOUZA.

Há sôbre os prantos, há sôbre as humanas
 Vozes que se lamentam nas torturas,
 Outras vozes mais doces e mais puras,
 Como um côro dulcíssimo de hosanas.

As primeiras são feitas de amarguras,
 As segundas de bênçãos soberanas;
 Sôbre as dores sagradas ou profanas.
 Que pululam nas sendas mais escuras.

Sobe da Terra a queixa soluçando,
 Silenciosa, muda, suplicando,
 Remontando aos Espaços constelados;

Desce dos Céus a voz amiga e mansa,
 Fortificando a vida da Esperança
 — Patrimônio dos sêres desgraçados.

SONETO

CRUZ E SOUZA.

Nos labirintos dessa eternidade
 Que nós vivemos luminosa e pura,
 A alma vive na intérmina procura
 Do filão de ouro da felicidade.

Quanto mais sofre, tanto mais se apura,
 No pensamento excelso da Verdade,
 Vendo na auréola da Imortalidade
 A alvorada risonha da ventura.

E ao fim de cada noite tormentosa, —
 Que é a existência na prova dolorosa,
 Canta e vibra num dia de bonança.

Em tórno da Verdade a alma gravita
 Buscando a Perfeição pura, infinita,
 Nessa jornada eterna da Esperança.

GLÓRIA DA DOR

CRUZ E SOUZA.

Para aquém dessas cruzes esquecidas
 Nas sepulturas êrmas e desertas,
 Há o turbilhão frenético das vidas
 Sôbre as estradas ásperas, incertas...

Inda há sânie das úlceras abertas
 No coração das almas combalidas,
 Gozadores de outrora entre as refertas
 Das ilusões que tombam fenecidas.

Só uma glória mirífica perdura
 Concretizando os sonhos da criatura
 Cheia de crenças e de cicatrizes:

E' o triunfo da Dor que aperfeiçoa,
 Luminosa e divina, humilde e boa,
 Glória da Dor, que é pão dos infelizes.

QUANTA VEZ

CRUZ E SOUZA.

Quanta vez eu fitei essas fronteiras,
 Horizontes, estrêlas, firmamentos,
 Prêso de sonhos e estremecimentos
 De esperança, nas horas derradeiras!...

Ah! meus longínquos arrebatamentos,
 Amarguras e dores e canseiras,
 Que vos fostes nas lágrimas ligeiras,
 Como fôlhas levadas pelos ventos...

Quanta vez, abafando os meus soluços,
 Como o errado viajor que cai de bruços
 Sôbre a íngrema estrada da agonia,

Ensináveis-me a ler a bíblia santa
 Desta vida imortal que se levanta
 Numa alvorada eterna de alegria!

IDE E PREGAI

CRUZ E SOUZA.

Vós que tendes as rosas da bonança
 Enlaçadas na fé mais doce e pura,
 Ide e pregai, na noite da amargura,
 O evangelho do amor e da esperança.

Tôda a luz da verdade que se alcança
 E' um reduto de paz firme e segura:
 Dai dessa paz a tôda a criatura,
 Sôbre a qual vossa vida já descansa.

Espalhai os clarões da vossa crença
 Na pedregosa estrada dessa imensa
 Turba de irmãos famintos, torturados!

Conduzi a mensagem luminosa
 Da caridade, lúcida e piedosa,
 Redentora de todos os pecados.

CARIDADE

CRUZ E SOUZA.

Caridade é a mão terna e compassiva
 Que ampara os bons e aos maus ama e perdoa,
 Misericórdia, a qual para ser boa,
 De bens paradisiacos se priva.

Mão radiosa, que traz a verde oliva
 Da paz, que acaricia e que abençoa,
 Voz da eterna verdade que ressoa
 Por tôda a parte, promissora e ativa.

A caridade é o símbolo da chave
 Que abre as portas do céu claro e suave,
 Das consciências libertas da impureza;

E' a vibração do espírito divino,
 Em seu labor fecundo e peregrino,
 Manifestando as glórias da Beleza!...

RENÚNCIA

CRUZ E SOUZA.

Renuncia a ti mesmo! Renuncia
 A mundana e efêmera vaidade:
 Que em ti, sintas a dúcida piedade
 Que as desgraças alheias alivia.

Do homem, esquece a túrbida maldade, —
 Prosseguindo na estrada luzidia,
 E denodadamente engendra e cria
 Teu próprio mundo de felicidade!

Parte o teu coração em mil fragmentos,
 Ofertando-os ao mundo que te odeia,
 Com a bondade mais pródiga e mais pura.

Não olvides em meio dos tormentos:
 — Renunciar em bem da dor alheia,
 E' ter no Além castelos de ventura. —

TUDO VAIDADE

CRUZ E SOUZA.

Na Terra a morte é o trágico resumo
 De vanglórias, de orgulhos e de raças; — 2
 Tudo no mundo passa, como passas,
 Entre as aluviões de cinza e fumo. —

Todo o sonho carnal vaga sem rumo,
 Só o diamante do espírito sem jaças —
 Fica indene de tôdas as desgraças, —
 De que a morte voraz faz seu consumo.

Nesse mundo de lutas fratricidas,
 A vida se alimenta de outras vidas,
 Num continuo combate pavoroso;

Só a Morte abre a porta das mudanças
 E concretiza as puras esperanças
 Nos países seráficos do gôzo!

OUVI-ME

CRUZ E SOUZA.

Oh! Vós que ides marchando, almas sedentas
 De paz, de amor, de luz, sob as maiores
 Tempestades do mundo, sob as dores
 Que se assemelham aos raios das tormentas;

Também senti as emoções violentas
 Que palpitam nos peitos sonhadores,
 E sustentei, varado de amargores,
 Surdas batalhas, rudes e incruentas.

Também vivi as lágrimas obscuras,
 Iguais às vossas, míseras criaturas,
 Que tombais nos caminhos sem dizê-las!

Exultai, que uma vida eterna e grande,
 Além da morte, esplêndida se expande
 No coração sublime das estrêlas!...

FELIZES OS QUE TÊM DEUS

CRUZ E SOUZA.

Entre êsse mundo de apodrecimento
E a vida dalma livre, dalma pura,
Ainda se encontra a imensidade escura
Das fronteiras de cinza e esquecimento.

Só o pensador que sofre e anda à procura
Da verdade e da luz no Sentimento, —
Pode guardar êsse deslumbramento
Da Fé, fonte de mística ventura.

Felizes os que têm Deus nessa batalha
Da miséria terrena, que estraçalha
Todo o anseio de amor ou de bonança!...

Venturoso o que vai por entre as dores
Atravessando o oceano de amargores,
No bergantim sagrado da Esperança.

GLÓRIA AOS HUMILDES

CRUZ E SOUZA.

Ai da ambição do mundo, ai da vaidade
Que se mergulham sob a noite escura,
Noite de dor que além da sepultura
Nos afasta da vida e da verdade.

Só o caminho divino da humildade
Pode ofertar a luz radiosa e pura,
Que vem salvar a mísera criatura
Confundida no abismo da impiedade.

Pobres da Terra, sêres infelizes,
Cheios de prantos e de cicatrizes,
Levantai vosso olhar sereno e forte.

Sêde humildes nas úlceras, na algema,
E esperai a vitória alta e suprema,
Que Jesus vós prepara além da morte.

AOS TRABALHADORES DO EVANGELHO

CRUZ E SOUZA.

Há uma falange de trabalhadores,
Espalhada nas sendas do Infinito,
Desde as sombras do mundo amargo e aflito,
Aos espaços de eternos resplendores.

E' a caravana de batalhadores
Que, no esforço do amor puro e bendito,
Rompe algemas de trevas e granito,
Aliviando os sêres sofredores.

Vós que sois, sôbre a Terra os companheiros
Dessa falange lúcida de obreiros,
Guardai-lhe a sacrossanta claridade;

Não vos importe o espinho ingrato e acerbo,
Na palavra e nos atos, sêde o Verbo
De afirmações da Luz e da Verdade.

EU MESMO



EMILIO DE MENEZES.

Poeta brasileiro, nascido em Curitiba e desencarnado no Rio de Janeiro. Musa vivacíssima e fulgurante, sem deixar de ser profunda, era sobretudo ativamente humorística. Legou-nos *Poemas da Morte*, 1901, e *Poesias*, 1909, além de *Mortalhas*, versos satíricos postumamente colecionados. Distinguido-se pela altaneza dos temas, quanto pelo opulência das rimas.

Eu mesmo estou a ignorar se posso
Chamar-me ainda o Emilio de Menezes,
Procurando tomar o tempo vosso,
Recitando epigramas descorteses.

Como hei de versejar? Rimas em osso
São difíceis... contudo, de outras vêzes,
Eu sabia rezar o Padre Nosso
E unir meus versos como irmãos siameses.

Como hei de aparecer? O que é impossível
E' ser um santarrão inconcebível,
Trazendo as luzes do Evangelho às gentes...

Sou o Emilio, distante da garrafa,
Mas, que não se entristece e nem se abafa, —
Longe das anedotas indecentes.

AOS MEUS AMIGOS DA TERRA

EMILIO DE MENEZES.

Amigos, tolerai o meu assunto,
(Sempre vivi do sofrimento alheio)
Relevai, que as promessas de um defunto
São coisa inda invulgar no vosso meio.

Apesar do meu cérebro bestunto,
O élo que nos unia, conservei-o,
Como a quase saudade do presunto,
Que nutre um corpo empanturrado e feio.

Espero-vos aqui com as minhas festas,
Nas quais, porém, o vinho não explode,
Nem há cheiro de carnes ou cebolas.

Evitai as comidas indigestas,
Pois na hora do "salva-se quem pode",
Muita gente nem fica de ceroulas...

IMORTALIDADE



FAGUNDES VARELA.

Este é o sempre laureado
cantor do *Evangelho nas Selvas*, a voz sonora e doce do
Cântico do Calvário. Fluminense, desencarnou com 34 anos,
em 1875 — depois de uma existência tormentosa.

Senhor! Senhor! que os verbos luminosos
Do amor, da perfeição, da liberdade,
Inflamem minhas vozes neste instante!
Que o meu grito bem alto se levante
Conduzindo a mensagem benfazeja
Das esperanças, para a humanidade!
Senhor! Senhor! que paire sôbre o mundo
A luz do teu poder inigualável,
Que os lírios te saúdem perfumando
Os arrebois, as noites, as auroras;

Hinos de amor, que os pássaros te elevem
 Dos seus ninhos de plácida harmonia;
 Que as fontes no seu doce murmúrio
 Te bendigam com terna suavidade;
 Que todo o ser no mundo se descubra
 Perante a tua excelsa majestade,
 Saturado do amor onipotente
 Que promana abundante do teu seio!...

Senhor! que a minha voz altissonante
 Se propague entre os homens; que a verdade
 Resplandeça na terra da amargura!

Pai! tu que removes o impossível,
 Que transmudas em rosas os espinhos,
 E que espancas a treva dos caminhos —
 Com a luz que afirma a tua onipotência,
 Permite que minha alma seja ouvida —
 Na vastidão do mundo do destêro;
 Que os meus irmãos da Terra me recebam
 Como o ausente invisível, redivivo!...

Irmãos eis-me de novo ao vosso lado!
 Venho de esferas lúcidas, radiosas,
 Atravessei estradas tenebrosas
 E sendas deslumbrantes e estelíferas,
 Empunhando o saltério da esperança.

Pude transpor abismos de ouro e rosas,
 Sendas de sonho e bátratos escuros,
 Planêtas como naus sem palinuros
 Nos oceanos do éter infinito!
 Contemplei Vias-Lácteas assombrosas,
 Visões de sóis eternos, confundidas
 Entre estrêlas igníferas, distantes;
 Vi astros portentosos, desferindo
 Harmonias de amor e claridades,
 E humanidades entre humanidades
 Povoando o universo esplendoroso...

Descansei sôbre as ilhas de repouso,
 Em lindos arquipélagos distantes,
 Habitei os palácios encantados,
 Em retiros de amor calmo e sereno,
 Onde o solo é formado de ouro e neve,
 Onde a treva e onde a noite são apenas
 Recordações de mundos obscuros!
 Onde as flores do afeto imperecível
 Não se emurhecem como sôbre a Terra...
 Lá, nesses orbes lúcidos, divinos,
 O amor, sómente o amor, nutre e dá vida;

Sómente o amor é a vibração de tudo!
 Vi céus por sôbre céus inumeráveis,
 Mundos de dor e mundos de alegria,
 Em luminosidades e harmonias
 Aos beijos arcangélicos da luz, —
 Que é mensagem de Deus por tôda a parte!
 E apenas conheci um pormenor,
 Um detalhe minúsculo, um fragmento
 Da criação infinita e resplendente!

Ah Morte!... A Morte é o anjo luminoso —
 Da liberdade franca, jubilosa,
 Quando a esperamos tristes e abatidos;
 Quando nos traz imácula e sublime
 A chama da esperança dentro dalma,
 Amando-se da vida os bens mais nobres,
 Se o mundo abafa em nós tôda a alegria,
 Roubando-nos afetos e consôlos,
 Martirizando o coração dorido
 Na cruz das asperezas mais austeras. —

A morte corrobora as nossas crenças,
 As nossas esperanças mais profundas,
 Rompendo o véu que encobre a nossa vista
 O eterno panorama do universo,

E aponta-nos o céu, a imensidade,
Onde as almas ditosas se engrandecem,
Guiando-nos através de labirintos
Para a luz, para a vida e para o amor!

Que representa a Terra ante a grandeza
De tantos sóis e orbes luminosos? —
E' sómente uma estância pequenina
Onde a dor e onde a lágrima divina —
Modelam almas para a perfeição; —
E' apenas um degrau na imensidade,
Onde se regenera no tormento
Quem se afasta da luz e da verdade;
Ela é sómente o exílio temporário,
Onde se sofre a angústia da distância
Dos que amamos com alma e com fervor.

Morte! que te abençoem sofredores,
Que te bendiga o espírito abatido,
Já que és a terna mão libertadora
Dos escravos da carne, dos escravos
Das aflições, das dores, da tortura!
Bendigo-te por tudo o que me destes:
Pela beleza da imortalidade,
Pela visão dos céus resplandecentes,
Pelos beijos dos seres bem-amados.

Senhor! Senhor! que a minha voz se estenda
Como um canto sublime de esperança
Sobre a fronte de todos quantos sofrem,
Ansiando mais luz, mais liberdade
No orbe da expiação e da impiedade!

O PADRE JOÃO



GUERRA JUNQUEIRO.

Abilio Guerra Junqueiro, poeta português, nascido em 1850 e desencarnado em 1923, é assaz conhecido no Brasil, como épico dos maiores, da língua portuguesa e admirado por quantos não estimam na Poesia apenas o malabarismo das palavras, mas o fulgor das idéias. Notável, sobretudo, pela sua hostilidade à Igreja de Roma, vemos por sua produção de agora, que os anos do além túmulo não lhe alteraram a sadia e lúcida mentalidade, nas mesmas diretrizes. E esta circunstância é tanto mais notável, quanto o Romancismo se ufana de uma conversão *in extremis*.

Tombava o dia:
A luz crepuscular
Mansamente descia
Inundando de sombra o céu, a terra, o mar...
O meigo padre João,
Um puro coração,
Qual lírio a vicejar em meio a um pantanal,
Sonhava ao pé da igreja — um templo envelhecido —
Ao lado de um vergel, esplêndido e florido —
Sentindo dentro dalma um frio sepulcral.

O firmamento
Tingia-se de luz brilhante e harmoniosa,
A noite era de sonho e névoa luminosa.

Padre João meditava, orando ao Deus de amor:
Revia em pensamento
Uma luz singular nas dobras do passado;
Era um vulto sublime, excelso, imaculado,
Que fazia descer o amor às multidões,
Inflamado de fé, desatando os grilhões,
Que prendiam a alma à carne putrescível,
Uma réstea de sol sobre a noite do Horrível,
Iluminando o mundo, iluminando a vida,
Pensando docemente a pútrida ferida
Da imperfeição que rói a tórva humanidade,
Oferecendo amor em flores de bondade,
Aos pecadores dando amigas esperanças,
E aumentando nos bons as bem-aventuranças.
Era o meigo Pastor irradiando a luz,
Era o anjo do Bem, o imáculo Jesus.

O sacerdote, então,
Comparou meditando a fúlgida visão
Com aquêle Cristo nu, de pau, inerte e frio,
Imóvel dominando o âmbito vasio;
Notando a diferença enorme, extraordinária,
Daquela igreja fria, a ermida solitária,
Da igreja de Jesus
Feita de amor e luz,
De paz e de perdão,
O farol da verdade ao humano coração.

E viu da sua igreja o êrro tão profundo,
Dourando os véus da carne e amortalhando o mundo
Em trevas persistentes,
Por anos inclementes
Em séculos sem fim,
Conhecendo no padre o gêmeo de Caim —

Afastado da luz, fugindo aos irmãos seus,
Fugindo dêsse modo ao próprio amor de Deus.
Padre João meditou nas lutas incessantes
Sustentadas na Terra em prol da evolução,
E viu no mundo inteiro as ânsias delirantes
De trabalho, de amor, de eterna perfeição.

Sentiu seu coração em dores lacerado, —
E no sonho da luz fulgente do passado, —
Penetrou soluçando a ermida então deserta. —
Teve mêdo e receio; o espírito gelado
Sentiu-se no seu templo um pobre emparedado...
E fugindo a correr da porta semi-aberta,
Com o coração sangrando em úlceras de dor,
Encaminhou-se ao campo, à natureza em flor.

Fitou, extasiado, a natureza em festa,
As árvores, a flor, os mares, a floresta,
E como se o animasse uma chama divina,
Despiu-se do negrume espêsso da batina
E fitando, a chorar, o céu estrelado, —
Encheu a solidão com as vozes do seu brado:

Oh igreja! não tens a idéia que eu sonhava, —
A luz radiosa e bela, a luz eterna e rara
Que nos vem de Jesus;
Tua mão não conduz
As plagas da verdade,
Mantendo inutilmente a pobre humanidade
No mal da ignorância, túrbida e falaz,
Crestando a fé, roubando a luz, matando a paz.

Tu, que esqueces a alma e endeusas a matéria,
Que transformas o padre em trapo de miséria,
Um farrapo de sombra exótica e execrável,
Um fantasma ambulante em treva interminável!

É um blasfemo quem crê que em teus nichos e altares
 Guarda-se a essência pura e imácula de Deus;
 Eu vejo-O, desde a flor às luzes estelares,
 Na piedade, no amor, na imensidão dos céus!
 Oh! igreja, o dogma frio é um calabouço escuro,
 E eu quero abandonar a noite da prisão;
 Prefiro a liberdade e a vida no futuro,
 Guiando-me o farol da fúlgida Razão.
 Desprezo-te, oh! torreão de séculos trevosos,
 Ruínas de maldade estúltica a cair,
 Eu quero palmilhar caminhos luminosos
 Que minha alma entrevê na aurora do porvir!"

E o padre emudeceu. Submergido em pranto, —
 Achou mais belo o céu e o seu viver mais santo.

Pairava na amplidão estranho resplendor.
 A natureza inteira em lúcida poesia
 Repousava, feliz, nas preces da harmonia!...
 Era o festim do amor
 No firmamento em luz,
 Que celebrava
 A grandeza de uma alma que voltava
 Ao redil de Jesus.

CARIDADÉ

GUERRA JUNQUEIRO.

Caía a noite em paz. Crepúsculo. Horas quêdas.
 Horas de solidão. Pelas planícies ledas
 A asa rufando inquieta, os meigos passarinhos
 Recolhiam-se à pressa, em busca dos seus ninhos!
 Repousavam, tremendo os colibrís doirados,
 Pipilavam febris no beiral dos telhados.
 Reunidas no lar caricioso e terno, —
 Andorinhas gentis, tardígradas do inverno.
 As árvores senhoris, despidas dos seus galhos,
 Como braços em cruz, sangrentos nos trabalhos, —
 Elevavam-se ao céu silenciosas, mudas,
 Sentinelas da dor nas regiões desnudas;
 Uniam-se nos ovis as ovelhinhas mansas. —
 Os risos dos aldeões e as orações das crianças
 Casavam-se formando em rimas soberanas,
 Os poemas de luz, que nascem das choupanas,
 Canções de oiro e de sol das almas virginais
 Exalando, a sorrir, o aroma dos trigais;
 Almas angélicas, relicários da essência
 Da verdade e do amor, do amor e da inocência,
 Almas feitas de luar, de cândida frescura,
 Vivendo a vida doce, imaculada e pura, —
 De quem ama a existência plácida da aldeia, —

Cujo sonho é candura e a vida uma epopéia,
De louvores à dor, de exaltações, de prantos!...
Caía a noite em paz, por entre os negros mantos
De espessa escuridão. Sinistramente, a lua
Rolava na amplidão como cabeça nua,
Como poça de sangue, horrendamente informe...
O silêncio pesava impressionante e enorme!

Nevava quase e a treva espessa e fria, —
Era bem a visão da mágoa e da invernia;
Enchia-se o ar de gelo igual a açoite de aço,
Que vibrasse, cortando, a imensidão do espaço.

E eu pedia ao Criador da imensidade etérea,
Que estendesse o seu manto aos ombros da miséria,
Que agasalhasse o pobre e que desse ao mendigo
Um frangalho de pão e um momento de abrigo;
Que pusesse suas mãos benévolas e puras
Sobre o abismo voraz de tantas amarguras;
Que levasse o amor onde faltasse o lar,
Onde sobrasse a angústia, onde andasse o penar.

Em mim, sentia a dor dos que não têm carinhos,
Que se vão de longada ao longo dos caminhos,
Sem temer a hediondez das negras horas mortas,
Pedindo a soluçar um caldo negro às portas!
E sondava o amargor dos operários rudes,
Filhos da obediência, anhos de mansuetudes,
Que vão cedo ao trabalho, à lide que os consome,
Deixando a casa entregue às penúrias da fome...
Pesava tôda a dor que o mundo inteiro cobre,
O castelo real e a cabana do pobre,
A dor que faz da Terra um ninho de infelizes,
Que palpita nos reis, que anda nas meretrizes;
A dor que dobra e vence as multidões ignaras,
Que derruba os casais e come o pão das searas,
Quando vi resplender nas bandas do ocidente
Uma excelsa visão, que andava mansamente:

Tinha nas mãos de luz ramalhetes de lírios
E no olhar a expressão de todos os mártírios;
Digna como um juiz, fulgente como a luz
Que dimana do amor divino de Jesus!
Seu luminoso olhar, esplêndido e profundo,
Era como a piedade iluminando o mundo;
Suas faces e a fronte, alvas como alabastros,
Pareciam do alvor das estrias dos astros...
Emitia esplendor sua túnica de arminhos,
Dissolvendo os sendais das trevas dos caminhos!...

Quem és tu? — murmurei.

— “Chamo-me Caridade,
Emissária de Deus a tôda a humanidade:
Pairo por sobre um ser resplandecente e puro,
Como paio a sorrir por cima de um monturo;
Deço das vastidões dentro das horas mudas,
Deixo Cristo na cruz para encontrar com Judas.
Amo os bons e protejo as almas vís e hediondas,
Ando por tôda a terra, ando por sobre as ondas
Do oceano a rugir sob meus pés de névoa, —
Para levar a luz, e, com ansiedade levo-a
A quem nas aflições, chama-me em altos brados
No turbilhão de horror de todos os pecados.
Para mim, não existe a classe, a seita e as gentes; —
Abranço em meu amor a alma dos continentes,
Atravesso o oceano e atravesso os países,
Vou onde haja a miséria, onde exista infelizes; —
Sou o farol da legião dos pobres sofredores,
Levo o sol, pão e luz, balsamizando as dores; —
Conduzo com avidez o lúcido estandarte
Do bem, que ampara a dor e vela os sonhos d'arte.
Amo o labor da ciência e amo a existência honesta
Do ingênuo lavrador, que, em vez do sono à sesta, —
Enche com o seu trabalho as lindas manhãs claras
E quando a tarde chega, engendra a paz das searas.
Amo o trabalhador, como adoro as boninas
Que se entreabrem na estrada adornando as campinas;

As rosas festivais das frescas alamedas
 Que abarrotam de olor as primaveras ledas.
 Amo o goivo e o lilás, como amo o luto e a festa;
 Amo a fera bravia e as aves da floresta;
 Guardo comigo a dor, as mágoas, as esp'ranças,
 Idolatro os senis, como idolatro as crianças.
 Vivo fora do plano imundo da matéria,
 Confortando o amargor, consolando a miséria;
 E' por isso, talvez, que, comovida eu oiço
 O grito da casa nobre e o éco do calaboiço;
 Visito os hospitais, creches e orfanatos,
 Sem toques de clarins e sem espalhafatos;
 Vou ao cárcere escuro, entro nos palacetes,
 Desço aos subterrâneos, elevo-me aos minaretes,
 Estou dentro do templo e dentro dos prostíbulos,
 Ao pé do altar da fé, no sopé dos patíbulos;
 Oro em qualquer lugar, nas ermidas, nos montes,
 Subo da Terra ao Céu. Não conheço horizontes.
 Não conheço nações, corro do brejo aos sóis,
 Beijo um cadáver nu como osculo os heróis.
 Nunca a lisonja fiz, nem recebo homenagens,
 Trato com o mesmo amor os cultos e os selvagens.
 Jamais pude escolher entre Roma e Paris,
 Não me regem as leis que regem um país.
 Minha missão é amar. Amo o templo e amo a escola,
 Amo o bem que alivia, amo o bem que consola."

"Caridade! — tornei" Por que volves ao mundo? —
 O mundo é o mesmo caos, o mesmo charco imundo.
 A humanidade é a mesma, alma de fariseus
 Que não te quer, nem quer o amor do próprio Deus!
 O homem não se mudou. E a tôla sociedade
 E' o nojento paul da criminalidade,
 Lôdo fenomenal de descrença e malícia.
 Vai! consulta as prisões e consulta a polícia.
 Onde puseste a luz, onde fundaste a escola,
 O homem pôs o missal, as batinas e a estola.
 Onde foste ensinar cantigas às ceifeiras,
 O homem fez barregãs que se vendem nas feiras!

Onde andaste a criar a cidade e os impérios, —
 Ele fez podridões de tábidos cemitérios;
 Onde criaste o ideal e a inspiração divina,
 Fez a bomba explosiva, a força e a guilhotina.
 A sociedade vil é quase a mesma Impéria,
 Rindo na podridão, transudando a miséria.
 Morre o bem, morre o amor, causa nojo a política,
 Causa asco e pavor esta velha sifilítica,
 Que brada sem cessar: — "Inda grita a canalha?
 Abra-se-lhe a prisão, jogue-se-lhe a metralha.
 E se alguém reclamar, há canhões na Alemanha;
 Se o canhão não chegar, há mosteiros na Espanha,
 Onde existe o grilhão dentro de escuras celas,
 Celas que são prisões cheias de sentinelas.
 E se o povo chorar, que se açoite êsse povo!
 A cada reclamação, responda um impôsto novo.
 Mate-se a mocidade, asfixie-se a infância,
 Propague-se a impiedade, espalhe-se a ignorância,
 De nada serve o livro a um povo sempre cego.
 E se a fome vier, ponha-se a honra ao prego;
 Para que se não veja a ruína e os cemitérios,
 Se o estrangeiro chegar — Bailes nos ministérios!
 Músicas sôbre a dor, flores sôbre os lameiros,
 Girândolas ao ar, honras aos forasteiros!
 Sêdas por sôbre a lepra, aromas sôbre os fedores,
 Fogo a quem mendigar! morte a quem tiver dores!...
 Ao raiar a manhã, toque-se para a missa,
 Que esta plebe é de cães, que esta plebe é submissa.
 E êsse povo infeliz dorme pelas calçadas,
 Almoça e ceia o luar, morre sob pauladas —
 E a pobre sociedade é igual à religião,
 Que encarcera o ideal dentro da Inquisição!
 Principalmente Roma, a esta nada escapa,
 Demonstrando o conflito entre Jesus e o Papa:
 Jesus amava a luz, o Papa o oiro vil,
 Jesus amava o pobre, o Papa a Rotchil!
 Que queres, Caridade? o mundo é sempre assim,
 Sacrifica um Abel para aceitar um Caim!"

— “Antes de tudo, amigo, eu não sei, não discuto;
Eu só quero saber onde há miséria e luto.
Raciocina, poeta!

A alma da caridade,
Abomina o rumor que alimenta a vaidade;
Para o seu labutar, toma vestes singelas;
Para fazer o bem corre o fêcho às janelas.
Não lê Anacreonte e ignora Petrarcas;
Não reconhece a lei que emana dos monarcas.
Nunca soube notar, nem sabe discernir
Qual dêles foi maior, se Goethe ou Shakespeare;
Se houve o pincel de Goa e o buril de Bordalo,
Se Galígula quis endeusar um cavalo;
Se o nome de Mafoma é o mesmo que Maomé,
Se houve no tempo antigo uma arca de Noé;
Se a Pati cantou bem pelas festas mundanas,
Se vieram maus reis, entre más soberanas;
Não entende Voltaire, nem más literaturas,
Sómente lhe interessa a sorte das criaturas.
Nunca soube enxergar se há Lutéro e Jesuítas,
Sabe sómente ver as dores infinitas.
Não vai à Roma ver o papa que se cobre
De fulgentes milhões para humilhar o pobre.
Não vai à Terra Santa em peregrinações,
Jamais toma lugar para fazer sermões.
Passa no mundo a pé, jamais anda de sege,
Nem sabe distinguir entre um pária e Carnegie.
Nunca aos concílios foi dar suas opiniões,
Nunca reza em latim, nunca fez procissões.
Jamais focalizou questões eleitorais,
E não vai desfolhar misérias nos jornais.
Entra no lupanar, não lhe estorva a política,
Não lhe pode abalar a opinião da crítica.
Nunca viu povoléus, nem divisa a ralé,
Nem problemas sociais, nem dogmas de fé!
Rejeita a excomunhão, jamais amaldiçoa,
Sabe sómente que ama e também que perdoa.
Sabe apenas que há pranto ao longo dos caminhos,
Que falta o amor e o pão, água e calor nos ninhos.

Corre, sem se cansar, desde o nascer da aurora,
Para buscar a dor da orfandade que chora.
Conhece, apenas, que há a turba de torturados,
Tanques de podridões, maltas de desgraçados.
Sabe onde falta sol, onde escassa é a saúde,
Onde se mete a flor excelsa da virtude.
Olha sem se anojar, mágoas, misérias, dor,
Não conhece opinião, segue a Nosso Senhor!
Anda no Novo-Mundo, corre por tôda a Europa,
Mendigando uma luz e um bocado de sopa,
Luz para desfazer a baixeza de instintos,
Sopa para matar a fome dos famintos.
Foge da discussão e não está nas pelegas,
Nem no ambiente hostil e estreito das igrejas.
Sabe amar e querer flores e passarinhos,
Os mendigos e os reis, os palácios e os ninhos!
Tem abnegação. Sabe rasgar o peito,
E escrever com seu sangue a Justiça e o Direito!
Sabe o amor. Sabe o bem. A alma da caridade,
Sabe endeusar a luz e adorar a verdade.
Vai a todo o lugar, recôndito e diverso.
Não existe num mundo. Existe no Universo.

Poeta amigo, adeus! Há muito que me espera
A imensidão da dor. Procuo a pomba e a fera.
Tenho muito a prestar às ovelhas transviadas,
Que ouvem as tentações do beiral das estradas.
E' preciso que eu vá visitar os covis;
Amparar o chacal, as aves e os reptis;
Necessário é lhes leve a vida e a liberdade,
Procurando os pardais, melros e cotovias.
Vou subir a colinas e descer aos valados,
Caçando o pranto e a dor dos pobres desgraçados.
Chama-me o sofredor, chama-me a orfandade,
Necessário é lhes leve a vida e a liberdade.
Se tua alma quiser inda encontrar-me um dia,
Desce ao antro sem paz donde foge a alegria;
Vai sem medo e receio à lóbrega mansarda,
Onde tarda a saúde e onde o confôrto tarda.

Vai às roças louças nas alvoradas claras...
 Estou com o lavrador na tarefa das searas,
 Como do seu farnel, tomo o arado e a charrúa,
 Lá me ponho a lidar e de lá volto à rua,
 Para guiar os maus, para guiar felizes;
 Minha missão é amar os vermes e os países!..." —

Muito tempo passara e a noite inda era escura.
 Noite de neve atroz, noite de desventura!
 Foi-se a linda visão, dissipando as neblinas,
 Repartindo o seu pão de carícias divinas.

Tudo voltou à paz silenciosa e calma!...
 O inverno e o pesar; e aos olhos da minha alma,
 O mundo famulentó, a Terra, parecia
 O planêta da sombra e a mansão da agonia!

ROMARIA

(PASSEIO MATINAL)

GUERRA JUNQUEIRO.

Fim da poesia inserta
 em *Poesias Dispersas*.

.....

 Não sabeis, não sabeis, filhas que adoro tanto,
 Calcular a extensão de tantas amarguras,
 Existências em flor, fustigadas de pranto,
 Lírios no lamaçal das grandes desventuras...

Almas na escuridão da noite sem aurora,
 Corpos de podridão, urnas de lama e pus,
 Anjos açucenais que a miséria devora,
 Pobresitos sem pão, esquelidos e nus.

No entanto, há aroma e luz na beira dos caminhos,
 Cantos de rouxinóis, árvores, fruto e flor,
 Harmonias sutis, que se evolvem dos ninhos
 Dourados pelo sol da alvorada do amor!

Mocidade no abril resplandecente e loiro —
De noivado e canção das almas virginais;
Entoando a sorrir mil ditirambos de oiro,
Como as aves gracios em vôos nos trigais.

A alegria taful das manhãs harmoniosas
Em que maio desfolha os cravos e os jasmíns,
Espargindo dos céus as glicínias formosas,
Na esmeraldina côr do colo dos jardins!

E Deus que fez a flor e a candura das crianças,
Fez também o soluço e a lágrima dorida,
E se fez a bondade envôlta de esperanças,
Criou a dor clareando a escuridão da vida.

Há risos e esplendor e há prantos, filhas minhas,
Porque o pranto é que lava as manchas e os negrumes,
De almas torvas e vis, misérrimas, mesquinhas,
Transformando-as em luz e em vasos de perfumes!...

A lágrima da dor é estrêla que transluz,
Um coração que sofre é chama que se eleva
Da túrbida hediondez dos pantanaís da treva,
As regiões da glória intérmina da luz.

Sôbre o escuro, porém, das lepras mal cheirosas,
Paira o clarão do amor, edênico e sem par,
Que liga o verme ao mar, que une a pomba às rosas,
Que o grão de areia une ao roble secular.

O amor que fraterniza, o amor que dá saúde,
Que irmana a fera e a flor, as aves e os chacais,
Que faz da Caridade a flama da Virtude,
Que sublime conduz aos planos celestiais.

Filhas que Deus me deu, vinde alegres, comigo,
Vinde comigo ver a dor dos desgraçados
Que chorando se vão, sem pátria e sem abrigo,
Cheios de sânie e pus, com os corpos cancerados.

Aproveitemos, pois, esta hora calma e mansa, —
Em que há músicas no ar e olores nas estradas,
Hora em que a Terra acorda em haustos de esperança,
Êbria de aroma e luz das flores orvalhadas.

Saúdam o alvorecer as vozes das ovelhas,
Perpassam colibris, chilreia a passarada,
Zumbem sôfregamente as trêfegas abelhas,
Compondo o hino de sol de esplêndida alvorada!

Partamos nós, também, por êste mundo afora,
Nutrindo o coração na fonte da esperança,
Dando consôlo à dor, à treva a luz da aurora,
A paz à guerra e à luta os lírios da bonança.

Conduzamos conosco a luz da Caridade,
Oferecendo o Bem aos pobres pequeninos,
Ofertando com amor a tôda a humanidade
Êsse pão divinal que é dos trigais divinos.

Espalhemos a Fé, a Caridade e a Crença,
Tenhamos a noss'alma em delubros de luz,
E acharemos no fim da romaria imensa,
As venturas e a paz nos braços de Jesus!

ETERNA VÍTIMA

GUERRA JUNQUEIRO.

Na silenciosa paz do cimo do Calvário
Ainda se vê na cruz o Cristo solitário.

Vinte séculos de dor, de pranto e de agonia,
Represam-se no olhar do Filho de Maria.

Abandonado e só na aridez da colina,
Sofre infindo martírio a vítima divina;

Açotado, traído e calmo, silencioso,
Da Terra ao Céu espraia o seu olhar piedoso.

Dois mil anos de dor e os seus cruéis algozes,
Passaram sem cessar como chacais ferozes.

Caravanas de reis nos tronos passageiros
Exaltados na voz das trompas dos guerreiros;

Os lendários heróis no dorso dos corcéis,
Inscrevendo com fogo as máximas das leis.

Cavalheiros gentis, valentes brasonados,
Nobres de sangue azul nos seus mantos dourados, —

Viram-no semi-nu, na cruz, ensangüentado,
E puseram-se a rir do louco supliciado!

O Cristo continuou, humilde e silencioso,
Espreadingo na Terra o seu olhar piedoso.

Sábios do tempo antigo abrindo os livros santos
Olharam-no também, partindo como tantos.

Artistas e histriões, poetas e trovadores,
Castelãs juvenis, turbas de gozadores.

Inda vieram depois, aquêles que em seu nome
Espalharam a treva, o pranto, a guerra e a fome. —

Desolação e horror, mataram-se os irmãos,
Lôbos, tigres, chacais, na capa dos cristãos

Contemplaram Jesus no cume da colina,
Multiplicando a guerra, as lutas e a chacina.

O Mestre prosseguiu, sublime e silencioso,
Espreadingo na Terra o seu olhar piedoso.

E na época atual a caravana estranha
Estaca no sopé da árida montanha;

Mas os soberbos reis e césaes antigos,
Hoje mais nada são que míseros mendigos;

Os nobres doutro tempo, agora transformados
Nos párias do amargor, nos grandes desgraçados: —

Agora, vêm, sim, no tôpo do Calvário, —
O sacrifício e a dor do eterno visionário,

Bradando com furor: — “Socorre-nos Jesus!
Que possamos vencer a dor em nossa cruz.

Sorvendo o amaro fel nas dores da aflicção, —
Temos fome de paz e sede de perdão!”

E o Mestre da bondade, o anjo da virtude,
Estende o seu perdão cheio de mansuetude.

E do cimo da cruz, calmo e silencioso,
Consola a multidão com o seu olhar piedoso.

A UM PADRE

GUERRA JUNQUEIRO.

(Versos a um agressor do Espiritismo)

Oh! padre lutador, procurai santamente
 Apregoar ao mundo herético e descrente
 Os dogmas ancestrais da vossa velha Igreja!

A árvore do progresso, esplêndida, viceja.
 A ciência caminha a passos de gigante
 Para se unir à fé, operosa e triunfante.
 E' preciso instalar a Inquisição de novo,
 Contendo a aspiração indômita do povo,
 De saber a verdade acêrca do Destino.

Proclamai, proclamai o dogma divino! —
 Fazei bulas, torcei as leis, trazei Loiolas,
 Ensinai catecismo em tôdas as escolas;
 Ponde sôbre a esperança o inferno que flameja,
 Cheio de excomunhões e de mastins da Igreja!
 Ensinai que Deus é o bramânico satrapa
 Que enviou para o mundo os bergantins do papa.
 Afirmar que um sacrista é um ministro do Eterno.
 Comei Jesus no pão refogado em falerno;
 Formai sob a batina as gerações vindoiras.

Tomai em vossas mãos de crísticas tesoiras,
 Cortai a asa de luz de tôda liberdade,
 Afogai na descrença a pobre humanidade,
 Multiplicai no mundo as vossas benzeduras,
 Multiplicai na Igreja os ritos e as tonsuras!

Teológicamente, anatematisai
 Todo aquele que em Deus sentir o amor de um Pai,
 Ponde em cada recanto um novo Torquemada,
 E um trapo de batina ao pé de cada estrada;
 Fazei autos-de-fé, pregai probabilismos
 Dentro das ilações e dos anacronismos,
 Endeusai sôbre o trono a fortuna dos Cresus,
 Esquecei sôbre a lama os pobres indefesos.

Transformai todo templo em balcão de bentinhos,
 Com representações em todos os caminhos;
 Interpretai Jesus no prisma do interesse,
 Traficai com o altar, vendei o ensino e a prece,
 Anatematisai tôdas as heresias;
 Aprovai, aplaudí as grandes simonias,
 Porque, em verdade, são como crimes sagrados
 E a estola de um sacrista é isenta de pecados.

Insensai Harpagões, absolvi magnatas,
 Entre encomendações, discursos, sermonatas;
 Lembrai a Inquisição e a história do papado,
 Retende na memória os erros do passado.

Lêde com desassombro o intrépido Barônio,
 Sem o mêdo pueril do inferno e do demônio,
 E vinde proclamar ao mundo fariseu
 Que sómente na Igreja há sendas para o céu;
 Só a Igreja possui a santa autoridade,
 Dentro das presunções da infalibilidade.

Sôbre o luxo gritai no púlpito florido,
 Gritai que o mundo está perverso e corrompido.
 Escrevei com furor contra as guerras tigrinas,

A abençoar fuzis, metralhas, carabinas,
A discórdia infundi! Nutri regionalismos,
Incentivai com ardor os rubros fanatismos.

Se puderdes, irmão, armai nova fogueira
A quem asseverar que o papado é uma feira
Onde Deus é um cifrão e onde se negocia
A bênção de Jesus, e a bênção de Maria;
Onde a verdade está sob as cavilações
Dos círculos hostis de torpes convenções!

Praticai e afirmai ainda mais do que isto.
Tendes a autoridade e a mansidão do Cristo...

Mas, ouvi minha voz impávida e serena!...
Fazendo-vos ouvir, tomando a vossa pena,
Jamais vos esqueçais de que a verdade é de ouro.
Afastarmo-nos dela é andar no sorvedouro
Da calúnia que fere o coração mais rude,
Da mentira que, enfim, não alcança a virtude,
Que traz, porém, consigo o vírus que envenena!...

Quem perpetra a inverdade a si mesmo condena.

A luta da verdade, a luta das idéias,
E' feita nos clarões das grandes epopéias
Que impelem o coração ao nobre sacrifício;
Cada gesto leal é mesmo um interstício
Por onde a Luz penetra em jorros cristalinos,
Clareando o porvir ignoto dos destinos.

Criar uma ficção e excomungar de oitiva,
E' próprio das paixões e próprio da inventiva.
Nunca vos entregueis a tanto dispautério,
Jamais enxovalheis o vosso ministério.

Acostumai-vos, pois, ao sol que tudo aclara;
Deixai a insensatez dos clérigos, da tiara,
Abandonai a treva e vinde para a luz!
Aprendeí muito mais do exemplo de Jesus.

Olvidai convenções, congregações, papado,
Que a Verdade jamais se vende no mercado.

"UM QUADRO DA QUARESMA"

GUERRA JUNQUEIRO.

Entre lamentações e estrídulas matracas,
Num cenário infantil, feito de gesso e lacas,
Representa-se a peça antiga da quaresma...

O pobre Senhor-Morto, um pálido abantesma,
Talhado de encomenda, em tinta espessa e forte,
Dorme grotescamente o sono dessa morte
De teatro burlesco, anual, que se repete,
Como as grandes funções do entrudo e do "confeti".

Imóvel, sob a luz esdrúxula das tochas
Que ilumina esse caos de tintas rubro-roxas,
E' o ator da paixão, a vítima e comparsa
Do Papa, o explorador santíssimo da farsa,
Paródia de uma dor sublime e incomparável,
Filha da estupidez bisonha e condenável,
Que a Igreja representa, arrecadando esmolas,
Com latim, cantochãos, bandeiras e sacolas.

A função quaresmal prossegue. A multidão
Espera com ansiedade o clássico sermão.
Numa fantasmagoria esplêndida de aroma
Dos incensos do altar, sôbre o púlpito assoma
Uma figura heril de abade gordo e enorme,
Cocuelin tonsurado, obeso, desconforme,
Que grita com estentor:

“Caríssimos irmãos!”

Nós somos sôbre a Terra os únicos cristãos.
Fora das concepções altíssimas da Igreja,
Apenasmente está o Inferno que despeja
O mal e as tentações no espírito perdido;
Rezai! que atualmente o mundo pervertido
Pretende esfacelar os dógmas romanos,
Sentinelas da fé, há quase dois mil anos!

Não busqueis progredir nas coisas transcendentas,
Porque o Papa é senhor de céus e continentes
E o Sílabus proíbe a evolução de tudo!

Eu só vos peço a fé, porquanto a fé é o escudo
Que vos há de livrar dos grandes tentadores.
Evitai conviver com os livres pensadores!
A análise conduz à escuridão do Averno,
Voltaire e Galileu são ministros do Inferno,
Comte, Calvino, Wesley, são seus embaixadores;
Das chamas infernais criaturas inferiores
Dirigem, certamente, o espírito moderno.

Precisais cultivar o sentimento eterno,
De eterna submissão ao Papa que é infalível.
Tôda ordem de Roma é boa e indiscutível.
E' preciso antepor à tôda a humanidade,
Sentimentos de fé e catolicidade.

Necessário se faz prender quem raciocine.
Reformistas quaisquer?... Satanaz que os fulmine.
A falta de fervor tem feito heresiarcas,
Tem até corrompido os padres e os monarcas.
Obedecei à Igreja em sua Santidade,
O Papa é o hífen de luz do arcano da Trindade.

O dogma é uma lei benigna e sublime,
Sofismá-lo, enformá-lo, é cometer um crime.

A humanidade está sob o império do demo;
Oremos pelo mundo em desconforto extremo.

Vivei, caros irmãos, em santa penitência;
As mortificações recebem da indulgência
Os prêmios celestiais na Eterna Beatitude.
Sêde firmes na fé, contentes na virtude,
Amai a caridade, a humilde singeleza.
Jesus amou no mundo a vida da pobreza!

Condenando a ciência, a luz, a liberdade,
Preconizando a Fé, a Ignorância e a Prece,
Terminou a oração, rogando que se desse
Uma estola ao Progresso e um véu à Humanidade.

Com um aceno abençoou, segundo o gesto em uso,
Resmungando um latim exótico e confuso;
E depois de exercer seu santo ministério,
Procurou lestageamento o calmo presbitério.
Aguardava-o o jantar de finas iguarias,
Pratos de ostentação, recheios, ambrosias,
Licores, moscatéis, confeitos, doces raros,
Opíparo jantar regado a vinhos caros.

Após se abastecer pantagruelicamente,
Em paz sacramental, seu cérebro indolente,
Desejou meditar nas cenas do Calvário...

Mas o sono roubou-lhe as preces e o breviário.
Terminada que foi a sacra pantomima,
Esquecido Jesus, olvidou-lhe a doutrina.

Sereno, adormeceu sem pensar que pusera
Em cada coração um coração de fera,
Com o seu rubro sermão, cavando um negro abismo,
Propagando a cegueira, a guerra e o fanatismo.

Olvidou o que Jesus obrara com o exemplo,
Dos atos a lição, da caridade o templo,
Sem artigos de fé, sem bispo e vaticano. —
Não se lembrou que houvera o bom samaritano,
Porque a verdade pura, o lídimo evangelho,
Era um livro escurril, inadequado e velho.

Da doutrina cristã, a sacrossanta essência
Ficou em pregação de mágica eloquência. —
Jesus apenas fôra a máscara piedosa,
Para tanta extorsão impune e criminosa.

Por isso, oh! meus irmãos do altar e da batina, —
A Igreja que foi pura e que já foi divina,
Morre sem remissão de horrível carcinoma,
Nos pântanos letais e lúgubres de Roma,
Lá onde a cupidez fatídica se entrapa,
E morre às próprias mãos sacrílegas do Papa!

CONTRA A BÊSTA APOCALÍPTICA

GUERRA JUNQUEIRO.

Não vos admireis que eu volte novamente,
Terçar a arma da fé, do amor, da liberdade,
Em favor do porvir de tôda a humanidade,
Tendo o espírito em paz, esperançoso e crente.

Congreguemo-nos nós em lúcidas cruzadas, —
Que a bêsta milenar, católico-romana,
Inda quer escoucear a consciência humana,
Tapando a luz do sol das novas alvoradas.

Não contente com o dogma inquisitorial, —
Que o seu concílio impôs a tôdas as criaturas,
A Igreja inda requer benesses, sinecuras, —
Amealhando assim o ouro universal. —

Busquemos sôbre a Terra esclarecer e dar!
Sêde nesse ideal meus nobres companheiros,
Pois quem guarda o bernal que é dos trinta dinheiros,
E' o histrião da batina e o mercador do altar.

A SÃO PEDRO DE PIRACICABA



GUSTAVO TEIXEIRA.

Paulista, nascido em março de 1881. Escreveu *Ementário*, *Poemas Líricos*, *Último Evangelho* e outras obras assaz estimadas.

Último instante, derradeira imagem
Nas procissões da sombra em longas filas...
Era a morte, cerrando-me as pupilas
No doloroso térmo da romagem.

Graças a Deus, a crença era meu pajem
E buscando-lhe, ansioso, as mãos tranqüilas,
Chorei de gratidão ao pressenti-las,
Conduzindo-me à luz doutra paisagem.

Oh! terra de São Pedro, que amo tanto,
Com que angústias te vi, banhado em pranto,
Nos supremos e tristes estertores!...

Trabalha e espera sob os céus risonhos,
Que a morte é vida para os nossos sonhos,
E paraíso para as nossas dores.

SONETO



HERMES FONTES.

Sergipano, nasceu na Vila de Boquim, em 1888 e suicidou-se no Rio de Janeiro aos 26 de dezembro de 1930. Poeta de grande relevo emocional, deixou firmada a sua personalidade literária, tendo publicado *Apoteóses*, *Gênese*, *Lâmpada Velada* e *Fonte da Mata*, seu último livro.

Sou o lavrador que fez, rude e bisonho,
A sementeira luminosa e rara
Do trigo louro e rútilo do sonho...
— Sonho lindo que a nada se compara.

Não reparou o labor triste e enfadonho,
Regou, chorando, a Terra que lavrara;
E de alma ingênua e coração risonho,
Esperou confiante o sol da seara.

Passados os trabalhos e os tormentos,
Quando aguardava a messe jubiloso
Numa grande esperança insatisfeita,

Eis que aparecem os arrazamentos,
E o pobre, desgraçado e desditoso,
Perdeu tudo no instante da colheita.

MINHA VIDA

HERMES FONTES.

Não pude compreender o meu destino
Na amargura invencível do passado,
Que amortalhou meu sonho peregrino
Nas trevas de um martírio irrevelado.

Do sofrimento fiz o apostolado,
Como fizera de minha arte um hino,
Procurando o país indevassado
Do ideal luminoso de Aladino.

E fui de vale em vale, serra em serra,
Buscando a imagem fúlgida, incorpórea,
Do que chamamos — a felicidade.

Mas só colhi os frutos maus da Terra,
As promessas pueris da falsa glória,
E o triste engano da celebridade.

- POEMA DA AMARGURA E DA ESPERANÇA

HERMES FONTES.

Falar-vos de martírios e tormentos, —
E' perpetrar amargas redundâncias,
Redizer minhas mágoas, minhas ânsias,
Renovar minhas sínopes de dor...
Não sorvo mais os tóxicos violentos
Do desespêro e da melancolia,
Após a derrocada
Das construções de um sonho superior. —

Tudo outrora, Senhor,
Na minha pobre vida abandonada, —
Era o tédio cruel que me impedia
De vislumbrar a claridade imensa
Da luz do sol puríssimo da crença,
Tudo em volta de mim era cegueira
Que torturou a minha vida inteira,
Que me seguiu o espírito ambicioso!...

A carne é pobre e é cheia de fraqueza,
Simbolizando o ciclo tenebroso
Das sínteses de dor da natureza.
E a carne subjogou-me inteiramente,
Fez-me fraco e descrente,
E transformou a minha mocidade
Num montão de ambições, de fama e glória.
Adormeceu-me aos cantos da vaidade
E me afastou da estrada meritória
Da crença e da bondade...

Misericordiosíssimo Senhor!
De tortura em tortura amargurado,
O meu frágil espírito inferior
Viu-se prêsa de trevas, no passado,
E a desgraça suprema o amortalhou.

Tudo sofri, de dor e de miséria,
Mas a tua bondade me levou
A esquecer a influência deletéria
Da carne passageira...
Rompeste a minha venda de cegueira
E divisei o excelso panorama
Do universo infinito, que TE aclama,
Como a fonte do amor ilimitado!

Relevaste, meu Deus, o meu pecado
E pude ouvir as harmonias puras
Que equilibram os mundos nas alturas!...

Cheio de amaridúcida ansiedade,
A esperança o espírito me invade
Aguardando das lágrimas futuras
A minha redenção...

Que a confiança, pois, em Ti me anime,
Que no porvir a dor bela e sublime
Jorre em minhalma a luz da perfeição.

AS LAGRIMAS



JOÃO DE DEUS.

Nascido em S. Bartolomeu de
Messines, Portugal, e desencarna-
do em 1896, afirmou-se um dos
maiores líricos da língua portu-
guesa. E' tão bem conhecido no

Brasil quanto em seu belo país. Nesta poesia palpita, de
modo inconfundível, a suavidade e o ritmo da sua lira.

Desci um dia
Ao sorvedouro
Da atra agonia
Da humanidade,
A procurar,
A prescrutar
Qual a verdade,
Qual o tesouro
O mais profundo,
Que neste mundo
O homem prendesse
E o retivesse.

E vi, então,
No coração
Da criatura,
Só a ilusão
Duma ventura.

E vi senhores —
Que dominavam
E se orgulhavam
Do seu poder, —
Sempre a abater
Os desgraçados.

Os potentados
Com seus valores —
Bem se julgavam
Onipotentes,
Heróis valentes —
Cá nesta vida...
Depois, porém,
Reconheceram
E viram bem,
Nesta existência
Tôda a impotência
Do deus-milhão,
Perante a mão
Da fria dor,
Que lhes domava
E lhes dobrava
O torpe egoísmo.

Busquei os lares,
Ricos solares
Dos protegidos,
Onde o conforto
Para a matéria
Anda em contraste
Com atroz miséria
Dos desvalidos.
E ainda aí
Não pude achar,
O que eu ali
Fui procurar.

Eu vi mulheres
Nos seus prazeres,
Jovens e belas,
Alvas estrêlas
De formosura —

Rindo e cantando
Dentro da noite
Da desventura.
Pobres donzelas,
Fanadas flores...
Luz sem fulgores,
Que, miseráveis
Párias da vida,
Deixam o teto
Do lar afeto
Maior, supremo,
Insuperável.
Sómente encontram
Dores que afrontam,
Mágoa insanável,
Incompreendida!

E penetrei
Pelos castelos
Dourados, belos,
Das diversões,
Onde se aninha
E se amesquinha
A multidão
Que busca rir,
Gozar, sorrir,
A ver se esquece
O que padece,
Julgando crer
Que o está a ver,
O paraíso.
Mas, êste riso
Ao som da festa,
À meia luz
E' o que produz
Todo o amargor,

A maior dor,
Pois eu ali
Tristonho vi
O que em verdade
E' a sociedade;
Só pensamentos
Das impurezas,
Só sentimentos
Que trazem prêsas,
Aniquiladas, —
E esmagadas,
Ensandecidas —
As criaturas
Outrora puras,
Belas outrora,
No entanto agora
Flores perdidas,
Almas impuras,
Desiludidas!
Nêsse recinto
Eu vi, então,
A traição,
A iniquidade,
A grosseria,
Tôda a maldade
Da hipocrisia;
E tudo, enfim, —
Tristonho assim,
Dissimulado,
Falsificado —
No fingimento
Que aparecia
No barulhento
Rumor de vozes,
Notas atrozés,
De uma alegria

Jamais sentida,
Desconhecida
Naquele meio.

Eu contemplei-o
Cheio de horror
E vi que as flores,
As pedrarias
Tão luminosas
Eram sombrias,
Eram trevosas,
Pois só cobriam
Miseros trapos,
Pobres farrapos
De almas perjuras
Ao seu Criador,
Fracas criaturas
Baldas de amor,
E, condoído,
Desiludido,
Desanimado,
Num forte brado
Disse ao Senhor:

“Onipotente
Pai de Bondade,
Oh! tem piedade
Dos filhos teus
Que choram, gemem,
Pálidos tremem
Oh! Senhor Deus!
Faze que a luz
Do bom Jesus,
Penetre a alma
Na Terra aflita,
Dando-lhe a calma

Que necessita.
Só conheci
E encontrei,
Só contemplei
O mal que vi".

Mas uma voz
Do Azul do Céu,
Pronta e veloz
Me respondeu:

"Filho bendito
Do meu amor,
Sou teu Senhor
E no Infinito,
Tudo o que fiz,
Nada se perde, —
Assim tornando
O ser feliz.
Contempla, ainda, —
A Terra linda
E então verás,
Dondre provém —
A grande paz, —
O sumo bem,
O gran tesouro, —
Mais fino ouro
Dos filhos meus,
Está na luta,
Nos prantos seus,
Que lhes transforma
A alma poluta
Num ser radioso,
Astro formoso
De pura luz!"

Eu ajoelhei
E contemplei
As multidões
Atropeladas,
Desenganadas
Nas perdições.
Vi transformadas
Tôdas as cenas;
Em todos sêres,
Homens, mulheres,
Jovens, crianças,
Nas grandes penas,
Nas esperanças,
Por entre a luz,
Por entre flores,
Brotar a flux
No coração
De cada ser,
Em profusão,
Gôtas pequenas
Como as brilhantes —
Luzes serenas
Das madrugadas
Primaveris.

Reconheci
Que por aí
Na ingrata Terra
Onde eu amei,
Sorri, chorei,
Onde sofri —
E onde eu vi
A dura guerra,
A amarga dor,
Lágrimas belas,
Gôtas singelas,

Meigas, serenas,
Eram açucenas
De fino olor
Do espaço azul!

Depois, eu vi
Que os que as vertiam
Por êste mundo,
Vale profundo
De mágoa e dor, —
Quando voltavam
Do seu exílio,
Eram saudados
Por mensageiros
De amor e luz
Do bom Jesus,
Que os coroavam
Com gemas finas,
Jóias divinas
Do escrínio santo,
Primor de encanto
Do amor de Deus.
Fui então vendo,
Reconhecendo
Que aqui nos Céus,
Lágrimas lindas
São transformadas,
Remodeladas —
Para formarem
Belo diadema
E aureolarem

Os que as verteram
Aí na Terra.

E vi, então,
Em profusão,
Gemas brilhantes,
Alvinitentes,
Ricas, fulgentes
E deslumbrantes,
Que nem ofiu
Jamais possuiu.

Sejam benditas,
As pequenitas
Gôtas de pranto,
Orvalho santo
Do amor divino
Que dá ventura,
Tranqüilidade,
Felicidade
Ao peregrino.
Bendito o Pai,
O Nosso Deus
Que abranda o ai
Dos filhos seus;
Que a alegria
E a paz envia
A humanidade
Tão sofredora,
Com a lágrima bela
Luzente estrêla
Consoladora!

O CÉU

JOÃO DE DEUS.

Pátria ditosa e linda, e onde o mal
Desaparece ao meigo olhar do Amor,
Que entre os seres do Além é sempre igual,
No mesmo anseio santo e superior!

Lá não se vê traição e cada qual,
Urde ali sua auréola de esplendor,
Doce Mansão de Paz, imaterial,
Onde impera a bondade do Senhor!

Pôrto de Salvação para quem crê
Nessa Praia do Azul, que se antevê,
Pelo poder da Fé, na provação;

País dos Céus, aonde o pecador
Depois de bem sofrer aí a dor,
Vai ali encontrar Consolação.

MORRER

JOÃO DE DEUS.

Não mais a dor intensa e desmedida
No momento angustioso de morrer,
Nem o pranto pungente por se ver
Um ser amado em horas da partida!...

A morte é um sono doce; basta crer
Na Paz do Céu, na Terra apeteçada,
Para se achar o Amor, a Luz e a Vida,
Onde há trégua à tristeza e ao padecer.

Venturosa região do espaço Além,
Onde brilha a Verdade e onde o Bem
E' o fanal reluzente que conduz;

Mansão de claridade e pulcritude,
Onde os bons que adoraram a Virtude,
Gozam do afeto extremo de Jesus.

O MAU DISCIPULO

JOÃO DE DEUS.

Era uma alma
Formosa e bela,
Fúlgida estrêla
De puro alvor
Que habitava
Qual uma flor
O espaço infindo,
Imenso e lindo
Nessas regiões,
Onde há mansões
Purificadas,
Iluminadas
Do Criador.

Porém, um dia,
Disse Jesus
A quem vivia
Em meio à luz:

“Filho querido,
Estremecido
Dos meus afetos,
Tu necessitas
Buscar a Vida

Em meio às vagas
Das provações!
Dentro das lutas,
Tredas disputas
Do Bem, do Mal,
E' que verei
Se o que ensinei
Ao teu valor,
Aproveitaste
E assimilaste
Em benefício
Da lei do amor,
Do sacrificio!...
Tens a fraqueza
Da imperfeição;
Aqui, porém,
Já te mostrei
A lei do amor,
Luz do Senhor,
O sumo bem.

Tu lutarás,
Mas vencerás
Se bem souberes
Te conduzir

Nesses caminhos
Entre prazeres,
Risos e flores
Por entre espinhos,
Mágoas e dores...
E se aprenderes
Saber viver,
Sorrir, sofrer,
Conquistarás
A grande paz,
A grande luz
Que eu, teu Jesus,
Reservarei
E hei de guardar
Para a tua alma,
Ao regressar.

A dor sómente,
A luta amara
Nos equipara
Para viver
Tranquilamente
Nessas moradas
Iluminadas
Do nosso Pai!
Luta e trabalha
Singelamente
Nessa batalha
Que te ofereço,
P'ra conquistares
A luz, o amor
Do teu Senhor.
Tu viverás
Entre os braços
Das ilusões
Da Terra impura;

Conhecerás
Lindas riquezas
Iluminando
E lhe ensinando
O bom caminho,
A boa estrada
E com carinho
Sempre mostrar-lhe
A caridade
Com tôda a luz
Que ministrei
Ao teu pensar
E ora conduz
Teus sentimentos,
Teus pensamentos,
À perfeição
Do coração.

Caminha avante,
Na deslumbrante
Rota do amor!
Espalha o olor
Que já plantei
E fiz brotar,
Que cultivei
Dentro em teu ser.
Sê sempre amigo
Dos sofredores,
Dos que padecem
Sem conhecer
Sequer abrigo
Onde isolar-se,
Onde guardar-se
Das fortes dores
Que acometem
Os sofredores.

Sê a Bondade
Entre a maldade
Dos homens feros,
Ambiciosos,
Frios, austeros,
Pecaminosos.

Se assim fizeres
E procederes,
Sempre cumprindo
Os teus deveres,
Tornar-te-ás
Em verdadeiro
Anjo da paz,
Em mensageiro
Do Deus de amor.
Assim darás
A humanidade
O testemunho
Da caridade
Do teu Senhor!

A alma formosa
Então desceu
Para lutar,
A conquistar
Maior ventura,
Rútila e pura
Aqui no Céu.

Então, nasceu
Num lar ditoso,
Régio, faustoso,
Dos venturosos,
Onde a alegria
Reinava e ria

Constantemente,
Proporcionando
A rica gente
Que o habitava
Os belos gozos,
Lindos, formosos,
Mas irreais,
Dêsses palácios
Materiais.
Ainda criança, —
Era adorado,
Felicitado
Nessa abundância;
Naquele lar,
Rico alcaçar
Dos abastados,
Ele então era
A primavera
Dos áureos sonhos,
Dos pais amados!

Assim cresceu,
Belo esplendeu —
Na mocidade.
Ganhou saber
Nobilitante,
A luz brilhante
Dessa ciência —
Que, na existência, —
Por planetária,
Faz com que a alma
Se torne egoísta —
E refratária
À lei de Deus.

Tornou-se esquivo,
Cruel e altivo
A humanidade,
Não praticando
Mas renegando,
A caridade.

O que aprendera
No Infinito
E prometera
Ao bom Jesus,
Tudo esquecera
Em detrimento
Do sentimento
Que então trouxera
Cheio de luz.
Refugiou-se
Na vã ciência,
Despreocupou-se
Com a consciência.
Na Academia
Dos homens sábios, —
Ele esplendeu
No vão saber;
O infeliz ser
Viveu dos lábios,
Seu coração
Jamais viveu!
Foi uma flor,
Mas, sem olor; —
Fulgiu, brilhou,
Mas renegou
A lei do amor.
E da existência
Da própria alma
Por fim descreu, —
A relegar
Como um ateu

Filho do Mal,
A imensa luz
Espiritual.

Foi refratário
Ao próprio afeto
Dos pais que o amavam.
E idolatravam
Com mór ternura,
Dêle esperando
Sua ventura.
Os próprios filhos,
Suaves brilhos
Da nossa vida,
Nossa esperança
Encantadora,
Os desprezou, —
Sómente amando
Sua ciência
Enganadora.
Só procurou
Brilhar, fulgir;
Nunca buscou
Assim, cumprir
Sua missão.

Sempre espalhou
Em profusão,
Suas idéias
Tristonhas, feias,
Do ateísmo
Desventurado.
Nunca estancou
Uma só lágrima; —
Nunca pensou
Uma ferida,
Que brota nalma
Desiludida;

Não consolou
O que sofria,
De quem fugia
Sem compaixão!
Enfim, viveu
Só na ciência,
Nessa existência
Que passa breve!...
O ingrato teve
Mil ocasiões
De praticar
Boas ações —
E espalhar
O amor e a luz
Que o bom Jesus
Lhe concedera:
Mas, infeliz,
Jamais o quis.

Porém, um dia
A morte amara,
Cruel, avara
E dolorosa,
O arrebatara
Nessa escabrosa
Escura via,
E o conduziu
Para o Infinito,
Onde num grito
Ele acordou
Do seu letargo,
Do sono amargo
Em que viveu.

Ao descerrar
O negro véu
Do esquecimento,
Sentiu seus olhos
Enevoados,

Tristes abrolhos
No pensamento!
Olhou o abismo
Do pessimismo
Em que vivera,
Por onde sempre
Se comprazera.

Sentiu-se, então,
Abandonado,
Amargurado
Na aflição!
Sómente assim, —
Dentro da dor,
Lembrou de Deus,
Do seu amor,
A implorar
Da luz dos céus —
Consolação!

Das profundezas
Do coração,
Íntima voz
Disse-lhe então:

Oh! mau discípulo
Em quem eu pus
Todo o esplendor
Da minha luz,
Do meu amor!
Tu te perdeste
Por teu querer.
Pelo viver
Que demandaste.
Jamais soubeste
Te conduzir, —
E assim cumprir
O teu dever.
Por isso, agora,

Minhalma chora
Ao ver que és
Miserio ser.
Tu renegaste
E desprezaste
A inspiração —
Do Deus de Amor!
Tua missão
Que era amar
E assim vibrar
A alheia dor,
Em luz perdida,
Foi convertida
Em fero braço
Esmagador.
O grande amor
— Fraternidade,
Que então devias
Entre alegrias
Oferecer
À humanidade,
O abafaste
Como se fósse
Assaz mesquinho,
Quando só êle
E' o caminho
Que nos conduz
À salvação,
À perfeição,
À região
Da pura luz!

Sempre esqueceste
Os teus deveres.
Dos próprios sêres
Que te adoravam,
Que mais te amavam,
Fôste inimigo, —
E até negaste

A existência
Da própria alma,
A consciência!
Constantemente,
Continuamente,
Fôste um ingrato
E eu te julgara
Um lutador
Intemerato!..."

Calou-se a voz
E o pranto atroz
Jorrou, então,
Do coração
Do miserável,
Ser execrável
Que não soubera
E nem quisera
Compreender
O seu dever.
Entre lamentos
E dissabores,
Padecimentos,
Frios horrores,
Ele chorou
E lamentou
Por muitos anos
Seus desenganos
Na senda triste,
Fatal, amara,
Que assim trilhara
Na perdição.
Envergonhado,
Espesinhado
Na sua queda,
Correu sózinho
O mundo inteiro,
Qual caminheiro
A quem negassem

Um só carinho.
Perambulou
Qual Asavérus,
Sofreu, clamou,
Supliciado;
E muitas vèzes
O seu olhar
Amargurado,
Triste pousou
Sôbre o lugar
Onde pecou.
A pobre mão
Sempre estendeu
Pedindo o pão,
Pedindo luz,
A lamentar
A sua cruz!
Jamais alguém
Quis escutá-lo;
O mesmo bem
Que êle fizera,
Assim lhe era
Retribuído...
E o pobre espírito
Desiludido,
Desanimado,
Desamparado,
Só encontrava
Consolação
Nas lágrimas tristes
Que derramava.

Até que um dia —
Em que sofria,
Mais padecia
A dor feroz,
Cruel e atroz,
A alma triste
E solitária,

Exp'imentada,
Extenuada —
No atro sofrer,
Cheia de unção
Por entre prantos —
Formosos, santos,
Disse ao Senhor
Numa oração:

“Oh! Mestre Amado,
Sei que hei pecado
E transgredido
As tuas leis,
Tendo comigo
A tua luz,
Oh! bom Jesus!
E mesmo assim,
Eu me perdi
Por meu querer, —
Pois não cumpri
O meu dever!...
Fui o grilheta
Da impiedade,
Pobre calceta
Da iniquidade.
Mas tu que és bom,
Tão justo e santo,
Sabes do pranto
Das minhas dores
No meu viver,
Sem luz, sem flores,
E has de acolher
Minha oração
Cheia de fé!...
Dá-me o acúleo
Da expiação,
Para que seja
Exterminado
O meu orgulho.

Oh! dá-me agora
A nova aurora
De uma existência
De provação.
Quero sofrer
Dura pobreza,
Sempre viver
Na singeleza.
O meu desejo
E' só voltar
À Terra impura
Onde eu pequei,
Para ofertar
À criatura
O grande amor
Que lhe neguei.
Não quero ter
Nem um só dia
Dessa alegria
Que desfrutei,
Mas só trazer
No coração
Todo o amargor
Da privação.
Não quero ver
O dealbar
De uma esperança; —
O próprio lar, —
Onde se encontra
Maior ventura,
Não quero ter;
Nunca, jamais
Eu conhecer
O que é sorrir!
Quero existir
Desconhecido,
Incompreendido
Em minha dor;
Então serei

Ramo perdido,
Arido e sêco
Pelo vergel
Enflorecido.
Conhecerei
A dor cruel
Que nos retalha
O coração.
Nessa batalha
Que empreenderei,
Quero ganhar
E conquistar
A luz, o pão,
O agasalho,
Com meu trabalho.
Eu só almejo
Compreensão
Para mostrar
O teu perdão,
Claro e sublime
Para o meu crime,
Oh! bom Jesus,
Oh! Mestre amado! —

Eu lutarei
E chorarei
Nas rijas dores
Mais inclementes,
Nos turbilhões
Incandescentes
Das amarguras,
Cruéis e duras
Das aflições.
Agora vejo
Que na existência,
A gran ciência —
Só é grandiosa,
Só é formosa,
Quando aliada

Da caridade.
 O puro amor
 Bem conquistar
 A perfeição!
 Serei, portanto,
 Neste planêta,
 Como a violeta
 Sob a folhagem...
 Quero com ardor
 Viver sómente
 Pela voragem
 Das desventuras.
 Quero sofrer
 Com humildade,
 E sempre ter
 Em mim bondade, —
 Feliz dulçor
 Da caridade!..."

E o Mestre Amado
 Compadecido
 Do pobre espírito
 Dilacerado,
 Enfim, perdido,
 Deu-lhe o perdão,
 A permissão
 Para voltar
 À antiga arena —
 Luta terrena,
 Oferecendo-lhe

Ocasão
 Para tornar-se
 Mais venturoso
 E sempre digno
 Do seu perdão.

Seja bendito
 Pelo infinito —
 Desenrolar, —
 E perpassar,
 De tôda idade
 O bom Jesus,
 Que, com sua luz —
 E terno amor,
 Escuta a prece
 De quem padece,
 Fazendo assim
 Desabrochar
 O dealbar
 Das alvoradas —
 Iluminadas —
 De muitas vidas,
 Belas, queridas,
 Para lutarmos
 E nos tornarmos
 Dignos do Amor
 Inigualável,
 Incomparável,
 Do Criador!

NA ESTRADA DE DAMASCO

JOÃO DE DEUS.

Num certo dia
 A Ambição
 De parceria
 Com o Orgulho,
 Chamou o homem
 Jactancioso
 E tão cioso
 Do seu poder
 E vão saber,
 E lhe disseram:

"Homem, tu és
 Senhor potente,
 Grande e valente
 Aqui no mundo:
 E se quiseres
 Tornar-te um rei
 Da imensa grei
 Da criação,
 E' só viveres
 A procurar
 Mais dominar
 Os elementos
 A transudar
 Nos sentimentos.

Maior coragem
 Para ganhares
 Sempre vantagem
 No teu viver,
 E conquistares
 Sempre o poder
 Dos triunfantes.
 Aos semelhantes
 Em vez de amá-los
 Tais como irmãos,
 Faze-os vassallos
 No teu reinado,
 Glorificado
 De gran-senhor!" —

E o pecador,
 Ser imperfeito —
 Se achasse embora,
 A seu agrado, —
 Bem satisfeito,
 Foi sem demora
 Então chamado
 Por um juiz
 De retidão,
 Que é a consciência,
 Nesta existência
 De provação,
 Que então lhe diz:

"Mas, e o bom Deus
 Que está nos céus,
 Que tudo vê,
 Sabendo assim
 Quanto a tua alma
 Dêle descrê?
 Ele é o teu Pai,
 O Criador,
 O Deus de amor.
 E o bom Jesus,

Nosso Senhor,
 Mestre da luz, —
 O Filho amado
 Que à Terra veio,
 A êste mundo
 Ingrato e feio
 A redimir,
 E assim banir
 O teu pecado?

Ele te amou
 E te ensinou
 Que ao teu irmão
 Tu debes dar,
 Nunca negar
 A tua mão,
 E espalhar
 Sómente amor,
 A relegar
 Tôda a maldade
 Para que um dia
 Te fôsse dado
 Reconhecer
 Com alegria —

O solo amado —
 Do eldorado
 Dos belos sonhos,
 Lindos, risonhos,
 Do teu viver.
 Assim, procura,
 Melhor ventura
 Em só buscar —
 Acompanhar,
 Seguir Jesus
 Em sua dor,
 Em seu amor,
 Em sua cruz!"

Mas, o tal homem
 Tão orgulhoso,
 Que já se achava
 Bem poderoso,
 Achou estranho
 Esse conselho:
 Rigor tamanho
 Não poderia; —
 Isso seria
 Obedecer
 E se humilhar;
 E ele havia
 Aqui nascido —
 Só para ser
 Obedecido,
 Tendo o poder
 P'ra dominar.
 Assim, buscou —
 E perguntou
 Aos companheiros:

 Eles, então,
 Lhe responderam
 No mais profundo
 Do coração:

— “Esse conselho
 E' muito velho!
 Deus é irrisão, —
 E o tal Jesus
 Com sua cruz
 E seu calvário,
 Sómente foi
 Um visionário.
 Enquanto ele
 Só te oferece
 Amargas dores,
 Desolações,
 Tristes agruras,

Cruéis espinhos,
 Nós concedemos
 Ao teu valor
 De gran-senhor —
 Sublimes flores,
 Lindos brasões,
 Grandes venturas
 Nesses caminhos.

 Quem mais souber
 Gozar e rir,
 Mais saberá
 O que é existir.
 A vida aqui
 Só é formosa
 Para quem goza;
 E pois, assim,
 Vale o gozar
 Constantemente,

Pois vindo a Parca
 Bem de repente,
 Há de levar
 Esse teu sonho
 De amar, sofrer,
 Ao caos medonho
 Do mais não-ser;
 Porque a morte
 Tão renegada,
 Essa é apenas —
 O frio nada.
 O louco amor
 Do teu Jesus,
 Exprime a dor
 E não a luz.”
 E assim, quando —
 O homem fraco
 E miserando
 Mais se exaltou

E se jactou,
 Chegou a Dor
 Onipotente,
 Humildemente,
 A lapidária,
 A eterna obreira,
 A mensageira
 Da perfeição
 Nessa oficina
 Grande e divina
 Da Criação;
 Fê-lo abatido
 E desolado,
 Até enojado
 Do corpo seu:
 Apodreceu
 O seu tesouro. —

E o homem-rei
 Reconheceu
 Que o paraíso
 Dos sãoz prazeres —
 Vive nas luzes
 Só da virtude; —
 No cumprimento
 Dos seus deveres;
 Na humildade,
 Na caridade,
 Na mansuetude,
 Na submissão
 Do coração
 Ao sofrimento,
 Quando aprouver
 Ao Deus de Amor,
 Oferecer
 Rude amargor
 Ao nosso ser.

Depois, então,
 De mui sofrer
 E padecer
 Na expiação,
 Reconheceu
 A nulidade,
 A fatuidade
 Da vil matéria!

Na atroz miséria
 Dessa agonia,
 Só procurou
 Buscar se via —
 Os seus mentores,
 Enganadores,
 Altivos filhos
 Da velocidade.

Só encontrou
 O juiz recto,
 O Magistrado
 Incorrutível
 Da consciência,
 E que, num brado
 Indescritível,
 Em consequência,
 Lhe fez com ardor—
 Ao coração
 Ermo de afeto,
 Ermo de amor,
 A mais tremenda
 Acusação!

E' o que acontece
 Em toda a idade,
 Com a maioria
 Da humanidade;
 Pois sempre esquece

Os seus deveres
 E se submerge
 Nos vãos prazeres;
 Para a alegria
 Triste converge
 O seu viver, —
 Para o enganoso,
 Efêmero gôzo
 Do material,
 A esquecer
 Tudo o que seja
 Espiritual.
 Feliz de quem
 Aí procura
 Maior ventura
 No sumo bem;
 Porque verá,
 Contemplará

Todo o esplendor,
 A eterna luz,
 Do eterno amor
 Do bom Jesus.

PARNASO DE ALÉM TÚMULO

JOÃO DE DEUS.

Além do túmulo, o espírito inda canta
 Seus ideais de paz, de amor e luz,
 No ditoso país onde Jesus
 Impera com bondade sacrossanta.

Nessas mansões, a lira se levanta —
 Glorificando o Amor que em Deus transluz,
 Para o Bem exalçar, que nos conduz
 À divina alegria, pura e santa.

Dessa Castália eterna da Harmonia
 Transborda a luz excelsa da Poesia,
 Que a Terra tôda inunda de esplendor.

Hinos das esperanças espargidos
 Sôbre os homens, tornando-os mais unidos, —
 Na ascensão para o Belo e para o Amor.

ANGÚSTIA MATERNA

JOÃO DE DEUS.

Oh! lua branca, suave e triste,
— Pedia a Mãe, olhando o céu —
“Dize-me, lua, se acaso viste —
Nos firmamentos o filho meu.”

“A Morte ingrata, fria e impiedosa,
Deixou vazio meu doce lar,
Deixou minha alma triste e chorosa,
Roubou-me o sonho — deu-me o penar.

Se tu soubesses, lua serena,
Como era lindo e encantador
Meu anjo belo como a açucena,
Cheio de vida, cheio de amor!...

Disse-lhe a lua — “Eu sei o encanto,
Dum filho amado que a gente tem;
E das ausências conheço o pranto,
Conheço-o bem, conheço-o bem!...”

— “Então, responde-me sem demora,
Continuava, sempre a chorar:
Em qual estrêla cheia de aurora
Foi o meu anjo se agasalhar?...”

— “Mas tu não o vês — disse-lhe ela —
Naquela estrêla que tremeluz?
Repara bem... E’ bem aquela
Que anda cantando no céu de luz.

E a alma de Mãe martirizada
Fitou a estrêla que lhe sorriu,
Sentiu-lhe os raios, extasiada,
E dos seus cantos, feliz, ouviu:

“Ilha pacífica e da esperança, —
Sou eu no mar do éter infindo;
Do sofrimento mato a lembrança
E abro o futuro, ditoso e lindo.

Do Senhor, tenho doce trabalho, —
Missão que é tôda só de alegrias: —
Flores reparto cheias de orvalho, —
Flores que afastam as agonias.”

Quase te odeio, luz de alvorada,
Oh! linda estrêla que adorna o céu, —
Gritou-lhe a pobre desconsolada,
Porque tu guardas o filho meu.”

— Sei que me odeias, que me detestas,
Mas eu te amo e digo: quem
Não tem saudades das minhas festas?
O teu anjinho teve-as também.

Em mim a noite não tem guarida,
Aqui terminam os dissabores;
Aqui em tudo floresce a vida,
Vida risonha, cheia de flores!...”

A mãe saudosa, banhada em pranto,
Pôde notar seu filho lindo,
Todo vestido dum brilho santo,
Num belo raio de luz, sorrindo...

Disse-lhe êle — “Tive deveras
Muita saudade, mãezinha amada,
Senti a falta das primaveras,
Senti a falta desta alvorada!...

Não resisti... Tanta saudade!
Voltei do exílio, fugi da dor,
Aqui é tudo felicidade,
Carícia e paz, ventura e amor.

Perdoa, mãe, se mais não pude
Ficar contigo na escuridão,
A Terra amarga, tristonha e rude,
Envenenava meu coração.

Aqui também há puras fontes,
Jardins e luzes e fantasias,
Sóis rebrilhando nos horizontes,
Cantos celestes das harmonias.

Daqui te vejo, daqui eu velo
Pelo sossêgo dos dias teus;
Faço-te um ninho ditoso e belo,
Muito pertinho do amor de Deus!...”

Aí a mãe tão desditosa
Nada mais viu do Eterno Lar.
Viu-se mais calma, menos saudosa,
E no entretanto, pôs-se a chorar...

LAMENTOS DO ÓRFÃO

JOÃO DE DEUS.

Minha mãezinha, alguém me disse,
Que tu te fôste, buscando o céu;
Eu já não sinto tua meiguice,
Mas não podias partir sem eu.

Eu acredito que tenhas ido
Pedir a Deus, no céu de luz,
Que de mim faça, do teu querido,
Um anjo seu, outro Jesus.

Mas tanto tempo faz que partiste,
Que me fugiste sem me levar,
Que sofro e choro, saudoso e triste,
Sem esperanças de te encontrar.

Há quantos dias que te procuro,
Que te procuro chamando em vão!...
Tudo é silêncio tristonho e escuro,
Tudo é saudade no coração.

Outros meninos alegres vejo,
Numa alegria terna e louçã,
Que exclamam rindo dentro dum beijo:
“Como eu te adoro, minha mamã!”

E sinto um anseio sublime e santo,
De te abraçar, de te beijar;
E abraço o espago, beijo o meu pranto,
Sómente a mágoa vem-me afagar.

Inquiro o vento: — “Quando verei,
Minha mãezinha boa e querida?” —
E o vento triste diz-me: — “Não sei!...
Só noutra vida, só noutra vida!...”

Pergunto à fonte, pergunto à ave,
Quando regressas dos céus supremos,
E me respondem em voz suave:
“Nós não sabemos! nós não sabemos!...”

Pergunto à flor que enfeita a aurora,
Quando é que voltas dêsse país,
E ela retruca, consoladora:
“Depois da morte serás feliz.”

E digo ao sino na tarde calma:
“Onde está ela, meu doce bem?”
Ele responde, grave, à minhalma:
“No Além!..., No Além, no Além, no Além!...”

O mar e a noite me crucificam,
Multiplicando meus pobres ais,
Cheios de angústias, ambos replicam:
“Tua mãezinha não volta mais.”

Sómente a nuvem quando eu imploro,
Diz-me que vens e que te vê.
Do alto do céu, diz-me, se eu choro:
“Eu vou chamá-la para você.”

Sempre te espero, porém, não voltas, —
Nem para dar-me consolação;
Ai! minha mãe que mágoas sôltas
Andam cortando meu coração.

Tanta saudade, e no entretanto,
Vejo-te linda nos sonhos meus;
Ajoelhada, banhada em pranto, —
E de mãos postas aos pés de Deus.

Constantemente, estás bonita
Como uma rosa, como um jasmim!
Porém conheço que estás aflita,
Pensando em mim, pensando em mim.

Então, entrego-me ao meu desejo, —
Tremo de anseio, calo, sorrio, —
Sentindo o anélito do teu beijo... —
Mas abro os olhos no ar vazio! —

Vai-se-me o sonho... Quanta amargura,
Que sinto esparsa pelo caminho!
Que mágoa eterna! que desventura,
Para quem segue triste e sózinho.

Volta depressa! guardo-te flores,
Porque só vivo pensando em ti:
Celebraremos nossos amores,
Junto da fonte que canta e ri.

Já não suporto tantos cansaços!... —
Se não voltares, pede a Jesus,
E ainda uma vez, põe-me em teus braços,
Foge comigo para outra luz!...

O LEPROSO

JOÃO DE DEUS.

Dizia o pobre leproso:
 Senhor! Não tenho mais vida,
 Sou uma pútrida ferida
 Sobre o mundo desditoso!

Mas o anjo da esperança
 Responde-lhe com brandura:
 — Meu filho espera a ventura
 Com fé, com perseverança:

Se teu corpo é lama e pus
 Em meio dos sofrimentos,
 Tua alma é réstea de luz
 Dos eternos firmamentos.

BONDADE

JOÃO DE DEUS.

Vê-se a miséria desditosa
 Perambulando numa praça,
 Sob o seu manto de desgraça
 Em aflitíssimo amargor.

Eis que a Fortuna se lhe esconde,
 O gozo passa, muito ao largo, —
 E ela ressentida o gosto amargo —
 Do fel, da mágoa e da dor.

Mas eis que alguém a reconforta, —
 E' a bondade. Abre-lhe a porta
 Cheia de luz da manhã,

Dizendo-lhe — Tens frio efome? —
 Despreocupa-te do meu nome, —
 Vem aqui. Sou tua irmã.

ORAÇÃO

JOÃO DE DEUS.

A Ti, Senhor,
Meu coração. —
Imerso em dor
Aflito vem,

Pedindo a luz,
Pedindo o bem
E a salvação.

Pedir a quem,
Se não a Ti,
Cuja bondade
Me sorri
E me conduz
À imensidade
Da perfeição?

E's a piedade
Divina e pura
Que à criatura
Dá luz e pão.

Sou eu, sómente,
O impenitente
Na expiação.

Em Ti, portanto,
Confio e espero,
De Ti eu quero
Me aproximar!...

Consôlo santo,
Para o meu pranto
Venho implorar.

Bem sei, Senhor,
Se sofro e choro,
Se me demoro
No padecer,
E' porque andei
Longe do Amor
No meu viver.

O Amor é a lei,
Que me ensinaste
E que deixaste
Aos irmãos teus!

P'ra que eu pudesse
Ditosamente,
Buscar os céus.

Assim, contente,
Cheio de unção,
Elevo a prece
Do coração,
A Ti, Senhor,
Rogando amor,
Paz e perdão!

A FORTUNA

JOÃO DE DEUS.

Anda a Fortuna por uma praça, —
 Fala à Ventura com riso irmão, —
 E mais adiante topa a Desgraça,
 Que altiva e rude lhe esconde a mão. —

Vaidosa e bela, dá preferência
 Ao torpe egoísmo, e ao sacrificio, —
 E entre as virtudes na existência,
 A flor escolhe, sempre, do vício. —

E assim prossegue em desmarcada
 Carreira louca de vão prazer, —
 Como perdida e já sepultada,
 No esquecimento do próprio ser. —

Depois, cansada e já comovida, —
 Quando só pede luz e amor,
 Acorre a Morte por dar-lhe a Vida, —
 E vem a Vida por dar-lhe a Dor. —

ORAÇÃO

JOÃO DE DEUS.

Vós que sois a mãe bondosa
 De todos os desvalidos
 Dêste vale de gemidos
 Mãe piedosa!...

Sublime estrêla que brilha
 No céu da paz, da bonança,
 Do céu de tôda a esperança
 Maravilha!

Maria! — consolação
 Dos pobres, dos desgraçados,
 Dos corações desolados
 Na aflição,

Apiedai-vos, Senhora, —
 De tão grandes sofrimentos,
 Dêste mundo de tormentos
 Que apavora;

Livrai-nos do abismo tredo
 Dos males, dos amargores,
 Protegei os pecadores
 No degrêdo.

Estendei o vosso manto
De bondade e de ternura,
Sôbre tanta desventura
Tanto pranto!

Concedei-nos vosso amor,
A vossa misericórdia,
Dai paz a tôda discórdia,
Trégua à dor!...

Vós que sois, mãe carinhosa
Dos fracos, dos oprimidos
Dêste vale de gemidos,
Mãe bondosa!

Oração:

Pai de Amor e Caridade,
Que sois a terna clemência
E de tôdas as criaturas
Carinhosa Providência!
Que os homens todos vos amem,
Que vos possam compreender,
Pois tendo ouvidos não ouvem, —
E vendo não querem ver.

ALÉM

JOÃO DE DEUS.

Além da sepultura, a nova aurora
Luminosa e divina se levanta;
Lá palpita a beleza onde a alma canta,
A luz do amor que vibra e revigora.

Oh! corações que a lágrima devora,
Prisioneiros na dor que fere e espanta,
Tende na vossa fé a bíblia santa,
E em vossa luta o bem de cada hora.

Além da morte, a vida tumultua,
O trabalho divino continua...
Vida e morte — exultai ao bendizê-las!

Esperai nos tormentos mais profundos,
Que a êste mundo sucedem-se outros mundos,
E às estrêlas sucedem-se as estrêlas!

SONETO

JOÃO DE DEUS.

Como outrora, entre ovelhas desgarradas,
 O coração tocado de agonias,
 O Mestre chora como Jeremias,
 Vendo o mundo nas lutas condenadas.

Sempre a miséria e a dor nos vossos dias!
 Sempre a treva nas miseradas estradas...
 Preces infindas e desesperadas,
 Do caminho de lágrimas sombrias...

Dois milênios contando o grande ensino
 Do Amor, o luminoso bem divino,
 Sobre as desolações do mundo velho...

Mas, em todos os tempos é a vaidade
 No egoísmo da triste humanidade,
 Demorando as vitórias do Evangelho.

A PRECE

JOÃO DE DEUS.

O Senhor da Verdade e da Clemência
 Concedeu-nos a fonte cristalina
 Da prece, água do amor, pura e divina,
 Que suavisa os rigores da existência.

Tóda oração é a doce quinta-essência
 Da esperança ditosa e peregrina,
 Filha da crença que nos ilumina
 Os mais tristes reflexos da consciência.

Feliz o coração que espera e ora,
 Sabendo contemplar a eterna aurora
 Do Além, pela oração profunda e imensa.

Enquanto o mundo anseia, estranho e aflito,
 A prece alcança as bênçãos do Infinito,
 Nos caminhos translúcidos da Graça.

FRATERNIDADE

JOÃO DE DEUS.

Fraternidade é árvore bendita
 Cujas flores e ramos de esperança
 Buscam a luz eterna que se agita,
 Rumo ao país ditoso da bonança.

E' a fonte cristalina em que descansa
 A alma humana extenuada, errante e aflita,
 A luminosa bem-aventurança
 Da mensagem de Deus pura e infinita!...

Vós que chorais ao côro das procélas,
 Vinde irmãos! Desdobrai as vossas velas!...
 Não vos sufoque o horror da tempestade.

Fraternidade é o derradeiro porto,
 A terra da união e do conforto,
 Que habitaremos na Imortalidade.

LEMBRAI A CHAMA

JOÃO DE DEUS.

Vós que buscais além da sepultura
 A resposta de luz da Eternidade,
 Não esqueçais a Excelsa Caridade,
 Que reside convosco em noite escura.

Somos todos a Grande Humanidade,
 Em direção a Fonte Eterna e Pura,
 Somos em tôda a parte a criatura
 Buscando os dons supremos da Verdade.

Tendes convosco a Chama Adormecida...
 Rogamos acendais a Luz da Vida,
 Já que buscais mais crença junto a nós!

Se quiserdes brilhar nos Outros Planos,
 Oh! torturados corações humanos,
 Deixai que o Cristo nasça dentro em vós.

ETERNA MENSAGEM

JOÃO DE DEUS.

Ainda e sempre o Evangelho do Senhor
 E' a mensagem eterna da Verdade,
 Senda de paz e de felicidade,
 Na luz das luzes do Consolador.

Nos caminhos da lágrima e da dor,
 Ante os desfiladeiros da impiedade,
 Não sabe o coração da Humanidade
 Beber dessa água límpida do Amor.

Mas os túmulos falam pela estrada,
 Em tôda parte fulge uma alvorada
 Que ao roteiro dos céus nos reconduz;

O Evangelho na luz do Espiritismo,
 E' a escada de Jacó vencendo o abismo,
 Trazendo ao mundo o verbo de Jesus.

NO TEMPLO DA EDUCAÇÃO

JOÃO DE DEUS.

Distribuía o Mestre os dons divinos
 Da luz do seu espírito sem jaça,
 E exclama, enquanto a turba observa e passa:
 — Deixai virem a mim os pequeninos!..."

E' que na alma sincera dos meninos,
 Há uma luz de ternura, amor e graça,
 De que o Senhor da Paz quer que se faça
 O sol da nova estrada dos destinos.

Vós que tendes a fé que ama e consola,
 Fazei do vosso lar a grande escola
 De justiça, de amor e de humildade!

As conquistas morais são tôda a glória
 Que a alma busca na vida transitória,
 Pelos caminhos da imortalidade.

NA NOITE DE NATAL

JOÃO DE DEUS.

— “Minha mãe, por que Jesus,
Cheio de amor e grandeza,
Preferiu nascer no mundo
Nos caminhos da pobreza?

Por que não veio até nós
Entre flores e alegrias,
Num berço todo enfeitado
De sedas e pedrarias?”

— “Acredito, meu filhinho,
Que o Mestre da Caridade,
Mostrou em tudo e por tudo,
A luminosa humildade!...

Às vêzes, penso também,
Nos trabalhos dêste mundo,
Que a Manjedoura revela
Ensino bem mais profundo!”

E a pobre mãe de olhos fixos
Na luz do céu que sorria,
Concluiu com sentimento
Em terna melancolia:

— “Por certo, Jesus ficou
Nas palhas, sem proteção,
Por não lhe abrimos na Terra
As portas do coração.”

AOS HOMENS



JOSÉ DURO.

Poeta português, desencarnou em 1899. Musa amargurada, deixou um livro — *Fel* — que apareceu poucos dias antes da sua morte e foi prefaciado por Forjaz de Sampaio.

Volta ao pó dos mortais, homem que vens depressa
A chave procurar do enigma que encerra,
A paragem da morte, o mais — além da Terra,
Onde o sonho termina e a vida recomeça. —

Volve ao sono cruel da tua carne obscura,
Amassa com o teu pranto o pão de cada dia,
Vai com o teu padecer sôbre a estrada sombria,
Para depois ouvir a voz da sepultura.

Tomé, põe tua mão na tua própria chaga, —
Perambula na dor da tua noite aziaga, —
Porque a treva e o sofrer sempre hão de acompanhar-te!

Reconhece o quanto és ignorante ainda.
A vida é vibração ilimitada, infinda,
E o seu grande mistério existe em tôda parte.

SONETO

JOSÉ DURO.

Pouco tempo sofri na Terra ingrata e dura
Onde o mal prolifera, onde perece o amor,
Entre a sufocação de um sonho superior, —
E a esperança na morte, a triste senda escura.

Até que um dia a morte amiga e benfazeja
Apodreceu meu corpo em sua mão gelada,
E minhalma elevou-se à rutilante estrada —
Onde o espírito encontra a paz que tanto almeja.

Algum tempo eu sofri, ao pé do corpo imundo, —
Escravizado ao pranto, agrilhado ao mundo,
Prisioneiro da mágoa, amortalhado em dor!

E pude, então, voar para a mansão serena,
Mas depois a oração libertou-me da pena,
Onde fulgura o sol do verdadeiro amor.

ORAÇÃO

JOSÉ SILVÉRIO HORTA.

Pai Nosso, que estás nos céus,
Na luz dos sóis infinitos,
Pai de todos os aflitos
Dêste mundo de escarcéus.

Santificado, Senhor,
Seja o teu nome sublime, —
Que em todo o Universo exprime
Concórdia, ternura e amor.

Venha ao nosso coração
O teu reino de bondade,
De paz e de claridade
Na estrada da redenção.

Cumpra-se o teu mandamento
Que não vacila e nem erra,
Nos céus, como em tôda a Terra
De luta e de sofrimento.

Evita-nos todo o mal,
Dá-nos o pão no caminho,
Feito na luz, no carinho
Do pão espiritual.

Perdoa-nos, meu Senhor,
Os débitos tenebrosos,
De passados escabrosos,
De iniquidade e de dor.

Auxilia-nos, também,
Nos sentimentos cristãos,
A amar os nosso irmãos
Que vivem longe do bem.

Com a proteção de Jesus,
Livra a nossa alma do êrro, —
Sôbre o mundo de desterro,
Distante da vossa luz.

Que a nossa ideal igreja
Seja o altar da Caridade,
Onde se faça a vontade
Do vosso amor... Assim seja.

O ESPOSO DA POBREZA



JÚLIO DINIZ.

Poeta português, desencarnado na cidade do Pôrto em 1871. Com este pseudônimo, pois que o seu nome é Joaquim Guilherme Gomes Coelho, notabilizou-se mais como romancista, principalmente com *As pupilas do Sr. Reitor*. A edição póstuma de *Poesias* exaltou, dá-lo um comentador, as suas qualidades primaciais de prosador, sem embargo de possuírem os seus versos um certo encanto melancólico.

Francisco de Assis, um dia,
Assim que deixara a orgia
No castelo,
Entregou-se à natureza,
À uma vida de aspereza
Num canto doce e singelo.

Abandonara a vaidade,
Buscando a paz da humildade,
A santa luz da harmonia;

E nas horas de repouso,
Francisco em estranho gôzo
A voz de Jesus ouvia:

— “Filho meu, faze-te espôso
Da pobreza desvalida,
Emprega tôda a tua vida
Na doce faina do bem.
Francisco, ouve, ninguém
Vai aos céus sem a bondade,
Que é a grande felicidade
De todos os corações.

Esquece as imperfeições!...
Vai, conforta aos desgraçados
Sedentos e esfomeados,
Flagelados pela dor.
Quem alivia e consola,
Recebe também a esmola
Das luzes do meu amor!” —

Francisco chorava e ria,
E em divinal alegria
Via os lírios e os jasmims,
Que não fiam, que não tecem,
Com roupagens que parecem
Vestidos de Serafins;
As aves que não trabalham
E no entanto se agasalham,
Com grãozinhos em farturas,
Entre as flores e entre os galhos,
Que se alimentam de orvalhos
Que lhes descem das alturas.

Via a terra enverdecida
Estuando de fôrça e vida,
As seivas misteriosas

No seio dos vegetais,
E as ânsias cariciosas
Das almas dos animais.

E sobretudo, inda via,
A sacrossanta harmonia
Do coração sofredor,
Que não tendo amor nem luz,
Tem tesouros de esplendor
No terno amor de Jesus.

Francisco de Assis, então,
Submerso o coração
Em sublimes alegrias,
Entregou-se às harmonias
Vibrantes da natureza,
Tornou-se o amparo da dor
E guiado pelo amor
Fez-se o Espôso da Pobreza...

POESIA

JÚLIO DINIZ.

Poesia da natureza
 Embalsamada de olores,
 Ornamentada de flores
 Que os meus encantos resume;
 Poema de singeleza
 Esplendente e delicada,
 Como raios de alvorada
 Cheia de luz e perfume!

Suavidade e doçura
 Das rosas, das margaridas,
 Das lindas sebes floridas
 Nos dias primaveris;
 Radiosidade e frescura,
 Fragrâncias, amenidade,
 Aromas, alacridade
 Das paisagens pastoris!

As cotovias cantando,
 As ovelhinhas balindo,
 As criancinhas sorrindo
 Na alegria das manhãs;

A mocidade se amando
 Entre arroubos de ternura,
 No abril das almas irmãs. —

Belezas de canto agreste
 Nas urzes da Terra escura,
 Tão cheia de desventura,
 Entretanto, imaginaí
 A natureza celeste
 Matizada de alegrias,
 Nas eternas harmonias
 Do amor divino do Pai.

Oh! Terra, quanto eu quisera
 Unir-te tôda à poesia —
 À mesma santa harmonia
 Que te prende à luz dos céus, —
 Nessa mesma primavera
 Dos rutilantes espaços,
 Em que me sinto nos braços
 Do amor sagrado de Deus.

AVES E ANJOS

JÚLIO DINIZ.

Passarinhos... passarinhos...
 Aconchegados nos ninhos,
 Lares de amor doce e brando.
 Pequeninos trovadores
 Entre as árvores e as flores
 Cantando...
 Cantando...

Crianças, anjos suaves,
 Mimosos quais bandos de aves
 Cortando um céu claro e lindo,
 Açucenas perfumadas,
 Com as pétalas orvalhadas
 Sorrindo...
 Sorrindo...

Hino terno de esperanças
 Das aves e das crianças,
 Vai-se com a luz misturando,
 Tecendo as horas serenas
 Das alegrias terrenas
 Sorrindo...
 Sorrindo...

POBRES



JUVENAL GALENO.

Nascido em Fortaleza e desencarnado na mesma cidade, em 1931, com 94 anos de idade. É um vulto literário inconfundível no cenáculo do seu tempo, impondo-se justamente pela naturalidade e espontaneidade do seu estro.

Mal clareia o sol a serra,
 Toca a vida a despertar:
 O pobre se pôs há muito,
 Sem descanso a labutar.
 Ao levantar-se da cama,
 Inda é espessa a escuridão,
 A fome lhe bate à porta,
 Persegue-lhe a precisão.
 Ao acordar-se, êle escuta
 O coração a gritar:

"Quem não *trabuca* não come,
 Já chega de repousar!"
 Busca, então, o seu trabalho,
 Tudo ajeita, tudo faz,
 Rasga a terra, corta os matos,
 Luta e sua, não tem paz.
 Planta o milho, planta a cana,
 Batatas, couves, feijão;
 Três quartas partes de tudo
 Pertencem ao seu patrão.
 Quando a semente germina
 E os ramos querem crescer,
 Vem a sêca sem piedade
 E o pobre espera chover.
 Não vem a chuva, porém;
 Nada existe no paiol,
 As plantas já se amarelam,
 Arde a terra, queima o sol.
 Quando o pobre vai à mesa,
 O estômago pede mais,
 Mas se quer repetições,
 Que cuide dos mandiocais.
 Redobra o pobre os serviços,
 Espalha o pé nos gerais,
 Ah! que a água já está pouca
 Nos rios, nos seringais.
 Contudo, êle espera sempre
 Do Deus que o ama, que o vê,
 E sempre resignado, —
 O pobre nunca descrê.
 O certo é que ao fim do tempo
 De constante batalhar,
 Aguarda a minguada espiga
 Que decerto há de ficar.
 Plenamente contentado
 Com o pouco do seu suor,
 Deus lhe dará no outro ano
 Uma colheita melhor.
 Se geme, se sofre dor,

Não possui um só real
 P'ra consultar um doutor.
 Então, resolve pedir
 Ao patrão que sempre o tem,
 Mas o patrão avarento
 Não adianta vintem.
 Arrasta-se e vai ao médico
 E lhe expõe o seu sofrer:
 "Não tem recomendações?
 Então não posso atender."
 O pobre, humilde e paciente,
 Regressa para o seu lar, —
 E pensa nos outros meios
 Da saúde lhe voltar.
 E põe em prática os meios,
 As beberagens, o chá,
 As promessas aos seus santos,
 Os vinhos de jatobá.
 Ai! que sorte rude e amarga
 Do pobre sempre a sofrer:
 Se vive para o trabalho,
 Trabalha para comer.
 Se a morte vem ao seu ninho
 E lhe rouba o filho, os pais,
 Não lhe podem dar a missa —
 Que o padre cobra de mais.
 Dão-lhes porém seu tesouro, —
 Sublime estrêla que brilha
 Da mais rica devoção —
 A prece que nasce d'alma, —
 Que fulge no coração.
 Mesmo assim, quanta tortura,
 Que amargosa a sua dor!
 A todo o instante da vida
 Luta o pobre sofredor.
 Se tem pão não tem saúde,
 Se tem saúde, não tem
 Quem o ampare, quem o ajude,
 O braço amigo de alguém.

Se outrem lhe ofende e êle pede
 Da justiça a punição,
 A justiça o encarcera
 Com a sua reprovação.
 Não tem casas de morada,
 Nem terrenos, nem ovil;
 Se lhe falta o pão do dia
 Falta azeite no candil.
 Se bate à porta do rico,
 Mórmente dum rico mau,
 Os cães o tocam da porta,
 E em vez de pão, ganha pau.
 O pobre só tem na vida
 A doce mão de Jesus,
 Que o cura na enfermidade,
 Que na treva lhe dá luz.
 Mal do pobre se não fôra
 O carinho dessa mão,
 Que o conforta na desgraça
 E ampara na provação.
 Mal dêle se não houvesse,
 A vida depois da dor,
 Após a morte, onde existem
 Justiça, ventura, amor.

SEXTILHAS

JUVENAL GALENO.

Quando a morte chega em casa,
 A casa faz alarido,
 Parece até que se arrasa
 Sob as chamas de um incêndio;
 O povo está reunido
 Quando a morte chega em casa.

Ela vem buscar alguém,
 De quem precisa por certo;
 Não se importa com ninguém
 Que chore ou que se lastime,
 Esteja distante ou perto,
 Ela vem buscar alguém.

A morte não quer saber
 Se é preto como urubú,
 Se aquêle que vai morrer
 E' branco qual uma garça,
 Se tem pratas no baú,
 A morte não quer saber.

Não lhe pergunta qual é
A sua religião,
Se Sancho, Pedro ou José
E' o seu nome de batismo,
Nem a sua profissão
Não lhe pergunta qual é.

Não quer saber se êle tem
Uma candeia com luz,
Se pratica o mal ou o bem,
Se tem mais fé com o demônio
Do que mesmo com Jesus,
Não quer saber se êle tem.

Nem procura examinar
Se tem filhos ou mulher;
Se êsse alguém vai-se casar,
Se tem pai e se tem mãe,
Nada disso a morte quer,
Nem procura examinar.

Para a morte não existe
Anéis de grau de doutor,
Nem homem alegre ou triste,
Nem mulher bonita ou feia,
Saúde, beleza e dor, —
Para a morte não existe.

Para o pobre, para o rico
Nunca tem contemplação;
Como o corvo bate o bico
Por cima de um peixe podre,
Ela vem de supetão
Para o pobre, para o rico...

O cristão ou o pecador
Ela conduz sem ruído,
Não perde tempo em clamor,

Em atenções e conversas,
Leva sem tempo perdido
O cristão ou o pecador.

O que segue vai com unção,
Rogando com fervor terno
Ao santo da devoção
Que o afaste do diabo
E dos horrores do inferno,
O que segue vai com unção.

Mas êle mesmo é quem faz
Os prantos ou gozos seus;
Na tempestade ou na paz,
Essa questão de ficar
Com Satanaz ou com Deus,
E' êle mesmo quem faz.

DE CA

JUVENAL GALENO.

Que amargo era o meu destino!...
 Tristezas no coração,
 Tateando dificilmente
 No meio da escuridão...

Viver na Terra e sómente
 Remando contra a maré,
 Com receio de ir ao fundo...
 Nem tão boa coisa é.

Esta vida de sofrer
 Trinta dias cada mês,
 Entremeados de prantos,
 Há quem estime? Talvez...

Mas para mim que só fui,
 Galeno sem nó, galé,
 Tantas dores em conjunto,
 Nem tão boa coisa é.

Sentir as disparidades
 Das vidas cheias de dor,
 O mal sufocando o mundo,
 Marchando com destemor;

Ver o rico andar de côche
 E o pobre correndo a pé,
 Tantas misérias sentir...
 Nem tão boa coisa é.

O pranto ferve na Terra,
 Salta aqui, salta acolá,
 Nas guerras de tôda a parte,
 Nas sêcas do Ceará;

Meus irmãos de Fortaleza,
 Do Crato, do Canindé,
 Ver uns rindo e outros chorando,
 Nem tão boa coisa é.

Ah! morrer e ainda sentir
 Saudades da escravidão,
 Da carne, do desconforto,
 Da treva, da ingratidão...

Não é possível porque,
 Pobre filho da ralé,
 Casar-se com a desventura
 Nem tão boa coisa é.

Mas falar de mais agora, —
 Já não é próprio de mim,
 Não vou *gastar minha cêra*
 Com tanto defunto ruim;

Patetice é ensinar
 Verdade aos homens sem fé.
 Jogar pérolas a tôlos, —
 Nem tão boa coisa é.

SEM SOMBRAS (*)



LUCINDO FILHO.

Nascido em Minas Gerais a 16 de agosto de 1847 e falecido em Vassouras a 1 de junho de 1896. Médico, jornalista, compositor musicista e tradutor renomado. Latinista de prol, conta em sua bibliografia *Poemetos, Virgilianas, Flores exóticas*, etc.

Junto ao sepulcro onde a saudade chora
E onde o sonho das lágrimas termina,
Abre-se a porta da mansão divina
Entalhada em reflexos de aurora.

Não mais a noite e vive em tudo agora,
A beleza profunda e peregrina,
Eonvolvida na luz esmeraldina
Da esperança que vibra e resplendor.

Sem as sombras das lutas desumanas,
A alma vitoriosa entoia hosanas,
Ébria de paz e de imortalidade.

Não lamenteis quem parta ao fim do dia,
Que a sepultura em cinza escura e fria,
E' a nova porta para a eternidade.

(*) Vide nota 3 no fim do volume.

SONETO



LUIZ GUIMARÃES JÚNIOR.

Poeta brasileiro, nascido em Rio de Janeiro e desencarnado em Lisboa com 54 anos de idade. Foi jornalista, comediógrafo e diplomata. Entre suas obras, *Corimbos, Noturnos, Lírica*, etc., sobresai *Sonetos e Eimas*, que ainda hoje se lê com encanto.

Na escuridão dos anos procelosos,
Da velhice nos dias mal vividos,
Eu quisera voltar aos tempos idos
Da juventude, aos tempos bonançosos.

Mal podia julgar que inda outros gozos
Mais sublimes que aquêles já fruidos,
Nas esteiras de prantos esquecidos,
Acharia nos céus maravilhosos.

Pairar no Além!... volver ao lar primeiro,
Ressurgido em perene mocidade,
Clarão de paz ao pobre caminheiro!...

No limiar das amplidões da Altura
Penetrei, vislumbrando a Imensidade,
Soluçando empolgado de ventura.

VOLTANDO

LUIZ GUIMARÃES JÚNIOR.

Após a longa e frígida nortada, —
Da existência no mundo de invernã,
Busquei contente a paz que me sorria
No fim da áspera senda palmilhada.

Voltei. Nova era a vida, nova a estrada
Que minha alma extasiada percorria;
Divinal era a luz que resplendia, —
Em revérberos lindos de alvorada.

De volta, os mesmos sêres que me haviam —
Ofertado na Terra amores santos,
Envolto em ternuras e em carinhos,

Novamente no Além me ofereciam
Lenitivo às agruras dos meus prantos,
Nas carícias risonhas dos caminhos.

ALÉM AINDA...



LUIZ MURAT.

Fluminense, nascido a 4 de maio de 1861 e desencarnado na cidade do Rio de Janeiro. Bacharel em Direito, membro da Academia Brasileira de Letras. Poeta de grande e viva inspiração, conta em seu acervo bibliográfico *Ondas* (2 volumes), *Sarah* (poema), e vasta colaboração na Imprensa.

Caminheiro que vais ao fim do dia
Demandando o crepúsculo das dores,
Não te percas na lágrima sombria
Da tormenta de anseios e amargores!

Além da sepultura principia
O caminho dos sonhos redentores,
Na alvorada perene da harmonia,
Aureolada de eternos resplendores.

Desolado viajor, ergue teus olhos!
 Não te prendas sómente ao chão tristonho,
 Guarda a esperança carinhosa e linda!...

Vence a longa jornada dos abrolhos,
 Que o país luminoso do teu sonho
 Fica ao alto... distante... além ainda...

NUNCA TE ISOLES

MARTA.

Este Espírito não pôde ou não quis identificar-se. Aqui incluímos, porém, de justiça, atento à magnitude do seu estro.

Nunca te isoles entre os mananciais da vida.
 A vida é o eterno bem que nos foi dado,
 Para que o multiplicássemos indefinidamente...
 E a alma que se abandona
 Ao sofrimento ou ao bem-estar,
 E' um deserto sem oásis,
 Onde outras almas sentem fome e sêde.

Multiplicar a vida
 E' amar sem restrições
 A flor, a ave, os corações,
 Tudo o que nos rodeia.
 Atenuar a dor alheia,
 Sorrir aos infelizes,
 Bendizer o caminho que nos leva
 Da treva para luz;
 Agradecer a Deus que é Pai bondoso
 O firmamento, o luar, as alvoradas,
 Ler a sua epopéia feita de astros,
 Ter a bondade ingênua das crianças,

Tecer o fio eterno da esperança
 Por onde se sobe ao céu;
 Dar sorrisos, dar luzes, dar carícias,
 Dar tudo quanto temos,
 Tudo isto é amar multiplicando a vida, —
 Que se estende infinita no Infinito.

Dar a lição de paciência se sofremos,
 Dar um pouco de gozo se gozamos,
 E' guardarmos a semente
 Da Vida
 Em leivas verdejantes, —
 E a qual há de nos dar
 Sombras amigas para descansarmos,
 Indumentos de flores perfumosas —
 E frutos aos milhares, —
 Para nutrir as nossas alegrias
 Nos jardins estelares...

UNIDADE

MARTA.

Todos nós somos irmãos, —
 Porque os nossos espíritos
 São unos na essência...

Todos nós somos fragmentos
 Da mesma luz gloriosa e eterna
 Da sabedoria inescrutável
 Do Criador,
 Cujas mãos magnânimas e misericordiosas
 Espalharam com abundância
 Nas vastidões imensuráveis do éter,
 Infinitas e esplendorosas,
 Terras e almas,
 As quais no divino equilíbrio do Amor, —
 Buscam a perfeição indefinida.

Todos nós somos irmãos,
 Porque nutrimos indistintamente
 A mesma aspiração do Belo e do Perfeito,
 O mesmo sonho,
 A mesma dor na luta
 A prol da redenção.

Espiritualmente,
Somos filhos de um só Pai,
Somos as frondes que se interpenetram
De uma só árvore genealógica,
Cuja raiz insondável
Está no coração augusto de Deus,
O qual, por uma disposição inexplicável
Encerra em si
Todos os mundos,
Tôdas as almas,
Todos os sêres da Criação!

Fazei, pois, da Terra
O caminho comum da vossa salvação,
Porquanto, mais além
Das fronteiras planetárias,
Vivereis dentro de sagrados coletivismos,
Sem egoísmos,
Na suprema unidade
De aspiração para a felicidade.

NO TEMPLO DA MORTE

MARTA.

O templo da morte tem portas incontáveis,
Como incontáveis são as almas humanas, —
E infinitos seus estados de consciência.

Pela porta escura do remorso,
Um dia penetrou os seus umbrais
Uma alma que regressava da terra.
Lá dentro,
Em nome do Senhor de todos os latifúndios do Universo,
Pontificava o Anjo da Justiça.

“Anjo Bom!” — disse-lhe a alma súplice —
Eu tenho a minha alma coberta de feridas cancerosas!
Cura-me as chagas purulentas do remorso...
Tenho os meus olhos vendados
E uma treva incomensurável na consciência!
Aliviai-me êsses atrozesses padeceres!...

“Filha — respondeu-me compassiva: —
Para sanar tão estranhas feridas,
Tão amargos pesares,
Só há um recurso;
Volta à Terra!

Lá existe o Regato das Lágrimas,
 Banha-te nas suas águas cristalinas;
 Elas serão o teu bálsamo consolador
 E curarão a tua cegueira...
 Estás na escuridão absoluta
 Pela ausência da luz, do bem na tua alma!
 Mas o Anjo da Dor irá contigo;
 Ele há de te guiar através das sirtes do mar encapelado
 [dos sofrimentos,
 E te conduzirá ao lugar bendito onde existem as lágrimas
 [salvadoras!...

E a pobre regressou —
 Conduzida pela Dor,
 Banhou-se n'água lustral dos tormentos, —
 Submergiu-se no regato encantado, de cuja fonte limpi-
 [da promana a Salvação.

E depois de haver percorrido
 Tão tortuosos caminhos,
 Inçados de perigos
 E de dores amargas,
 Reconheceu o luminosos Anjo da Dor...
 E nos seus braços magnânimos e compassivos,
 Penetrou no templo misterioso da morte
 Pela porta maravilhosa da Redenção.

JESUS

MARTA.

Jesus foi na Terra
 A mais perfeita encarnação do Amor Divino.
 E ainda hoje,
 Nos dias amargurados que transcorrem,
 E' para a humanidade
 A promessa da Paz,
 O manto protetor
 Que abriga os aflitos e os infelizes,
 O pão que sacia os esfomeados das verdades eternas,
 A fonte que desaltera todos os sofredores.

Apegai-vos a Ele, cheios de confiança!

Ele é a misericórdia personificada,
 O Jardineiro Bendito
 Que jorra no coração
 Dos transviados do caminho do Bem,
 As sementes do arrependimento
 Que hão de florir na Regeneração
 E frutificar na perfeita felicidade espiritual.

Ouví a sua voz
 No silêncio da consciência que vos fala
 Do cumprimento austero
 De todos os deveres cristãos,

E um dia —
 Descansareis reunidos,
 Ligados pelos liames inquebrantáveis
 Da fraternidade além da morte,
 À sombra da árvore luminosa
 Das boas ações que praticastes,
 Longe das lágrimas
 Do orbe obscuro,
 Dos prantos e das provações remissoras!...

LEMBRA-TE DO CÉU

MARTA.

E's uma estrêla caída
 Sôbre os paus da Terra...
 Acima de tôdas as coisas transitórias,
 Que se desfazem como as neblinas aos beijos leves do sol,
 E's alma em ascensão para Deus.

A tua inteligência,
 São fulcros de luz imperecível,
 Que constituem os atributos maravilhosos da tua imor-
 [talidade.
 Por que te abates e desanimas sob os agulhões da carne
 [perecível?

Contempla o Alto,
 Se o polvo da fraqueza te envolver em seus tentáculos,

Sentirás uma carícia branda, —
 Misteriosa, doce, suave,
 Que promana
 Do empíreo constelado
 Para tôdas as almas que oram,
 Que sonham e choram
 Buscando Deus,
 — A bússola das suas mais caras esperanças!

Quando sofreres,
 Busca aspirar êsse aroma divino
 E tua alma sofredora
 Sentir-se-á envôlta na beleza,
 No eflúvio peregrino
 Que mana fartamente
 Dos espaços imensos!...
 Na amargura e na dor,
 Lembra êsse dia que te espera
 Na indefinível primavera
 Gloriosa de amor.

AO PE' DO ALTAR

MARTA.

Eu vivia no Claustro,
Na sombra silenciosa dos mosteiros.

Mas um dia,
Quando as penitências mortificavam
O meu corpo alquebrado e dolorido
E a oração
Era o conforto do meu coração,
Disse-me alguém:

"Minha filha,
Juraste fidelidade só a Deus,
Mas se entrevês os céus
E as suas maravilhas,
Se tens a Fé mais pura,
A Esperança mais linda,
Não te esqueças que a Caridade,
O anjo que nos abre as portas da Ventura,
Não permanece
No recanto das sombras, do repouso;
Se ama a prece e a pureza,
Não faz longas e inúteis orações:
Ela é a serva de Deus

E as suas preces fervorosas
São feitas com as suas mãos carinhosas,
Que pensam no coração da humanidade
Tôdas as chagas abertas
Pelo egoísmo...
Está sempre em meio às tentações
Para vencê-las,
Esmagá-las com o Bem,
Destruí-las com Amor.
A solidão da cela é um crime;
Não te retires, pois, do mundo.
Darás a Deus, sem reserva, a tua alma
Amando o próximo,
Que contigo é teu filho dileto. —
Será um hino constante subindo aos céus; —
A irmã consoladora,
A companheira terna
De todos aquêles que te rodeiam
Na estrada longa dos destinos comuns;
Sê a abnegação e a bondade serena,
E a tua Fé
Será um hino constante subindo aos céus;
A tua esperança em Deus
Será dilatada,
Para que vislumbres as felicidades celestes
Que esperam os justos na Mansão da Alegria...

Meu corpo não resistiu
Aos cilícios que o martirizavam
E minha alma tomada de emoção
Abandonou-o, brandamente,
Atraída pela Verdade,
Desprezando o repouso e a soledade,
Sonhando com a luz do trabalho
Em outras vidas benfazejas;
Porque a verdadeira paz de espirito
E' conquistada
No seio das lutas mais acerbadas —

Dos mais rudes pesares,
 E só a dor que nos crucia
 Ou a dor que consolamos,
 — Sómente a Dor em sua essência pura,
 Nos desvia da amarga desventura,
 Purificando os nossos corações
 Na conquista das altas perfeições.

MÃE DAS MÃES

MARTA.

Maria
 E' a Mãe piedosa
 De tôdas as Mães resignadas e sofredoras.
 E' a consolação
 Que se derrama puríssima
 Sôbre os prantos maternos, —
 Vertidos na corola imensa das dores.

E' o manto resplandecente
 Que agasalha os corações das Mães piedosas,
 Amarguradas e infelizes,
 Que orvalham com lágrimas benditas
 As flores do seu amor desvelado,
 Espesinhadas pelo sofrimento,
 Fustigadas pelo furacão da desgraça, atropeladas pelo
 Perseguidas pelo infortúnio [mal,
 No sombrio orbe das lágrimas e das provações.
 Tôdas as preces maternas

Ascendem aos Espaços
 Como um doloroso brado de angústia à Maria;
 E a rosa sublime de Nazaré
 Escuta-as piedosamente,
 Estendendo os seus braços tutelares
 As Mães carinhosas e desprotegidas;
 E bastam os eflúvios do seu amor sacrossanto
 Para que as consolações se derramem
 Cicatrizando as feridas,
 Balsamizando os pesares,
 Lenindo os padeceres
 Das Mães desoladas, que encontram nela
 O símbolo maravilhoso de tôdas as virtudes!...

Ao seu olhar compassivo,
 Pulverizam-se os rochedos do mal
 No oceano da vida de destêrro e de exílio,
 Para que o Brigue da Esperança
 Com as suas velas alvas e pandas,
 Veleje tranqüilamente,
 Buscando o porto esperado com ânsia, —
 Da salvação das almas que sofreram
 Nos torvelinhos do mundo,
 Como náufragos de uma tormenta gigantesca,
 Que não se perderam no abismo das águas tenebrosas
 Do mar da iniquidade,
 Porque se apegaram
 A âncora da Fé.

Maria é o anjo, pois,
 Que nos ampara e guia em nossa cruz;
 Levando-nos ao céu, cheia de piedade e comiserança
 Pelas nossas fraquezas.
 Ela é a personificação do amor divino
 No vale das sombras e das amarguras,
 E sendo o arrimo de tôdas as criaturas,
 E', sobretudo,
 A Virgem da Pureza
 —Mãe das Mães.

JESUS OU BARRABÁS



OLAVO BILAC.

Natural do Rio de Janeiro onde nasceu em dezembro de 1865.

Considerado, ao seu tempo, o Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Sôbre a fronte da turba há um sussuro abafado.
A multidão inteira, ansiosa se congrega,
Surda à lição do amor, implacável e cega,
Para a consumação dos festins do pecado.

“Crucificai-o!” — exclama... Um lamento lhe chega,
Da terra que soluça e do céu desprezado.
“Jesus ou Barrabás?” — pergunta, inquire o brado
Da justiça sem Deus, que trêmula se entrega.

“Jesus! Jesus!... Jesus!... — e a resposta perpassa
Como um sôpro cruel do Aquilão da desgraça,
Sem que o anjo da paz amaldiçoe ou gema...

E debaixo do apodo é ensangüentada a face,
Toma da cruz da dor para que a dor ficasse,
Como a glória da vida e a vitória suprema.

SONETO

OLAVO BILAC.

Por tanto tempo andei faminto e errante,
Que os prazeres da vida converti-os,
Em poemas das formas, em sombrios
Pesadelos da carne palpitante.

No derradeiro sono, instante a instante,
Vi fanarem-se anseios como fios
De ilusão transformada em sôpros frios,
Sôbre o meu peito em febre, vacilante.

Morte, no teu portal a alma tateia,
Espia, inquire, sonda e chora, cheia
De incerteza na esfinge que tu plasmas!...

Impassível, descerras aos aflitos
Uma visão de mundos infinitos
E uma ronda infinita de fantasmas.

NO HORTO

OLAVO BILAC.

Tristemente, Jesus fitando os céus, em prece,
Vê descer da amplidão o Arcanjo da Agonia,
Cuja mão luminosa e terna lhe trazia
O cálix do amargor, duríssimo e refece.

— “Se puderdes, meu Pai, afastai-o!...” — dizia, —
Mas eis que todo o Azul — celigeno estremece; —
E do céu se desprende uma doirada messe
De bênçãos aurorais, de Paz e de Alegria.

Paira em todo o recanto a vibração sonora
Do Amor e o Mestre já na sêde que o devora,
De imolar-se por fim nas aras dêsse Amor,

Sente a Mão Paternal que o guia na amargura,
E sublime na fé, mais vivida, murmura:
— “Que se cumpra no mundo o arbítrio do Senhor!...”

O BEIJO DE JUDAS

OLAVO BILAC.

Ouve-se a voz do Mestre unvida de ternura: —
— “Amados, eu vos dou meus últimos ensinoss; —
Na doce mansidão dos seres pequeninos,
Trazei a vossa vida imaculada e pura!

O Amor há de vos dar todos os dons divinos;
Eterna irradiação que atinge a mais escura
Estrada de aflição, de dor e desventura,
— Raio de eterno sol na senda dos destinos.

Derramai com piedade a lágrima terrestre!”
Mas eis que Judas chega e lhe diz: — “Salve Mestre!”
E tomando-lhe as mãos, assim lhe oscula a fronte...

E Jesus abençoando aquelas almas cegas,
Responde humildemente: — “E’ assim que tu me en-
[tregas?”
Vendo as coórtes do céu nas fimbrias do horizonte...

A CRUCIFICAÇÃO

OLAVO BILAC.

Fita o Mestre da cruz, a multidão fremente, —
 A negra multidão de seres que ainda ama.
 Sôbre tudo se estende o raio dessa chama,
 Que lhe mana da luz do olhar clarividente.

Gritos e altercações! Jesus, amargamente,
 Contempla a vastidão celeste que o reclama; —
 Sob os gládios da dôr aspérrima, derrama
 As lágrimas de fel do pranto mais ardente.

Soluça no silêncio. Almã doce e submissa,
 E em vez de suplicar a Deus para a injustiça,
 O fogo destruidor em tormentos que arrazem,

Lança os marcos da luz na noite primitiva, —
 E alça aos céus a voz tristonha e compassiva:
 “— Perdoai-lhes, meu Pai, não sabem o que fazem!...”

AOS DESCRENTES

OLAVO BILAC.

Vós que estais dentro da turba desvairada,
 Nas hostes dos descrentes e dos loucos,
 Que de olhos cegos e de ouvidos moucos
 Estão longe da senda iluminada,

Voltaí atrás dos vossos mundos ocios,
 Recomeçai a vida noutra estrada,
 Sem a idéia amaríssima do Nada, —
 Que amarga, que envenena e mata aos poucos.

Oh! ateus como eu fui — na sombra imensa,
 Erguei de novo o eterno altar da crença,
 Longe dos tristes dogmas mesquinhos!

Banhai-vos na divina claridade
 Que promana das luzes da Verdade,
 Resplendendo em auroras nos caminhos!

IDEAL

OLAVO BILAC.

Na terra um sonho eterno de beleza
 Palpita em todo o espírito que ansioso,
 Espera a luz esplêndida do gozo
 Das sínteses de amor da natureza;

E' ansiedade perpétuamente acesa
 No turbilhão medonho e tenebroso
 Da carne, onde a esperança sem repouso
 Luta, sofre e soluça, e sonha prêsa.

Aspirações do mundo miserando,
 Guardadas com ternura, com desvelos,
 Entre os peitos exânicos e aflitos!...

Mas que o homem realiza apenas, quando,
 Rôtas as carnes, brancos os cabelos,
 Busca o beijo de luz dos infinitos!

RESSURREIÇÃO

OLAVO BILAC.

Extinga-se o calor do foco aurifulgente
 Do sol que vivifica o mundo e a natureza;
 Apague-se o fulgor de tudo o que alma prêsa
 As grilhetas do corpo, adora, anela e sente;

O que o homem pensou num sonho de demente,
 Tombe no caos do nada em túrgida surprêsa,
 Os mistérios da fé, fulcro de luz potente,
 O templo, o lar, a lei, os tronos e a realeza;

Estertore e soluçe exausto e moribundo,
 Dêbilmente pulsando, o coração do mundo,
 Morto à mîngua de luz, ambicionando a glória;

O espírito imortal, depois das derrocadas,
 Numa ressurreição de eternas alvoradas,
 Subirá para Deus num canto de vitória.

MEU BRASIL



PEDRO DE ALCÂNTARA.

O último imperador deixou alguns sonetos, que, bem o sabemos, há quem diga não serem da sua lavra. Ignoramos por que D. Pedro II, alma boníssima, vibrátil, e espírito culto, não pudesse fazer o que fizeram e fazem tantos outros patricios nossos, a ponto de ser torrentio o conceito de que todo o brasileiro é poeta aos 20 anos. De qualquer forma, entretanto, o que se não poderá negar, é a estreita afinidade destes sonetos com os que, de D. Pedro, conhecemos.

Longe do meu Brasil, triste e saudoso,
Bastas vêzes sentia, mal desperto,
Com o coração pulsando, estar já perto
Do pátrio lar risonho e bonançoso. —

E deplorava o rumo escuro e incerto,
Do meu destêrro amargo e desditoso,
Desalentado e fraco, sem repouso,
O coração em úlceras aberto.

Enviava, a chorar, na aura fagueira,
Minhas recordações em terna prece
Ao torrão que adorara a vida inteira;

Até que a acerba dor, enfim, pudesse
Arrebatá-me à vida verdadeira,
Onde a luz da verdade resplandece.

NO EXÍLIO

PEDRO DE ALCÂNTARA.

Pode o céu do destêrro ser tão belo,
Quanto o céu do país em que nascemos; —
Nada faz com que o nosso desprezemos, —
Acalentando o sonho de revê-lo.

Todo o nosso ideal pomos no anelo
De regressar, e voando sôbre extremos, —
Com o pensamento ansioso percorremos
Nosso amado rincão, lindo ou singelo.

E' o destêrro a terra da amargura,
De acerba pena ao pobre penitente,
De amargo pranto da alma torturada;

A alegria no exílio é desventura,
E' a saudade na ânsia mais pungente
De retornar à pátria idolatrada.

ROGATIVA

PEDRO DE ALCÂNTARA.

Magnânimo Senhor que os orbes cria,
 Povoando o universo ilimitado,
 Que dá pão ao faminto, ao desgraçado,
 E ao sofredor os raios da alegria,

Se, de novo, no mundo, desterrado,
 Necessitar viver inda algum dia,
 Que regresse ditoso ao solo amado —
 Da generosa pátria que eu queria;

Se é mister retornar a um novo exílio,
 Seja o Brasil, lá onde eu desejara
 Ter vertido o meu pranto derradeiro...

Que, novamente viva sob o brilho, —
 Da mesma luz gloriosa que eu amara, —
 Na alcandorada terra do Cruzeiro.

SONETO

PEDRO DE ALCÂNTARA.

No exílio é que a alma vive da lembrança
 Numa doce saudade enternecida,
 Tendo chorosa a vista que se cansa
 De procurar a pátria estremecida;

Com dolorosas lágrimas avança
 Do sonho que teceu e amou na vida,
 Para a morte, onde tem sua esperança,
 Na celeste ventura prometida.

E Deus, que os orbes cria, generoso,
 Na vastidão dos céus iluminados,
 Concede a paz ao triste e ao desditoso

Na clara luz dos mundos elevados,
 Onde, do amor, reserva o eterno gôzo
 Para as almas do pobres desterrados.

PAGINA DE GRATIDÃO

PEDRO DE ALCÂNTARA.

Tangendo as cordas da harpa da saudade,
Venho ao Brasil buscar a essência pura
Do amor da pátria minha, da doçura
Da flor cheia do aroma da amizade.

Prende-me o coração a suavidade
Dêsse arroubo de afeto e de ternura
Dalma do povo meu, que, de ventura
E de alegria o espírito me invade.

Do misterioso aquêm da morte, eu vejo,
Sentindo, essa onda intensa e luminosa
Da afeição, que idealiza o meu desejo; —

E tendo a gratidão por companhia,
Volvo ao pátrio torrão de alma saudosa,
Amando mais a Terra Brasileira.

ORAÇÃO AO CRUZEIRO

(No cincoentário da Abolição)

PEDRO DE ALCÂNTARA.

Luminosas estrêlas do Cruzeiro,
Iluminai a terra da Esperança,
Na doce proteção de um povo inteiro,
Onde a mão de Jesus desce e descansa.

Símbolo sacrossanto de aliança, —
De paz e amor do Eterno Pegureiro,
Guardai as claridades da Bonança
Na vastidão do solo brasileiro.

Constelação da Cruz, cheia de graças,
Transfundí numa só tôdas as raças, — 2.
No país da esperança e da verdade.

Que o Brasil sob a luz da tua glória,
Possa escrever, no mundo, a grande história
Das epopéias da Fraternidade.

BANDEIRA DO BRASIL

PEDRO DE ALCÂNTARA.

Bandeira do Brasil, símbolo da bonança,
 Enquanto a guerra estruje indômita e sombria,
 Sê nos planos de luta o sinal de harmonia,
 Espalhando no mundo as bênçãos da Esperança.

Assinalas, na Terra, o país da Alegria,
 Onde tôda a existência é um hino de abastança,
 Guardas contigo a luz da bem-aventurança,
 E's o florão da paz, marcando um novo dia.

Nascestes sôb a luz de um bem, alto e fecundo,
 Nunca té conspurcaste aos embates do mundo,
 Buscando iluminar as lutas, ao vivê-las...

E' por isso que Deus, que te ampara e equilibra,
 Deu-te um corpo auri-verde onde a paz canta e vibra,
 E um coração azul, esmaltado de estrélas.

BRASIL DO BEM

PEDRO DE ALCÂNTARA.

Eis que o campo de sombra se esfacela
 No doloroso e amargo cativoiro
 Da guerra que ameaça o mundo inteiro,
 Qual furacão no auge da procela.

Mas na amplidão do solo brasileiro
 Outra expressão de vida se revela
 Nalma cariciosa, heróica e bela,
 Que se engrandece ao brilho do Cruzeiro.

Grande Brasil do Bem e da Abastança,
 Deus te guarde os tesouros da esperança,
 Desde as luzes dos céus à luz dos ninhos!

Segue à frente do mundo aflito e errante
 E alça o pendão pacífico e triunfante,
 Como a doce promessa nos caminhos!...

BRASIL

PEDRO DE ALCÂNTARA.

Sopra o vento do Ódio e da Vingança,
Aniquilando a Paz do mundo inteiro,
Embora o Amor Divino do Cordeiro
Seja a fonte da Bem-aventurança.

Mas a terra ditosa da Esperança
Vive nas claridades do Cruzeiro,
Onde o Evangelho é o Doce Mensageiro
Das bênçãos da Verdade e da Bonança.

Meu Brasil, guarda a luz dessa vitória,
Que é o mais belo florão de tua glória
Nos caminhos da espiritualidade.

Ama a Deus. Faze o bem. Todo o problema,
Está na compreensão clara e serena
Da Fé, da Paz, da Luz e da Verdade.

SONETO



RAIMUNDO CORRÊA.

Nascido a 13 de maio de 1860,
na Baía de Mangunsa, litoral do
Maranhão, e desencarnado em Pa-
ris a 13 de setembro de 1911. Magistrado, pode sem favor
considerar-se um dos maiores poetas da sua geração.

Tudo passa no mundo. O homem passa
Atrás dos anos sem compreendê-los;
O tempo e a dor alvejam-lhe os cabelos,
À frouxa luz de uma ventura escassa.

Sob o infortúnio, sob os atropelos
Da dor que rouba a ilusão, a graça,
Rasga-se a fantasia que o enlaça,
E vê morrer seus ideais mais belos!...

Longe, porém, das ilusões desfeitas,
Mostra-lhe a morte vidas mais perfeitas,
Num indefinível sonho de mãos frias...

Como o pequeno anjinho que renasce,
Chora ou sorri, e é como se encontrasse
A luz primeira dos primeiros dias.

SONETO

RAIMUNDO CORRÊA

Ah!... se a Terra tivesse o amor, se cada
Homem pensasse no tormento alheio,
Se tudo fôsse amor, se cada seio
De mãe nutrisse os órfãos... Se na estrada —

Do contraste e da dor houvesse o anseio
Do bem, que ampara a vida torturada,
Que jamais viu um raio de alvorada
Dentro da noite eterna que lhe veio

Do sofrimento que ninguém conhece...
Ah! se os homens se amassem nessa estância,
A dor então desapareceria...

A existência seria a ardente prece
Erguida a Deus do seio da abundância,
Entre os hinos da paz e da alegria.

LUTA

RAUL DE LEONI.



Fluminense, nascido em Petrópolis em 1895 e desencarnado em Itaipava em 1926, com, apenas 31 anos de idade. Bacharel em Direito, foi deputado estadual e posteriormente Secretário de Legação. Entre os talentos da chamada nova geração, a sua afirmativa nos domínios da Arte Poética pode considerar-se das mais fulgurantes. Além de *Ode a um poeta morto*, dedicada a O. Bilac, de quem foi amigo dileto, deixou *Luz Mediterrânea*, considerado como seu livro de ouro.

Aí na Terra, as bem-aventuranças —
São o sonho que o espírito agasalha,
Mas, mesmo após a morte, a alma trabalha
Buscando o céu das suas esperanças.

Muita vez, quando pensas que descansas,
Além te espera indômita batalha,

Onde o suposto gôzo se estraçalha
Sob o guante acerado das provanças.

Para cá do sepulcro a dor antiga,
Que nos traz o desânimo, a fadiga,
Sob a luz da verdade se atenua;

A febre das paixões desaparece,
O espírito a si mesmo reconhece,
Mas a luta infinita continua.

NA TERRA

RAUL DE LEONI.

Renascendo no mundo da Quimera,
Ao colhermos a flor da juventude,
E' quando o nosso espírito se ilude,
Julgando-se na eterna primavera.

Mas o tempo na sua mansuetude,
Pelas sendas da vida nos espera,
Junto a dor que esclarece e regenera,
Dentro da expiação estranha e rude.

E ao tombarmos no ocaso da existência,—
Nós revemos do livro da consciência,—
Os caracteres grandes, luminosos!...

Se vivemos no mal, quanta agonia!
Mas se o bem praticamos todo o dia,
Como somos felizes, venturosos!...

SONETO

RAUL DE LEONI.

Não te entregues na Terra à indiferença.
Cheio de amor e fé, trabalha e espera;
Nos domínios do mal, nada há que vença
A alma boa, a alma pura, a alma sincera.

No pensamento nobre persevera,
De servir, sempre alheio à recompensa; —
O desejo do Bem dilata a esfera
Das luzes sacratíssimas da Crença.

Vive nas rutilantes almenaras
Dos castelos do Amor de essências raras,
Aspirando os olores da Pureza!...

Terás na Terra, então, a vida calma...
E a morte não será para a tua alma,
Jamais, medonha e trágica surpresa.

NÓS...

RAUL DE LEONI.

Nós todos vamos pela vida em fora
Deixando no caminho os mesmos traços,
Em Deus buscando a Perfeição que mora
No cume inatingível dos Espaços!...

Cada instante de dor nos aprimora,
Desatando os grilhões, rompendo os laços
Dessa animalidade atrasadora,
Que procura tolher os nossos passos.

Heróis de novas lendas carlovingias,
O Sonho imanta as nossas almas, cinge-as, —
Na Luz Ideal — o nosso excelso escudo;

Buscando o Indefinível, o Insondado —
Deus, que é o Amor eterno e ilimitado, —
E a gloriosa síntese de tudo.

POST MORTEM

RAUL DE LEONI.

Depois da morte, tudo aqui subsiste,
Neste Além que sonhamos, que entrevemos,
Quando a nossa alma chora nos extremos
Dessa dor que no mundo nos assiste.

Doce consolação, porém, existe
Aos amargosos prantos que vertemos,
Do conforto celeste os bens supremos
Ao coração desalentado e triste.

Também existe aqui a austera pena
A consciência infeliz que se condena, —
Por um erro ou uma falta cometida;

E a Morte continua eliminando
A influência do mal, torvo e nefando,
Para que brilhe a Perfeição da Vida.

SONETO

RAUL DE LEONI.

Se todos nós soubéssemos na vida
A Verdade grandiosa e soberana,
Não faltaria o gozo que promana
Dos sentimentos da missão cumprida.

Mas na Terra a nossa alma empobrecida,
Prêsa dessa vaidade tôda humana,
De desgraças e de erros se engalana
Numa incerteza amarga, irreprimida...

Vamos pasando assim a vida inteira,
Sem esposar a crença imorredoura,
A fé demolidora de montanhas,

Quase imersos na treva da cegueira,
Sem vislumbrar a luz orientadora,
Nessa noite de dúvidas estranhas!...

VI-TE, SENHOR!...

RODRIGUES DE ABREU.

Poeta natural de S. Paulo, nascido na cidade de Capivari e desencarnado, muito moço, em Campos do Jordão, aos 24 de novembro de 1927.

Publicou *Casa Destelhada*, de onde recolhemos êstes dados, e *Sala dos Passos Perdidos*, além de inúmeros trabalhos esparsos na imprensa periódica do seu Estado.

Eu não pude ver-Te, meu Senhor, —
Nos bem-aventurados do mundo,
Como aquêle homem humilde e crente do conto de Tolstoi.

Nunca pude enxergar
As Tuas mãos suaves e misericordiosas,
Onde gemiam as dores e as misérias da Terra;
E a verdade, Senhor,
E' que Te achavas, como ainda Te encontras, —
Nos caminhos mais rudes e espinhosos,
Consolando os aflitos e os desesperados...
Estás no templo de tôdas as religiões,
Onde busquem Teus carinhos
As almas sofredoras,
Confundindo os que lançam o veneno do ódio em Teu
[nome,

Trazendo a visão doce do Céu
Para o olhar angustioso de tôdas as esperanças...

Estás na direção dos homens,
 Em todos os caminhos de suas atividades terrestres,
 Sem que eles se apercebam
 De Tua palavra silenciosa e renovadora,
 De Tua assistência invisível e poderosa,
 Cheia de piedade para com as suas fraquezas.

Entretanto,
 Eu era também cego no meio dos vermes vibráteis que
 [são os homens,
 E não Te encontrava pelos caminhos ásperos...

Mocidade, alegria, sonho e amor,
 Inquietação ambiciosa de vencer,
 E minha vida rolava no declive de tôdas as ânsias...

Chamaste-me, porém,
 Com a mansidão de Tua misericórdia infinita.
 Não disseste o meu nome para não me ofender;
 Chamaste-me sem exclamações lamentosas,
 Com o verbo silencioso do Teu amor,
 E antes que a morte coroasse a Tua magnanimidade para
 [comigo,

Vi que chegavas devagarinho,
 Iluminando o santuário do meu pensamento
 Com a Tua luz de todos os séculos!

Falaste-me com a Tua linguagem do Sermão da Mon-
 [tanha,

Multiplicaste o pão das minhas alegrias
 E abriste-me o Céu, que a Terra fechara dentro de mi-
 [nh'alma...

E entendi-Te, Senhor,
 Nas Tuas maravilhas de beleza,
 Quando Te vi na paz da natureza,
 Curando-me com a Dor.

NO CASTELO ENCANTADO

RODRIGUES DE ABREU.

Eu ainda não era um homem,
 Quando subi aos elevados promontórios da esperança,
 Divisando os países da beleza.
 Meu coração pulou com um ritmo descompassado
 E desejei a luz das cidades distantes,
 O perfume das florestas prodigiosas
 Onde cantavam as aves da mocidade e da glória.

Tudo sonhei contemplando o horizonte!...

Na embriaguez da ansiedade e do desejo,
 Não vi o cântaro de mel
 Que minha mãe deixara com o seu beijo
 Na prateleira humilde de minh'alma.
 Gôtas de mel, palavras de oração —
 "Pai Nosso que estais no Céu..."
 "Ave Maria, cheia de graças..."
 Gôtas do mel de amor, do coração.

Tudo esqueci, por infelicidade,
 E andei como um fauno louco pelos mares remotos e
 [pelas ilhas desconhecidas...
 Eu era dono do mundo inteiro

Porque era senhor dos sonhos absolutos,
Adormecendo à sombra enganadora
Da árvore da ilusão, onde quase todos os frutos apo-
[drechem.

E, quando quebrava os últimos altares,
Na inquietação da carne e do desejo,
Chegou ao país de minh'alma um romeiro triste dos céus,
Falando como Jeremias sôbre a Jerusalém de minhas
[ânsias:

"A sombra da ilusão envenena-te a vida...

"Eu corrijo as paisagens interiores,

"Trago-te o pão dos grandes amargores,

"Sou a Dor, ficarei sempre contigo.

"Guarda as minhas verdades, meu amigo,

"Manda o Senhor, que eu seja a companheira —

"De tua vida inteira... —

"Irás comigo a mundos ignorados,

"Dar-te-ei maravilhas

"Ao sol dos meus castelos encantados..."

Eu não sei explicar o mistério
Daquela personagem enigmática
Que se intrometia, afoitamente,
Na minha estrada de alegria.

Seu olhar parecia

A claridade estranha de tôda a resignação e de todo o
[padecimento.

E, desde êsse momento,
Casou-se comigo a Dor de tal maneira,
Que a senti, junto a mim, a vida inteira:

Roubou-me tôdas as glórias da Terra,
Fez fugir-se-me a noiva idolatrada,
Deixou-me só na lóbrega jornada,

Afastou-me a alegria da saúde,
Apodreceu meu coração em sua mão,
Deu-me as sombras dos Campos do Jordão, —
Fez de meu sonho a casa destelhada,
Onde as chuvas de tôdas as misérias
Caíram sem cessar desde êsse dia,
Crestou-me a flor ditosa da alegria,
Tudo levou-me a dor incontentada...
Mas oh! suave milagre de ventura,
Ela deu-me os palácios encantados
Onde brilham as luzes d'Aquêle que se sacrificou na cruz
[por todos os homens!...

Pela sua porta estreita,

Encaminhou-me à sensação perfeita —

De Tua inefável presença, oh! Senhor de Bondade.

Nas grandezas de Tua claridade,

Cala-se o meu verso humilde,

Porque com a Dor

Sinto que Te compreendo, meu Senhor,

E abençoô contente

As mágoas que me deste antigamente...

Pois agora é que eu sei

Banhar-me todo nessa fonte imensa

Da paz, doce e balsâmica da crença,

Enxergando na tamareira da esperança

A cuja sombra o espírito descansa,

Pelos desertos áridos do mundo,

O único fruto eterno, bom e fecundo...

Fruto que é o Teu amor

E a Tua caridade, meu Senhor,

Sustentando a infeliz humanidade,

Desde as pedras da Terra

Aos jardins de esplendor da Eternidade!...

ATO DE CONTRIÇÃO



SOUZA CALDAS.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro e aí desencarnado em 1814. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, abraçou mais tarde a carreira eclesiástica, ordenan-

do-se em Roma. Dizem que as suas melhores composições, as que o leveram a ser prêso pelo Santo Officio, perderam-se. Acreditamos que o médium ignorava a circunstância de ser a Tradução dos Salmos de Davi, justamente, de suas obras poéticas, a mais apreciada.

A vós
Senhor,
Meu Deus
De Amor,
Minhalma
Implora
A salvação!

Meu Pai,
Que mal
Andei,
Buscando
O êrro
E a imperfeição;

Assim
Pequei,
Na treva
Errei,
E jus
Eu fiz
A expiação.

Vós sois,
Porém,
Farol
Do Bem!
Ouví
Dos céus
Minha oração.

Sois vós
A luz
E junto
À cruz
Do meu
Sofrer,
Quero o perdão;

Perdão
Que traz
Sossêgo
E paz —
Ao meu
Viver
Na provação.

Suplico-o
 A vós,
 Na dor
 Atroz,
 Amara
 E rude
 Da contrição!

Dai ao
 Meu ser,
 Aflito
 Ao vêr
 O seu
 Pecado,
 A redenção:

E hei de
 Poder,
 Feliz
 Vencer
 Do mal
 Cruel
 O atroz dragão!

VERSAO DO SALMO 12

SOUZA CALDAS.

Senhor dos Mundos, na Terra inteira,
 Os maus sómente é que dominam;
 Rudes tiranos e os impiedosos
 De coração.

Ganham favores, buscam louvores,
 Espesinhando seus semelhantes,
 Tripudiando nas vossas leis,
 Ímpios que são.

Causam a ruína da vossa casa,
 Lançam injúrias ao vosso nome,
 Adoradores da iniquidade,
 Da imperfeição.

Vossas ovelhas são confundidas,
 E sufocadas pelo amargor,
 Fracas e pobres andam saudosas,
 Do vosso amor.

São elas tôdas, pobres e humildes,
 Glorificai-as, meu Criador!
 Alevantai-as do abismo escuro
 Com a vossa luz!

Vossa bondade, imensa e eterna,
 E' a esperança dos pecadores;
 Pai amoroso, salvai os homens,
 Confio em vós!

VERSÃO DO SALMO 18

SOUZA CALDAS

Por tôda a parte
 Veja a criatura,
 Na noite escura
 Da sua dor,
 A eterna fôrça
 De um Deus clemente,
 Onipotente,
 Cheio de amor.
 Astros e mundos
 No céu girando,
 Aves cantando
 O mar e a flor,
 Todos os sêres
 Hinos entoem,
 Cantos ressoem
 Ao Criador!
 Eterno Artífice
 Que os sóis modela,
 Lustres da auréola
 Da Criação;
 Sois a bondade
 A mais perfeita,
 A Luz Eleita,
 A salvação.
 Doce refúgio
 Dos desgraçados,
 Aos meus pecados
 Muitos que são;
 Imploro e clamo,
 Com o meu esp'rito
 Turbado e aflito,
 Vosso perdão.
 Que desprezei,
 O ouro brilhante,

Lindo e faiscante,
 Bem sei, Senhor!
 Como fugi
 Da hora fugace
 Que me afastasse
 Do vosso amor!
 Mas bem sabeis
 Que a carne impura
 Leva a criatura
 A mais pecar;
 Fazendo assim
 P'ra meu tormento,
 Meu pensamento
 Prevaricar.
 Porém, o vosso
 Amor profundo
 Redime o mundo
 Do padecer;
 Dando-lhe o tempo
 E áspera lida
 Para na vida
 Tudo vencer.
 Vós que acendestes
 Faróis brilhantes,
 Sóis rutilantes
 Dalmo esplendor,
 Cantando a vida,
 A onipotência
 E a pura essencia
 Do vosso amor!
 Que sois o sol
 Dos universos,
 Mundos dispersos
 Na imensidão,
 Além da fôrça
 Vós sois, também,
 O sumo bem
 E a perfeição
 Que vence o mal,

O orgulho e a dor,
 Que o pecador,
 No coração
 Guarda com zêlo,
 Cruéis imigos,
 Que são amigos
 Da perdição.
 Misericórdia,
 Assim espero,
 Almejo e quero
 Para que eu
 E os meus irmãos,
 O mal deixemos
 E abandonemos
 Buscando o céu.
 Por vossa causa
 O maior gozo,
 Esplendoroso,
 Desprezarei;
 Para que eu viva
 Na luz fulgente,
 Eternamente,
 Da vossa lei.
 Assim, Senhor,
 Minhalma aguarda,
 A luz que tarda
 Ao mundo vão,
 Que há de esplender
 Nos homens todos,
 Limpando os lódos
 Da imperfeição.
 Dominareis
 Tôda a impiedade
 Pela verdade
 Que em vós transluz!
 E, servo, aguardo
 Do vosso amor,
 Consólo à dor,
 Amparo e luz!

MEDITANDO

UM DESCONHECIDO.

Eu fui daquelas almas que viveram
 Sem conhecer da Terra os paraísos,
 Que, sómente a amargura dos sorrisos,
 Pela noite das dores conheceram.

Não que eu fôsse infeliz e desditoso,
 Pois fui também humano entre os humanos,
 E através dos meus dias, dos meus anos,
 Se eu quisesse gozar, teria o gozo.

E' que ao sentir no âmago do peito,
 A atitude do homem nessa vida,
 Coração enganado, alma iludida,
 Afastado do Puro e do Perfeito, —

O meu ser que sonhara a humanidade —
 Qual um ramo de flores perfumosas,
 Viu as almas tremerem, desditosas, —
 Sob o pêso da própria iniquidade.

E isolado nos grandes sofrimentos
 De ser só, na aspereza dos caminhos,
 Encontrei o prazer pelos espinhos,
 Ao trilhar os carreiros dos tormentos.

Pois no mundo pequeno da minha alma,
Quando em dor me envolvia a desventura,
Eu vislumbrava a luz brilhante e pura
Que me trazia a paz, bonança e calma:

— Era a luz que me vinha da visão —
De ver o Cristo-Amor, entre cansaços,
E tinha então prazer de ver meus braços
Enlaçados na cruz da provação.

O NOBRE CASTELÃO

UM DESCONHECIDO.

No interior
Do esplêndido alcaçar,
Agonizava o senhor —
Dos domínios extensos.
O dono do solar
Nos espasmos intensos
Da agonia,
Em tórno dirigia
Um último olhar,
E viu, então,
O seu brasão
Invicto e glorioso,
Insculpido nas fúlgidas realezas
Do castelo formoso,
Transbordante de glórias e riquezas!

Mais alongando a vista,
Viu-lhe o feito da esplêndida conquista
Nas grandiosas searas,
Que, em suas mãos avaras
Foram armas cruéis, destruidoras,
Martirizando as almas sofredoras.
Contemplou seus tesouros passageiros
E em espasmos convulsos, derradeiros,
Opresso o coração,

Mergulhado no pranto mais profundo
 Expirou para o mundo,
 O nobre castelão.
 A sua alma despida das grandezas, —
 Das terrenas, efêmeras realzas,
 Bem após o transcurso de alguns anos
 De triste letargia,
 Foi um dia

Despertada em amargos desenganos:
 Conturbado por agros dissabores,
 Contemplou seu solar
 Ocupado por outros moradores...

A exclamation,
 Estranhou revoltado,
 Que ninguém acudisse ao seu chamado.
 E em atitude austera,
 Tomado de energia,
 De cólera severa
 Já que êle era o senhor,

Reclamou os seus servos com calor
 E, entretanto, nenhum lhe obedecia.

Imerso em confusões,
 Sómente, às vèzes, —
 Escutava nos ditos mais soezes —
 Terríveis maldições

Das vítimas de antanho!
 E o sofrimento era tamanho
 Em ser incompreendido,
 Que se julgou perdido
 Irremessivelmente.

Assim, constantemente,
 Durante o transcorrer de muitos dias,
 Conservou-se naquelas cercanias
 Como prèsa feroz

Do sofrimento atroz,
 De continuos pesares e agonias...

Todavia,
 O pobre sofredor

No auge do amargor,
 Recordou-se que havia
 Um Pai Onipotente,
 E cheio de fervor,
 Humilde penitente,
 Implorou seu amor
 Numa súplica em lágrimas de pena.

Sua alma sofredora
 Sentiu-se então mais calma e mais serena,
 Penetrada de doce claridade,
 De luz confortadora,
 Que provinha de alguém
 Que lhe fazia

Meditar na grandeza da Verdade
 E lhe dizia

Da beleza do Amor, da Luz, do Bem: —
 “O que sofres, amigo, é a consequência
 Da equívoca existência
 Que levaste,

Já que sem piedade, aniquilaste
 Muitas almas e muitos corações,
 Que têm para ti neste momento
 De amaro sofrimento,
 Sómente maldições.

Por que é que aquelas flores tão formosas
 Que na terra colheste,

Nunca as ofereceste
 As almas desditosas?

Por que não concedeste um só bocado
 Do teu pão abundante
 Ao pobre esfomeado?

Ocupando-te em gozo, a todo o instante,
 Jamais vestiste os nus, nem consolaste
 Aquêlê que sofria:

Desprezavas o fraco e nunca amaste
 Quem de ti carecia!

A caridade,
 O sentimento-luz, a flor-tesouro,

Não tiveste em teus dias de maldade
 No grande sorvedouro!
 Porém, o Deus de Amor
 E' sempre o magnânimo Senhor,
 E permite que voltes aos humanos,
 Para que se dissipem teus enganos.
 No amargor —
 Voltarás,
 Porém, já não terás
 Efêmeras venturas;
 Serás agora escravo e não senhor...
 Conhecerás
 As dores e amarguras,
 As mágoas escabrosas
 Pelas estradas rudes e espinhosas!

Abençôa o Senhor
 Que te concede a dor,
 Para assim compreenderes
 Que os reais e legítimos prazeres
 Que da vida nos vêm,
 Não residem no Mal e sim no Bem."

NESGA DE CÉU

UM DESCONHECIDO.

A alma extasiada
 Sobe... sobe...
 Há tôda uma amplidão iluminada
 A sua vista...

A estrada
 E' uma etérea alfombra
 Sem resquícius de sombra!
 E' o domínio da luz que ela conquista!

Vibra no ar
 Dulcíssima harmonia,
 Como se fôra feita
 De luar,
 De alegria...
 De alegria perfeita.

Parece um hino de amor
 Dos Paganinis siderais,
 A ventura, o fulgor,
 Transformados em notas musicais.

Além, fulguram sóis;
Em tudo há um misto
Nunca visto
De manhãs e arrebóis.

Aos clarões dessa aurora,
A alma chora
Em êxtase profundo.

E lembra-se que sofreu,
Que amou, que padeceu.

Ao longe, muito ao longe,
O mundo
E' um ponto negro que gira...

Ainda além, mais além,
A Via-Láctea transluz,
Como um éden de luz
E de amor.

Nesgas do céu, imagens de esplendor,
Cenários majestosos,
Soberbas harmonias
Nos mundos luminosos!

Sêres que passam rápidos, flutuantes,
Sorridentes, radiantes,
Nos espaços sem termos, onde a vida
E' a imortalidade
Anelada, querida,
De pureza, de beleza,
De perfeição e de felicidade!

Em baixo as vastidões,
Em cima as emoções
Do Ilimitado.

Atrás a noite e as mágoas de agonia
Do passado;
E em frente,
Um futuro esplendente
Pintalgado de rosas,
Da mais pura alegria.

Feito de éter, de sonho,
O caminho é risonho,
Recamado de flores perfumosas.

Melodia, luz, aroma!...
De repente,
Numa nesga de céu resplandecente
Assoma
Uma rútila esfera,
Como um país de doce primavera
Intérmina de gozos!...

A alma se extasia
Na luz do Eterno Dia.
Com os pensamentos puros e radiosos,
Ora a Deus:

Lembra dos sofrimentos seus,
Evoca as lágrimas vertidas!
Contempla panoramas de outras vidas,
Vidas de estranha dor...

Mas cada gôta amarga dos seus prantos

Agora,
 E' um raio de aurora
 Que, um a um,
 Vão formando uma auréola
 De brilhos santos,
 Que a engrinalda de luz.

Em suavíssima unção,
 A pobre alma orando,
 Nessa prece
 Reconhece
 A alvorada de sua redenção!

AOS MEUS IRMÃOS



VALADO ROSAS

Nasceu em Viana do Castelo, Portugal, em 1871. Veio para o Brasil com 14 anos e aqui viveu, poetou e desencarnou, na cidade de Caratinga, aos 19 de janeiro de 1929. Seu nome é Lázaro Fernandes Leite do Val. Modesto quão talentoso, foi também um polemista e doutrinador vigoroso, que ilustrou o pseudônimo na imprensa profana e doutrinária do Brasil e de sua pátria.

Sob as estrêlas da minha crença,
 Cansado e triste cerrei meus olhos
 Dentro da noite que é para muitos
 Um mar bravo, cheio de escolhos.

Quando no mundo de exílio e sombra,
 Habituei-me com as invernias
 E com os reveses da minha sorte,
 Na luta intensa que encheu meus dias.

E' que o Evangelho do Cristo amado,
— O mensageiro da Perfeição,
Nas horas tristes e amarguradas,
Esclarecia meu coração:

Não sou, no entanto, quem vá mostrar —
As maravilhas que êle fornece,
Quando escutamos as vozes claras
Da consciência, na luz da prece.

E então, eu pude adormecer
Na paz serena, doce e cristã,
Abrindo os olhos tranqüilamente
Numa alvorada linda e louçã.

Vós, que ficastes no mundo ingrato,
De quem me lembro na luz do Além,
Lede o roteiro dos evangelhos...
E a paz na morte, tereis também.

NA PAZ DO ALÉM

VALADO ROSAS.

Dentro da noite grandiosa e calma,
Deixo a minh'alma falar aqui,
Aos companheiros de luta e crença,
Da graça imensa que recebi.

Graça divina de haver sofrido,
De ser vencido no mundo vão,
Graça de haver sorvido tanto
O amargo pranto da ingratidão.

Na vida obscura e transitória, —
A nossa glória vive na dor,
Dor de quem sofre sonhando e espera,
Com fé sincera, no Pai de Amor.

Subi o Gólgota dos meus pesares,
Que os avatares da redenção —
São todos feitos nas amarguras,
Nas desventuras da provação.

Perdi na Terra doces afetos,
Sonhos diletos de sofredor,
Mas, recebendo na grande escola
A grande esmola do meu Senhor.

E a Morte trouxe-me a liberdade,
A piedade, o amparo e a luz!
Feliz quem pode na dor terrestre
Seguir o Mestre com a sua cruz.

FIM

NOTAS

(1) Esta poesia singela e, por assim dizer, intimamente pessoal, foi recebida em circunstâncias imprevistas e timbra episódios velhos de mais de 30 anos, que o médium não podia conhecer, atento mesmo a sua banalidade. *Singelos* e *Aves Implumes* são títulos de dois pequenos volumes de versos publicados em começos do século. *Carlota* é o nome da esposa do poeta cego, também cegada de uma vista, por acidente, depois de casada.

(2) Este e outros sonetos de Cruz e Souza foram por ele mesmo traduzidos magistralmente em Esperanto, e as traduções ditadas ao médium Francisco Valde Lorenz que no-las remeteu. Por supormos fato inédito, ceixámo-lo aqui registado. Essas traduções mediúnicas de versos em Esperanto serão publicadas em volume já em preparação.

(3) Esta produção surgiu de improviso no curso de uma reunião familiar em que se não cogitava de assuntos espíritas. O poeta desencarnou no século passado e o médium é dèste século; e conquanto fósse intelectual de prol, a seu tempo, é hoje um nome esquecido fora dos meios culturais. Ninguém ali o conhecera nem dêle se lembraria, exceto uma senhora que, em menina lhe assistira os funerais, em Vassouras, onde êle tem precioso jazigo, oferecido pela população local. Outra circunstância curiosa é a semelhança dos seus traços fisionômicos com o locutor que discorria sôbre a genialidade de Beethoven.

